

**ANTONIO RICHARD CARIAS**

**UMA COMPREENSÃO WINNICOTTIANA SOBRE  
O SOFRIMENTO DE FILHOS DE ALCOOLISTAS**

**PUC - CAMPINAS**

**2018**

**ANTONIO RICHARD CARIAS**

**UMA COMPREENSÃO WINNICOTTIANA SOBRE  
O SOFRIMENTO DE FILHOS DE ALCOOLISTAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia do Centro de Ciências da Vida – PUC – Campinas, como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia como Profissão e Ciência.

Orientadora:  
Profa. Dra. Tânia Mara Marques Granato

**PUC - CAMPINAS**

**2018**

Ficha catalográfica elaborada por Vanessa da Silveira – CRB 8/8423  
Sistema de Bibliotecas e Informação – SBI – PUC-Campinas

t616.861 Carias, Antonio Richard.  
C277c Uma compreensão winnicottiana sobre o sofrimento de filhos de alcoolistas/ Antonio Richard Carias.- Campinas: PUC-Campinas, 2018. 164f.

Orientadora: Tânia Mara Marques Granato.  
Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Programa de Pós-Pós-Graduação em Psicologia  
Inclui bibliografia.


1. Alcoolismo. 2. Pais e filhos. 3. Psicanálise. 4. Sofrimento. I. Granato, Tânia Mara Marques. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

CDD - 22. ed. t616.861

ANTONIO RICHARD CARIAS

UMA COMPREENSÃO WINNICOTTIANA SOBRE O  
SOFRIMENTO DE FILHOS DE ALCOOLISTAS

BANCA EXAMINADORA



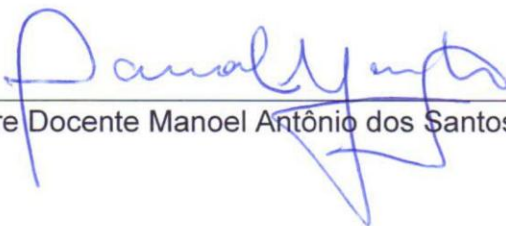
---

Presidente Prof<sup>ª</sup>. Dra. Tânia Mara Marques Granato



---

Prof<sup>ª</sup>. Livre Docente Tânia Maria José Aiello-Vaisberg



---

Prof. Livre Docente Manoel Antônio dos Santos

PUC – CAMPINAS

2018

Dedico esta Dissertação de Mestrado a todos os profissionais que trabalham para a promoção da saúde e da qualidade de vida para as pessoas alcoolistas e seus respectivos familiares.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos meus pais e avós, que sempre me incentivaram a estudar e, apesar das dificuldades, facilitaram condições objetivas para a realização dos meus sonhos. Me inspiro no exemplo de minha mãe, dona "Dil", mulher guerreira, amorosa e sensível! Muito obrigado!

À Profa. Dra. Tânia Mara Marques Granato, minha orientadora. Agradeço pela orientação segura, pelo apoio constante, pelas leituras recomendadas, pela sensibilidade e principalmente por acreditar e confiar no meu trabalho! Sou eternamente grato!

Agradeço ao nosso subgrupo de pesquisa orientado pela Profa. Dra. Tânia M. M. Granato pelas discussões de textos e reflexões metodológicas! O constante apoio fornecido pelo subgrupo foi fundamental! Agradecimentos à Letícia Jóia Ribeiro, Sofia Creato Bonfatti, Mariana Biffi Carvalho Gomes, Vivian Mazzini Pekny, Matheus José da Silva, Marina Autuori, Thayane Lopes Diniz, Michele Carmona Aching e Cleber José Aló Moraes!

À Profa. Livre Docente Tânia Maria José Aiello-Vaisberg pelas discussões em aulas, pelo diálogo constante nas leituras dos textos e pelas valiosas contribuições na banca de qualificação e defesa da Dissertação de Mestrado.

Agradeço ao Prof. Livre Docente Manoel Antônio dos Santos pelas valiosas contribuições na banca de defesa da Dissertação de Mestrado.

À Profa. Dra. Vera Engler Cury pelas valiosas contribuições na banca de qualificação de Mestrado.

À Profa. Dra. Márcia Hespanhol Bernardo pelas discussões em aulas e pelas conversas sobre o meu projeto de pesquisa.

À Profa. Dra. Cristiane Maretti Marangoni Valli pela oportunidade de estudar psicanálise em suas aulas.

À Profa. Dra. Silvana Cardoso Brandão, Profa. Dra. Diana Tosello Laloni, Profa. Dra. Maria Adelina Biondi Guanais e Profa. Dra. Berenice Victor Carneiro pela admiração e carinho.

À Silvana Dias Coelho, amiga fiel, que no passado foi minha professora de História na escola. Obrigado por nossa amizade! Agradeço o seu incentivo e apoio seguro para as demandas da vida e para os estudos acadêmicos e de pesquisa!

À Izabella Cardoso da Silva, pela amizade e pelas calorosas discussões sobre cinema e psicanálise! Lembranças carinhosas do nosso projeto pessoal de vida acadêmica!

À Eberson dos Santos Andrade, grande amigo, pelo compartilhamento de conhecimentos e angústias no percurso do Mestrado. Obrigado pelo ombro amigo!

À Margarida Sândalo, pela amizade e pelos ricos diálogos interdisciplinares! Agradeço as sugestões para esta pesquisa!

À Rômulo Lopes da Silva, pela amizade, pelo ombro amigo e pelas conversas altamente produtivas sobre paradigmas e teorias na Psicologia!

À Murilo Fernandes de Araújo, pela amizade e pela ajuda na formatação desta Dissertação de Mestrado.

Agradeço ao grupo de amigos da graduação em Psicologia, que carinhosamente chamamos de "Time". Tatiane Luz, Luísa Roselli, Guilherme Valli, Renan Afonso, Alexandre Ferro, Natália Melo, Marcella de Souza, além do Eberson e do Murilo já citados. Obrigado!

Agradeço aos Grupos Familiares de Alcoólicos Anônimos do Brasil (AL-ANON) pelo constante apoio na realização deste trabalho. Muito obrigada!!!

Agradeço à Pontifícia Universidade Católica de Campinas e ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia pela estrutura para a confecção desta pesquisa.

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) pela bolsa de Mestrado concedida que possibilitou a realização deste estudo.



*"Objetivo ser eu mesmo e me portar bem"*

*(Winnicott, 1962/1990c, p.152)*

## RESUMO

Carias, A. R. (2018). Uma compreensão winnicottiana sobre o sofrimento de filhos de alcoolistas. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas. 164p.

Os filhos de alcoolistas vivenciam dificuldades no âmbito familiar, particularmente quando a violência doméstica, as dificuldades financeiras, a insegurança e a imprevisibilidade do ambiente são provocadas pelo alcoolismo parental. Diante deste cenário, o objetivo do presente estudo é compreender o sofrimento emocional de filhos adultos de alcoolistas vivido na relação com o progenitor masculino dependente de álcool. Para a efetivação desta proposta foram realizadas Entrevistas Transicionais com 12 filhos adultos de alcoolistas, cujo contato foi mediado pelos Grupos Familiares de Alcoólicos Anônimos do Brasil (AL-ANON). Considerando que este trabalho se insere no contexto de uma pesquisa qualitativa psicanalítica, fizemos uso do método psicanalítico e do recurso investigativo da Narrativa Interativa (NI), história fictícia que aborda o drama de um filho de alcoolista elaborada para este estudo. Cada entrevista foi registrada como Narrativa Transferencial (NT), na qual o pesquisador descreve o encontro e suas tonalidades emocionais. O material narrativo reunido pelas NI e NT foi analisado interpretativamente o que possibilitou a elaboração de quatro campos de sentidos afetivo-emocionais que foram discutidos na perspectiva psicanalítica winnicottiana. O primeiro campo, denominado de "Sua Majestade: o Alcoolista!", comunica a experiência de adaptação e submissão vividas pelos filhos diante da figura parental alcoolista; o campo "Papai, quem é você?" expressa a imprevisibilidade e a insegurança presentes na relação pai-filho; o campo, "Só me resta sobreviver!", aborda as estratégias defensivas dos filhos de alcoolistas que foram utilizadas para a sobrevivência psíquica e, finalmente, "Desejo ter nas mãos a minha história!" discorre sobre o desejo dos filhos resgatarem uma vida criativa e autêntica. Destaca-se que o sofrimento emocional comunicado nas entrevistas nos interpela sobre práticas clínicas e políticas públicas que objetivam cuidar psicossocialmente dessa população.

**Palavras-chaves:** Alcoolismo, Relações pais-filhos, Narrativa Interativa, Psicanálise.

**ABSTRACT**

Carias, A. R. (2018). A Winnicottian understanding of the suffering of children of alcoholics. Master's Thesis Dissertation, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas. 164p.

The children of alcoholics experience a series of difficulties in the family environment, particularly when domestic violence, financial difficulties, insecurities and the unpredictability of the environment are caused by parental alcoholism. Given this scenario, the objective of the present study is to understand the emotional suffering experienced in the parental relationship of adult children of alcoholic fathers. To accomplish this proposal, Transitional Interviews were conducted with 12 adult children of alcoholics, whose contact was mediated by the Family Groups of Anonymous Alcoholics of Brazil (AL-ANON). Considering that this work is part of a qualitative psychoanalytic research, we used the psychoanalytical method and the investigative resource of Interactive Narrative (IN), a fictional story elaborated for this study that deals with the drama of an alcoholic child. Each interview was recorded as a Transferential Narrative (TN), in which the researcher describes the encounter and its emotional tonalities. The narrative material gathered by the IN and TN was interpretatively analyzed, which enabled the elaboration of four fields of affective-emotional senses that were discussed in the Winnicottian psychoanalytic perspective. The first field, called "His Majesty: the Alcoholic!", communicates the experience of adaptation and submission experienced by the children before the alcoholic parental figure; the field "Dad, who are you?" expresses the unpredictability and insecurity present in the parent-child relationship; the field, "All that is left for me is to survive!" addresses the children's defensive strategies that were used for psychic survival, and finally "I desire to have my own story on my hands!" discusses the desire of children to rescue a creative and authentic life. It is worth noting that the emotional suffering reported in the interviews challenges us about clinical practices and public policies that aim to psychosocially care for this population.

**Keywords:** Alcoholism, Parent-child relationship, Interactive Narrative, Psychoanalysis.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AL-ANON	Grupos Familiares de Alcoólicos Anônimos do Brasil
CEBRID	Centro Brasileiro de Informações sobre Álcool e Drogas
DCNT	Doenças Crônicas Não-Transmissíveis
ET	Entrevista Transicional
FAA	Filhos Adultos de Alcoolistas
GENACIS	Gender, Alcohol and Culture: an Internacional Study
NI	Narrativa Interativa
NT	Narrativa Transferencial

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b> .....	VIII
<b>ABSTRACT</b> .....	IX
<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	13
<b>CAPÍTULO 1: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	16
<b>CAPÍTULO 2: INTRODUÇÃO</b> .....	23
2.1 <i>O alcoolismo e a pessoa que é dependente de álcool</i> .....	23
2.2 <i>O sofrimento das famílias de alcoolistas</i> .....	28
2.3 <i>O sofrimento emocional dos filhos de alcoolistas</i> .....	34
<b>CAPÍTULO 3: ESTRATÉGIA METODOLÓGICA</b> .....	42
3.1 <i>A pesquisa qualitativa como abordagem metodológica</i> .....	42
3.2 <i>Pesquisa e Psicanálise: o método psicanalítico</i> .....	44
3.3 <i>A Entrevista Transicional</i> .....	48
3.4 <i>O processo de narrar e as Narrativas Interativas</i> .....	50
3.5 <i>Os Grupos Familiares Al-Anon do Brasil</i> .....	53
3.6 <i>Procedimentos éticos e técnicos para a confecção desta pesquisa</i> .....	55
<b>CAPÍTULO 4: NARRATIVAS TRANSFERENCIAIS E INTERATIVAS</b> .....	56
<i>Mariana</i> .....	57
<i>Vanessa</i> .....	63
<i>Fernando</i> .....	68
<i>Rosa</i> .....	73
<i>Gabriel</i> .....	80
<i>Alessandra</i> .....	85
<i>Michele</i> .....	88
<i>Joana</i> .....	91
<i>Hortência</i> .....	98
<i>Aline</i> .....	102
<i>Alfredo</i> .....	106

<i>Selma</i> .....	110
<b>CAPÍTULO 5: INTERLOCUÇÕES REFLEXIVAS</b> .....	116
5.1 <i>Sua Majestade: o alcoolista!</i> .....	118
5.2 <i>Papai, quem é você?</i> .....	126
5.3 <i>Só me resta sobreviver!</i> .....	135
5.4 <i>Desejo ter nas mãos a minha história!</i> .....	143
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	147
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	149
<b>ANEXOS</b> .....	161

## APRESENTAÇÃO

Durante a minha formação como psicólogo interessei-me pelo campo de trabalho em Saúde e Políticas Públicas, no qual aprendi e desenvolvi uma compreensão de cuidado emocional articulado com a realidade social, ou seja, uma leitura segundo a qual o sofrimento emocional de um indivíduo e/ou coletivo está entrelaçado às condições concretas de existência e socialização.

Com as experiências clínicas nos estágios de Psicologia Hospitalar, Psicologia Clínica e em uma extensão universitária no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) observei que o problema do alcoolismo é frequente na vida do brasileiro e dá origem a histórias de intenso sofrimento familiar. Nessas histórias predominavam as agressões físicas, as situações de humilhação, ansiedade e medo, mobilizando-me emocionalmente para compreender aquela experiência.

Diante da alta incidência de alcoolismo na população brasileira (Carlini, 2006b) questionei-me sobre os impactos das experiências relacionais com o membro dependente sobre os familiares, particularmente os filhos, visto que estes nascem e crescem em um ambiente marcado pela instabilidade emocional e financeira (Souza & Carvalho, 2005; Souza & Carvalho, 2012).

A família do alcoolista vivencia intenso sofrimento emocional, sendo que os filhos de alcoolistas vivem impasses e sofrimentos associados à condição de dependência química de seus pais (Mangueira & Lopes, 2014). Fatores como a qualidade dos cuidados recebidos na infância, o *insight* sobre a situação dramática de vida e os recursos afetivo-emocionais que esses filhos desenvolvem chamaram a minha atenção enquanto discente no curso de Mestrado em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

É relevante destacar que também chamou a minha atenção o aumento da incidência do alcoolismo em função dos impactos da atual crise econômica (Folha de São Paulo, 2016) e que, embora o alcoolismo seja reconhecidamente um problema de saúde pública no Brasil e no Mundo observei que há poucos estudos compreensivos que abordam a experiência emocional dos filhos de alcoolistas. Mobilizado pelos efeitos devastadores do alcoolismo sobre a família do alcoolista, que igualmente sofre, concluí pela necessidade de realizar minha pesquisa de Mestrado nesta área, com a possibilidade de formulação de

serviços que possam atender a essa população (Woodside, 1988). Deste modo, reconhecendo a necessidade de antes compreender o vivido, a partir da vida concreta das pessoas (Politzer, 1928/1998) me questionei: Quais são os sentidos da experiência de ser um filho de alcoolista?

Por meio deste questionamento busquei compreender essa experiência através de um paradigma teórico-metodológico que contemplasse interessantes discussões sobre a vida concreta/social e a experiência emocional dos indivíduos. A interlocução entre o filósofo marxista Georges Politzer, o psicanalista argentino José Bleger, o psicanalista inglês Donald D. Winnicott e as reflexões metodológicas do psicanalista brasileiro Fábio Herrmann (Aiello-Vaisberg, 2004; 2012; 2014) foram heurísticamente fecundas para a realização deste estudo<sup>1</sup>.

Diante do exposto, esta dissertação apresenta, no capítulo 1, a fundamentação do paradigma teórico-metodológico com o objetivo de esclarecer ao leitor os alicerces que sustentam a compreensão psicológica adotada neste estudo; no capítulo 2, discorre-se sobre um panorama de estudos científicos que abordam o sofrimento da pessoa que é alcoolista, dos familiares e particularmente dos filhos de alcoolistas. O capítulo 3 contém a estratégia metodológica para a elaboração deste trabalho, destacando-se o uso do método psicanalítico, do recurso investigativo da Narrativa Interativa (NI) e do procedimento de registro que é a Narrativa Transferencial (NT). No capítulo 4 são apresentadas as NT das entrevistas com os desfechos das NI elaborados pelos participantes. O capítulo 5 apresenta uma interlocução reflexiva sobre a experiência emocional de uma personalidade coletiva: os filhos de alcoolistas que sofrem em função do alcoolismo paterno<sup>2</sup>.

A compreensão da experiência emocional deste público sugere a necessidade de estudos que possam subsidiar a elaboração de políticas

---

<sup>1</sup> A interlocução heurísticamente fecunda entre o pensamento de Politzer (1928/1998), Bleger (1963/1984), Winnicott (1971/1975a) e as reflexões metodológicas de Herrmann (1979/2001) aconteceram nas discussões do Grupo de Pesquisa "Psicopatologia, Psicanálise e Sociedade" coordenado pela Profa. Livre Docente Tânia Maria José Aiello-Vaisberg e sediado no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Essa interlocução de autores possibilitou a fundamentação teórico-metodológica para a criação das Oficinas Psicoterapêuticas *Ser e Fazer* do IPUSP.

<sup>2</sup> O conceito de personalidade coletiva refere-se a fenômenos e/ou experiências vividas por coletivos (Aiello-Vaisberg, 2004).



públicas, de práticas profissionais em serviços de assistência ao alcoolista e sua família, assim como contribuir para o desenvolvimento de sensibilidade clínica ao nível de formação individual e/ou coletiva.

## CAPÍTULO 1: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Escrever uma fundamentação teórica é apresentar ao leitor os marcos referenciais que guiarão as reflexões sobre o material de pesquisa. Trata-se de clarificar o paradigma adotado, através da explicitação de seu vocabulário, conceitos e problemas essenciais (Fulgêncio, 2013). Adotamos a psicanálise como teoria que sustenta nossa compreensão sobre o ser humano; contudo, concordamos com Mezan (2014) quando discute as dispersões geográficas, doutrinárias e institucionais<sup>3</sup> que, ao longo da história da disciplina, possibilitaram o surgimento de novas escolas, teorizações e práticas profissionais.

Podemos, nesse sentido, discutir a existência de diferentes psicanálises (Mezan, 2014) e compreender a evolução das escolas a partir do debate sobre o que é prioritário na disciplina. Entretanto, o “atravessamento de paradigmas” têm se destacado na literatura psicanalítica atual, acenando com a possibilidade de uma discussão produtiva entre as diferentes escolas teóricas (Figueiredo, 2009).

Nossa posição psicanalítica, se assim podemos denominá-la, acontece a partir da compreensão sobre o homem como um ser datado historicamente, imerso na cultura e em um determinado cenário político-econômico, vivendo o seu cotidiano de maneira dramática, tal como apontado por Politzer em suas críticas e reflexões sobre a psicanálise (1928/1998). O caminho reflexivo percorrido por este autor nos conduziu a eleger Winnicott como um interlocutor psicanalista fiel à dramática humana, visto que este, sem fazer uso da metapsicologia, elaborou uma psicanálise a partir de uma clínica sobre a vida concreta.

O argumento de Politzer (1928/1998) se fundamenta na duplicidade do discurso freudiano, no interior do qual duas compreensões se complementam ao mesmo tempo que se opõem. A primeira corrente discursiva parte do fato de que para elaborar a teoria sobre o psiquismo, Freud lançou mão de conceitos objetivantes, inspirando-se principalmente nas teorias da Física. Desse modo,

---

<sup>3</sup> Mezan (2014) discute a tríplice dispersão que a psicanálise viveu em sua história. As dispersões geográficas, doutrinárias e institucionais possibilitaram o surgimento de novas concepções e teorias ao longo do tempo. Para o leitor interessado recomendamos a leitura de “O Tronco e os Ramos: Estudos de história da psicanálise”.

constructos como “aparelho mental”, “economia psíquica”, “dinâmica psíquica”, “libido”, “ab-reação” e “pulsão” refletem a influência do positivismo na elaboração da psicanálise tal qual uma ciência natural. A segunda via discursiva tomada por Freud considera as experiências que os seus pacientes viveram como eventos singulares e dotados de sentido. Diferentemente dos médicos de sua época, Freud se interessou genuinamente pelo sofrimento das pacientes histéricas e atribuiu significado psicológico a condutas antes vistas como caóticas e sem sentido.

Politzer (1928/1998) observa que no processo de construção do conhecimento psicológico a teorização caminhou sempre no terreno da objetivação do viver, ou seja, da transformação de uma experiência em processos mentais<sup>4</sup>. Essa postura teórica, denominada pelo autor de psicologia clássica, afasta os psicólogos da vida como acontecimento humano e os conduz a práticas condizentes com uma visão reducionista do homem.

A metapsicologia e as abstrações da teoria psicanalítica, na concepção de Politzer (1928/1998) são objetivações do viver; resquícios das teses da psicologia clássica na obra freudiana. E, portanto, tornaram-se alvo de críticas do autor que as compreendeu como fruto da interpretação das experiências e dos sentidos humanos como processos mentais. Contudo, a grande revolução promovida por Freud seria a descoberta de que toda conduta humana, por mais bizarra que possa parecer é sempre dotada de múltiplos sentidos.

Em função destas reflexões, Politzer (1928/1998) argumenta que Freud inaugurou uma psicologia concreta com a psicanálise quando esta passa a compreender o ser humano como um indivíduo imerso em seus dramas, vivendo suas histórias e, construindo sentidos para interpretá-las. No drama humano, a vida cotidiana se faz presente, assim como as elaborações simbólicas e as condições concretas de existência, e encontra sua expressão

---

<sup>4</sup> Politzer (1928/1998) defende que, ao fazer uso da metapsicologia, a psicanálise ainda recorre aos esquemas conceituais da psicologia clássica baseada em processos mentais objetivantes. Nessa compreensão psicológica, o ser humano é determinado constantemente por forças psíquicas. Portanto, nessa teorização conceitos como experiência e criatividade são epifenômenos. Como solução a esse impasse, Politzer argumenta que a grande novidade em Freud é uma psicanálise hermenêutica, ou seja, que busca sentidos e não explicações deterministas como na Física ou Química do século XIX. Para o autor, a psicanálise contribui para o conhecimento do humano quando teoriza a partir da vida concreta, o que Politzer denomina em sua obra como um movimento em direção a uma psicologia concreta.

nas relações interpessoais, no trabalho, nas dúvidas existenciais e nas dificuldades inerentes ao viver<sup>5</sup>.

O próprio Politzer (1998/1928) considerou valiosas as contribuições da psicanálise para a compreensão dos fenômenos humanos, desde que apoiada nas narrativas dos pacientes, ou seja, em suas dramáticas de vida. Essa escolha rejeita as teorizações positivistas que com o seu perfil objetivante podem se tornar dogmáticas. Portanto, ao trabalhar com as narrativas dos pacientes somos impulsionados a considerar o drama como um acontecimento humano, dotado dos múltiplos sentidos que podem conduzir as condutas (Aiello-Vaisberg, 2004; 2014).

Diante dessas reflexões, a psicanálise de Winnicott (1971/ 975d; 1960/1993a; 1960/1990a; 1962/1990b) destaca-se como uma psicologia concreta ao narrar o percurso de todo ser humano em busca da integração e do amadurecimento emocional ao longo da vida (Aiello-Vaisberg, 2004; 2012). Sem a pretensão de fazer uma descrição da teoria de Winnicott sobre o amadurecimento emocional, apresentamos nesta fundamentação algumas ideias do autor que possibilitam reflexões, a partir de uma perspectiva teórica, para a compreensão da experiência emocional dos participantes. Ressaltamos que não adotamos uma concepção desenvolvimentista da obra de Winnicott, mas a compreendemos como uma psicanálise concreta que lida com o sofrimento humano a partir da perspectiva daquele que o vive, sem desconsiderar o seu contexto de vida.

Desse modo, torna-se fundamental apresentar a visão de homem com a qual a psicanálise winnicottiana trabalha. Para Winnicott (1971/1975a; 1971/1975b; 1971/1975c; 1971/1975d), o ser humano é essencialmente criativo, capaz de criar/encontrar sentidos para a sua existência, conforme a sua história pessoal e o cuidado ambiental recebido. Essa criatividade advém de um paradoxo, segundo o qual uma ilusão necessária, vivida quando o indivíduo era ainda um bebê, possibilitou a este a experiência de se sentir onipotente ao criar imaginativamente o seio materno. Esse processo de criar o seio da mãe quando dele necessitava possibilitou ao bebê encontrar a

---

<sup>5</sup> O conceito de Drama é compreendido por Politzer (1928/1998) como o fato psicológico por excelência. É a vida dramática e existencial apresentada pelos pacientes em seus relatos ao psicanalista. Essa seria, segundo o filósofo, a matéria-prima de uma psicologia concreta.

integração em momentos de desamparo e solidão, evitando o contato com agonias impensáveis. O tempo, o crescimento corporal e as falhas no cuidado dispensado à criança, possibilitaram a esta que gradualmente entrasse em contato com a alteridade do mundo, porém sempre mantendo em nível imaginativo a experiência da onipotência infantil (Winnicott, 1945 / 2000).

Essa experiência ilusória anteriormente mencionada é caracterizada como uma alucinação do bebê ao criar aquilo que necessita no momento em que encontra o cuidado materno. É justamente nessa “alucinação da realidade”, em que necessidade e satisfação se encontram, que repousa a experiência da sanidade de todo ser humano. Na concepção winnicottiana, portanto, a ilusão é a base para o contato com a realidade, preservando o sentido de continuidade de ser, o verdadeiro *self* e a criatividade existencial. Além do exposto, é por meio do conceito de ilusão que o trabalho de Winnicott nos revela as experiências da vida como paradoxos existenciais (Aiello-Vaisberg, 2004; 2012).

A criatividade em Winnicott é um conceito e refere-se à capacidade humana de viver experiências de modo pessoal e autêntico, o que é facilitado pela experiência de onipotência infantil do indivíduo (Winnicott, 1971/1975b). Dessa forma, uma pessoa criativa é aquela que vive uma vida autêntica, cuja adaptação ao mundo ocorre sem comprometer demasiadamente o seu modo de ser. Em contextos culturais, sociais e econômicos opressores, observa-se uma adaptação excessiva à realidade que impede a gestualidade espontânea e o exercício da criatividade em nível existencial (Winnicott, 1971/1975c), sendo que condições opressoras possivelmente favorecem o estabelecimento de estratégias defensivas contra a invasão da realidade.

Winnicott (1971/1975c) formula sua concepção de saúde mental fundamentada na criatividade que se manifesta pela espontaneidade de uma vida autêntica a qual é tomada como solo firme para o existir. O autor assim se expressa:

É através da apercepção criativa, mais do que qualquer outra coisa, que o indivíduo sente que a vida é digna de ser vivida. Em contraste, existe um relacionamento de submissão com a realidade externa, onde o mundo em todos os seus pormenores é reconhecido apenas como algo a que ajustar-se ou a exigir adaptação. A submissão traz consigo um sentido de inutilidade e está associada a ideia de que nada importa e de que não vale a pena viver a vida. Muitos indivíduos

experimentaram suficientemente o viver criativo para reconhecer, de maneira tantalizante, a forma não criativa pela qual estão vivendo, como se estivessem presos à criatividade de outrem, ou de uma máquina. Essa segunda maneira de viver no mundo é identificada como doença, em termos psiquiátricos. De uma ou de outra forma nossa teoria inclui a crença de que viver criativamente constitui um estado saudável, e de que a submissão é uma base doentia para a vida (Winnicott, 1971/ 1975c, p. 95).

Na compreensão de Winnicott (1945/2000; 1960/1990a; 1962/1990b; 1971/1975c; 1971/1975d) a saúde está relacionada à manutenção do sentido de continuidade de ser que é sustentado por um ambiente suficientemente bom, na medida em que este favorece a criatividade e a gestualidade espontânea, por meio da qual o verdadeiro *self* pode se manifestar. O oposto a essa concepção de saúde é a impossibilidade do existir autêntico, que implica na inibição dos gestos espontâneos que caracterizam a criatividade. Tal condição, em nível existencial, favorece o surgimento do falso *self* e a perda do sentimento de estar vivo e real no mundo<sup>6</sup>.

Nesse sentido, o brincar enquanto expressão criativa do *self* torna-se para Winnicott (1971/1975b; 1971/1975c) modelo para a compreensão da relação do indivíduo com a realidade, informando se este a vivencia de modo saudável. A capacidade para brincar ou a posição existencial brincante (Aiello-Vaisberg, 2012) significa a conquista de viver uma vida significativa e com sentido, mesmo diante dos pesares da realidade externa.

O brincar infantil e outros fenômenos da vida adulta que dele derivam têm lugar na terceira área de experiência humana: a transicional (Winnicott, 1971/1975a), a qual promove o diálogo entre as dimensões subjetiva e objetiva da realidade. É na transicionalidade que as pessoas vivem e significam a religião, as artes, a ciência, o trabalho, os afetos, dentre outras experiências humanas, constituindo-se como área de descanso das demandas da realidade, o que facilita os processos de integração. A transicionalidade participa dos eventos cotidianos e pode ser um poderoso recurso para o ajustamento afetivo-emocional em momentos de desamparo e dor (Winnicott, 1971/1975a).

---

<sup>6</sup> Aiello-Vaisberg (2012) discute que a impossibilidade da gestualidade espontânea e do exercício da criatividade é uma noção de psicopatologia que está implícita na obra de Winnicott.

Destacamos que o ambiente que não é suficientemente bom pode interagir de maneira negativa no drama de um indivíduo. As falhas deste ambiente podem ser compensadas por meio de defesas como as dissociações e o falso *self*. Embora uma vida defensiva permita a sobrevivência emocional, impede o gesto espontâneo, a criatividade e o viver autêntico (Winnicott, 1962/1990b; 1971/1975c). Na compreensão do autor, esse ambiente que é suficientemente bom nos é necessário durante toda a vida, porém, com níveis de adaptação diferentes, conforme a dependência de cada um. A qualidade desse ambiente tem relação com a manutenção ou interrupção do sentimento de continuidade de ser, cuja quebra provoca desamparo e pode desencadear agonias impensáveis.

De acordo com Fulgêncio (2015), Winnicott elaborou uma teoria que dialoga com o existencialismo moderno, visto que o psicanalista inglês pode ter recebido influências dessa corrente filosófica de pensamento. O autor descreve que conceitos como “ser”, “continuidade de ser”, noções de “verdadeiro e falso *self*”, concepção de saúde como “ser você mesmo”, dentre outros conceitos, caracterizam esse paradigma filosófico. Interessante destacar que Maslow (1962), ao descrever a Psicologia Humanista como uma terceira força nas correntes teóricas, destacou o conceito de “integração” como existencialista-humanista. O mesmo termo é utilizado por Winnicott (1958/1993; 1960/1993a) para descrever o princípio do amadurecimento emocional. Loparic (1995) relaciona o pensamento winnicottiano com a filosofia analítica existencial de Heidegger cuja discussão sobre a constituição do ser, diante do nada, e a possibilidade de uma vida autêntica e com sentido são recorrentes. Finalmente, também pontuamos o estudo de Chamond (2010) que argumenta que a teoria de Winnicott se aproxima da Daseinanalyse e de reflexões fenomenológicas.

Enfim, compreendemos Winnicott como um psicanalista original que, além de dialogar com o Existencialismo Moderno, apresenta uma interlocução fértil no âmbito da psicologia concreta de Politzer (1928/1998), ao renegar conceitos abstratos para trabalhar a subjetividade em termos dramáticos. Diante do exposto, o presente estudo se fundamenta na psicanálise de Winnicott, na medida em que se constitui como psicanálise dramática que atende aos pressupostos da psicologia concreta de Politzer (1928/1998). O

material de pesquisa, referente ao drama vivido pelos filhos adultos de alcoolistas, será interpretado a partir deste paradigma que teoriza sobre o valor de uma vida criativa e autêntica.



## **CAPÍTULO 2: INTRODUÇÃO**

Por meio desta introdução, o leitor é convidado a conhecer estudos científicos que abordam o impacto psicológico do alcoolismo parental sobre os filhos de alcoolistas e/ou os sentidos que estes atribuem aos conflitos vividos na relação parental. Ser filho de alcoolista é uma experiência que traz singularidades ao desenvolvimento emocional (Woodside, 1988), cujo conhecimento pode subsidiar, especialmente na área da saúde, a elaboração de práticas profissionais rigorosas e fundamentadas, direcionadas para o cuidado sensível, conforme as necessidades dos atendidos (Souza & Carvalho, 2005).

Inicialmente apresentamos ao leitor as características do alcoolismo e da pessoa que é dependente de álcool, visando contextualizar as relações e o ambiente de convivência em que filhos de alcoolista crescem. Na sequência, discorreremos sobre as experiências da família do alcoolista, com destaque para o sofrimento emocional dos filhos. No último tópico, abordaremos os impactos do alcoolismo parental sobre o processo de subjetivação desses indivíduos, particularmente na idade adulta.

### **2.1 O alcoolismo e a pessoa que é dependente de álcool**

Schuckit (2001) situa o alcoolismo como um problema de saúde pública, tendo em vista as altas taxas de incidência mundial e os consequentes agravos para a saúde daqueles que são dependentes. Pode ser compreendido como uma síndrome, a qual compreende tanto a necessidade de consumo quanto a apresentação de sintomas físicos e psicológicos em virtude do fenômeno da abstinência. A síndrome alcoólica, portanto, afeta a qualidade de vida do indivíduo tendo impacto negativo nas relações familiares e interpessoais, nas atividades laborais, além de provocar, com o decorrer do tempo, sintomas fisiológicos, cognitivos e dificuldades de ordem afetivo-emocional.

O álcool é uma substância depressora do Sistema Nervoso Central (SNC) e, como a maioria dos depressores, inibe a atividade nervosa e

apresenta alto potencial para o desenvolvimento de dependência<sup>7</sup>. Como o álcool é uma substância lícita, sendo, portanto, usada socialmente, constitui fator de risco para o desenvolvimento de dependência psicológica e física, considerando fatores individuais e/ou sociais para cada indivíduo (Whitbourne & Halgin, 2015). Diante do exposto, o governo federal brasileiro tem alertado a população e os equipamentos de saúde sobre os padrões e os riscos do consumo de álcool, particularmente em função da instalação dos quadros de abuso e dependência (Brasil, 2003; 2007).

A fim de compreender a conduta de beber, Schuckit (2001) propõe a construção de categorias nosográficas a partir da associação entre a frequência de uso de álcool e a necessidade psicológica e fisiológica da referida substância. A primeira categoria é denominada de *uso esporádico/social*, na qual o comportamento de beber acontece em eventos sociais, sem a existência de um padrão e/ou regularidade demarcada. Nesta condição, a pessoa não sente necessidade física ou psicológica da bebida. A segunda categoria nosográfica é o *abuso* e se caracteriza pelo agravamento do uso esporádico, quando a pessoa começa a apresentar padrões ou regularidade para beber durante um intervalo de tempo, além do consumo geralmente ser exagerado, o que pode favorecer situações sociais constrangedoras. Finalmente, a última categoria é a *dependência*. Nesta última condição, o indivíduo sente necessidade do álcool para alívio psíquico e fisiológico, apresentando conduta disfuncional, como por exemplo, no controle do desejo de beber.

Pode-se compreender o conceito de dependência como uma habituação e/ou uso compulsivo de uma substância visando satisfazer uma necessidade física ou psicológica em relação à droga (Kay, Tasman & Lieberman, 2002). Nesse sentido, a dependência psicológica diz respeito à necessidade do usuário fazer uso da substância para manter seu bem-estar e equilíbrio emocional enquanto a dependência física se refere à adaptação fisiológica do organismo ao uso crônico da droga (Schuckit, 2001).

A tolerância ao álcool é operada pelo organismo que, no estado de dependência da substância, faz uso de mecanismos adaptativos para manter a

---

<sup>7</sup> Além do álcool, os ansiolíticos, inalantes/solventes, barbitúricos e opiáceos também atuam como depressores (Schuckit, 2001).

homeostase e a consequente sensação de bem-estar. É relevante destacar que os efeitos do consumo de álcool no organismo estão associados à sua quantidade no sangue: em doses baixas, o álcool produz leve sonolência associada ao prazer; em doses médias, há desinibição comportamental e, em doses altas, há forte sonolência acompanhada de desorientação espaço-temporal (Kay, Tasman & Lieberman, 2002).

Ressalta-se que em doses muito elevadas de ingestão alcoólica a pessoa corre o risco de morte, dada a possibilidade de blecaute no Sistema Nervoso Central (SNC). O fenômeno da potencialização<sup>8</sup> pode colaborar para esse risco, visto que ao combinar com o álcool outras substâncias, a pessoa pode se expor a desagradáveis efeitos fisiológicos em que o desfecho pode vir a ser fatal. Uma combinação extremamente perigosa é associar o álcool com outro depressor, dado o seu impacto nas atividades neuronais (Whitbourne & Halgin, 2015).

Segundo Medronho et al. (2009) a pesquisa epidemiológica é fundamental para o planejamento de estratégias de promoção de desenvolvimento e saúde, auxiliando governos e instituições na organização de condutas. Carlini et al. (2002) discutem que, apesar de sua importância, os dados sobre consumo de álcool e outras drogas no Brasil foram desconhecidos durante séculos, ou seja, não haviam estudos epidemiológicos a nível nacional que fundamentassem as intervenções federais. Tal realidade se modificou em 2002 com o I *Levantamento Domiciliar sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil-2001*, financiado pelo governo federal em parceria com o Centro Brasileiro de Informações sobre Álcool e Drogas (CEBRID) da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Os estudos científicos que antecedem esse primeiro levantamento são escassos e parciais, pois refletem a realidade das localidades regionais em que se realizaram as pesquisas.

Estudos epidemiológicos em diferentes décadas vêm demonstrando que o problema do alcoolismo é antigo, frequente e afeta significativamente os brasileiros (Carlini et al., 2002), sendo que, dentre os referidos estudos, existem duas categorias: os levantamentos e os indicadores. Os levantamentos se caracterizam pela obtenção dos dados diretamente das fontes em que

---

<sup>8</sup> Potencialização é o uso combinado de álcool com outras substâncias. Os efeitos podem ser intensificados e até mesmo fatais ao organismo humano (Whitbourne & Halgin, 2015).

ocorre o consumo, como por exemplo, as pesquisas domiciliares com estudantes, crianças e adolescentes vulneráveis nas ruas, profissionais do sexo, dentre outros casos. No enquadre de pesquisa epidemiológica por indicadores, os respectivos dados são obtidos de forma indireta, isto é, através de instituições como hospitais, ambulatórios, mídias e institutos (Medronho et al., 2009).

De acordo com Carlini (2006a), os resultados do *I Levantamento* permitiram avaliar que a média de consumo de álcool da população geral do Brasil foi de 11,7%, apresentando diferenças entre as regiões do país. O autor discute que aspectos culturais modelam o comportamento de beber, exemplificando que na região sul há uma valorização do vinho, possivelmente associada com as culturas europeias que, no passado, ali se instalaram em virtude da imigração. Posteriormente, no ano de 2005, o CEBRID apresentou aos brasileiros o *II Levantamento*, que até o presente momento é o mais atualizado em pesquisa epidemiológica sobre o consumo de álcool e outras drogas na população geral (Carlini et al., 2006a).

Diante do exposto, Carlini et al. (2006b) afirmam que o *II Levantamento Domiciliar sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil* trabalhou com entrevistas em 108 cidades, acima de 200 mil habitantes. Nos resultados gerais que descrevem o perfil de consumo no país, observa-se que o álcool é a droga mais consumida, seguida pelo tabaco e pela maconha. Objetivando detalhar os achados, os autores descrevem a distribuição do uso das substâncias conforme dimensões temporais, o que originou três categorias: *uso no mês*; *uso no ano*; *uso na vida*. Por meio dessas categorias são apresentados os valores de uso de cada droga, possibilitando comparações. De acordo com os percentuais referentes ao consumo de álcool, observa-se que o *uso no mês* corresponde a 38,3%; o uso no ano foi 49,8% e o uso na vida de 74,6%. De acordo com os achados e a discussão da pesquisa, esses dados sugerem alto consumo de álcool na população brasileira.

Segundo Carlini et al. (2006b), por meio do número de pessoas que fazem consumo de álcool, é possível destacar o valor daqueles que fazem o uso dependente, o que corresponde a 12,3% dos participantes. Dentre os dependentes alcoólicos, a faixa etária com maior percentual foi entre 18 e 24 anos (19,2%). O estudo também indicou que o número de dependentes

masculinos é três vezes maior que o de dependentes femininos, sustentando a conclusão historicamente situada de que os homens bebem mais que as mulheres.

Dialogando com esses resultados, no *II Levantamento Domiciliar Sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil* também foi feita uma comparação entre os estudos de 2001 e 2005, obtendo-se resultados semelhantes quanto à categoria *dependência alcoólica*, sendo sua taxa de 11,2% em 2001 e 12,3% em 2005. Em ambos os estudos, foi observado que os homens consomem significativamente mais álcool do que as mulheres, em qualquer faixa etária, e apresentam maiores índices de dependência. Além do exposto, os dependentes alcoolistas apresentam valores significativos de problemas relacionais com familiares, amigos e no ambiente de trabalho, assim como problemas de saúde (Carlini et al., 2006b).

Whitbourne e Halgin (2015) argumentam que altas doses de álcool consumido de forma crônica têm efeito adverso sobre os sistemas cardiovascular, nervoso, endócrino e respiratório, interferindo no funcionamento das células, particularmente as que pertencem ao tecido nervoso. Por essa razão, o consumo de álcool é considerado fator de risco para a instalação de Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNT), podendo levar o dependente a sofrer de graves problemas de saúde.

O uso crônico e intenso de álcool favorece a instabilidade da pressão sanguínea e, conseqüentemente, a instalação de um quadro de hipertensão arterial, o qual está associado a doenças cardiovasculares severas (Stipp, et al., 2007). Altos índices de câncer de boca e faringe têm sido correlacionados com o uso abusivo/dependente de substância alcoólica (Carrad et al., 2007; Santos et al., 2011) e, dentre as doenças hepáticas, a cirrose, que se caracteriza pelo adoecimento do fígado devido à destruição de suas células. Diante da cronicidade dessa condição, o fígado pode ter suas funções comprometidas ou até mesmo paralisadas, levando o indivíduo a óbito (Portugal et al., 2015).

Silva e Enes (2013) discutem as implicações da síndrome de Wernicke-Korsakoff nas funções neurológicas, destacando o prejuízo das habilidades motoras e cognitivas. Além do comprometimento da saúde física, há que se considerar o sofrimento emocional que acompanha o cotidiano do alcoolista.

Felicissimo (2013) discute o impacto do estigma na subjetividade do alcoolista, apontando a desvalorização e a desmoralização social da qual a pessoa dependente de álcool é vítima. Diante desse contexto, o indivíduo pode vir a internalizar o estigma, constituindo um autoestigma, uma consciência negativa de si que afeta a autoestima e a autoeficácia em suas atividades, particularmente no trabalho. Felicissimo também observou que os alcoolistas têm dificuldades para expressar sentimentos e estabelecer relações saudáveis, visto o déficit nas habilidades sociais.

Maciel e Yoshida (2006) encontraram correlação entre alexitimia<sup>9</sup>, uso abusivo/dependente de álcool, depressão e neuroticismo, a partir de dois grupos amostrais, sendo o primeiro composto por 20 homens dependentes de álcool e o segundo por 20 homens não dependentes. Os autores concluíram que há significativa probabilidade de que as dificuldades do alcoolista para identificar e expressar emoções favoreça o surgimento, e até mesmo o fortalecimento, de sentimentos depressivos e de traços de neuroticismo, particularmente nos momentos de recaída da abstinência.

As referidas dificuldades promoveriam sentimentos de baixa autoestima no alcoolista e, possivelmente, fortaleceriam o ciclo vicioso da bebida com impacto negativo para o sujeito e sua família (Maciel & Yoshida, 2006; Silva-Júnior, 2012). Diante do exposto, a família se vê desamparada e apresenta padrões disfuncionais de conduta para manejar as experiências com o membro alcoolista (Souza & Carvalho, 2005; Trindade & Costa, 2012). Portanto, torna-se pertinente conhecer a família do alcoolista, descrevendo as suas características e os seus principais conflitos.

## **2.2 O sofrimento das famílias de alcoolistas**

Trindade e Costa (2012) argumentam que as famílias de alcoolistas apresentam disfuncionalidades, ou seja, dificuldades para organização, enfrentamento e superação de problemas do cotidiano. Discussões e brigas são elementos constantes, além da falta de comunicação e coesão que favorecem a imprevisibilidade do ambiente e a desestabilização familiar

---

<sup>9</sup> Alexitimia é uma dificuldade em descrever os próprios afetos. Desse modo, o indivíduo não consegue expressar-se emocionalmente, ou seja, falar sobre os próprios sentimentos.

(Mangueira & Lopes, 2014). O alcoolista, em função de seu ciclo vicioso, afeta as interações familiares, engendrando ansiedades e defesas nos demais membros (Silva et al., 2011). Diante desse cenário, o presente tópico visa apresentar pesquisas que abordam a experiência do alcoolismo na família em termos de seu impacto, discutindo as dificuldades interpessoais, a violência e o sofrimento emocional usualmente presentes nessa situação.

Mangueira e Lopes (2014) discorrem sobre a ideia de que o alcoolismo favorece uma disfunção familiar, quando analisam o conceito de “*família disfuncional*”, a partir do modelo metodológico de Análise de Conceito, em artigos científicos que tratavam da temática da disfuncionalidade. Foi realizada uma sistematização das compreensões sobre o referido conceito e os resultados foram organizados em três categorias: *antecedentes*, *atributos* e *consequentes*. A primeira categoria apresenta os elementos que propiciaram a emergência do alcoolismo na vida familiar; a segunda categoria permite a caracterização das relações familiares e finalmente, a terceira reúne os agravos em função da condição.

Na categoria *antecedentes* são apontados como fatores desencadeadores do alcoolismo o histórico de transtornos mentais nos dependentes de álcool, traços de personalidade, existência de abuso na infância, transmissão genética e histórico de alcoolismo na família. Na categoria *atributos*, a família disfuncional do alcoolista foi adjetivada em função de sua comunicação hostil, da falta de confiança entre os membros, do alto nível de conflito, dos prejuízos nas interações familiares e das dificuldades para a resolução de problemas. Os *consequentes*, por sua vez, estão associados à família e aos filhos. A família sofre com a instabilidade conjugal, divórcio, desemprego e desintegração familiar, enquanto os filhos podem recorrer a abuso de substâncias, desenvolver psicopatologias, baixa autoestima e distúrbios comportamentais. Finalmente, os sentimentos generalizados na família são de desconfiança, vergonha, baixa autoestima e repressão emocional (Mangueira & Lopes, 2014).

Souza e Carvalho (2005) e Trindade e Costa (2012) afirmam que as interações familiares do alcoolista assumem padrões disfuncionais de comunicação e conduta que, por sua vez, alteram a estruturação do cotidiano doméstico. Estresse e ansiedade tornam-se fatores sempre presentes nessas

relações, implicando prejuízos na saúde mental daqueles que convivem com o alcoolismo em casa. Uma dessas disfunções se dá quando o alcoolismo de um membro da família se transforma em um tipo de segredo familiar, particularmente o veto da comunicação sobre a existência do problema e a consequente dificuldade de conviver com um dependente na família (Woodside, 1988).

A persistência da expectativa de que a pessoa venha a abandonar a bebida alcoólica foi identificada e descrita por Teixeira et al. (2015) e por Lopes, Marcon e Decesaro (2015) ao entrevistarem familiares de alcoolistas. O referido sentimento de esperança, segundo a argumentação dos autores, teria a função de enfrentamento diante das condições adversas em que o familiar vive. Por meio dela, a luta contra o alcoolismo e suas consequentes disfuncionalidades na família adquirem um sentido, a partir do qual a vitória se torna uma possibilidade.

De acordo com Teixeira et al. (2015) há outras estratégias de enfrentamento que as famílias utilizam para manejar as experiências com o membro alcoolista. A primeira delas foi descrita pelos autores como a conduta de “acostumar-se” com a situação, visando diminuir o impacto negativo da experiência. Nesta condição, destaca-se o silêncio daqueles que, convivendo cotidianamente em um ambiente conflituoso, preferem se esquivar, objetivando sentir-se em paz.

Uma segunda estratégia apontada por Teixeira et al. (2015) é a busca de apoio social de outros familiares e amigos, embora os resultados do estudo indiquem dificuldades para a obtenção desse tipo de auxílio, devido ao preconceito e à estigmatização que a família do alcoolista sofre. Esse preconceito se manifesta inicialmente por piadas e fofocas e vai gradativamente afastando os familiares de alcoolistas do convívio, no sentido de seu isolamento social. Diante desse cenário de solidão, familiares de alcoolistas em tratamento recorreram aos serviços de saúde para orientação e apoio, destacando-se o Centro de Atenção Psicossocial (CAPs). Teixeira et al. discorrem, nesse item, sobre a importância do preparo técnico-profissional e da sensibilidade daquele que acolhe essa demanda de âmbito afetivo-emocional (Teixeira et al., 2015).



Lopes, Marcon e Deceraso (2015) observam que o alcoolismo e as dificuldades para o seu enfrentamento suscitam intenso sofrimento familiar e estratégias que visam a preservação da família e a manutenção da expectativa de cura, tais como a submissão às demandas e imposições do alcoolista.

As falas dos participantes revelam um grande sofrimento das famílias e usuários devido ao consumo e ao abuso de bebida alcoólica, levando ao desrespeito, violência, sentimentos negativos frente ao familiar que usa, mesmo de forma nociva, e que acaba afetando a todos os membros. Há ainda um afastamento do convívio social, na tentativa da preservação da família e adaptação a uma situação provocada pelo comportamento do membro dependente. Percebe-se que mesmo tendo aceitado a condição crônica da doença, vivenciando as frequentes recaídas, a família ainda mantém a esperança de cura, sobriedade e a reinserção do usuário na dinâmica familiar e social. (Lopes, Marcon & Descesaro, 2015, p. 27)

Silva et al. (2011) realizaram um estudo com cinco mulheres familiares de alcoolistas, objetivando compreender suas percepções no convívio com o dependente. Uma pergunta disparadora foi utilizada, questionando sobre a experiência de conviver com um membro da família alcoolista antes do tratamento no Centro de Atenção Psicossocial de Álcool e Drogas (CAPS AD). A análise das entrevistas possibilitou a elaboração de uma grande categoria temática nomeada como “*Conviver com o alcoolista: a experiência de familiares*”

A categoria supracitada é ilustrada pelo relato de uma das participantes sobre a embriaguez do marido e pai de suas duas filhas. A participante enfatiza que, após os primeiros goles, o comportamento do marido se alterou, manifestando desconfiança infundada, sentimentos persecutórios e agressividade. No cotidiano, a violência do cônjuge contra a esposa e as filhas se tornou rotina. Silva et al. (2011) ponderam que as marcas no corpo e no âmbito afetivo fortalecem o sentimento de impotência dos familiares de alcoolistas que são vítimas da violência doméstica. Os autores levantam a hipótese de que as filhas deste pai alcoolizado o viam como uma ameaça, não conseguindo estabelecer com ele uma relação autêntica e espontânea, mas defensiva.

Outra dificuldade apontada por Silva et al. (2011) diz respeito à frequente omissão do alcoolista de responsabilidades domésticas, como pagar

contas e cuidar de demandas familiares. Tal fato sobrecarrega o cônjuge que geralmente assume essas tarefas, além de cuidar do parceiro quando está embriagado. Entretanto, quando o alcoolista está sóbrio, ele é considerado uma excelente pessoa por seus familiares que assim seguem em seu discurso ambivalente.

Ainda de acordo com Silva et al. (2011), os familiares tendem a se afastar de atividades e eventos sociais em função de cenas vexatórias protagonizadas pelo membro alcoolista, o que vem potencializar o isolamento social da família. Dificuldades financeiras acentuam a precariedade desse ambiente de múltiplas vulnerabilidades, em razão do custo para manter o alcoolismo, além da falta de estabilidade do alcoolista no emprego. No entanto, Filizola et al. (2006) identificam o alcoolismo como o principal produtor de sofrimento familiar, mesmo em famílias já afetadas pela desestruturação financeira e pela vulnerabilidade social.

Uma outra vertente de estudos investiga a violência doméstica no contexto do alcoolismo, como é o caso de Oliveira et al. (2009) que convidaram 1.631 parceiros íntimos (VPI) a responder o inquérito *Gender, Alcohol and Culture: an Internacional Study* (GENACIS). O respectivo instrumento é composto por 15 seções que exploram demografia, contexto familiar, história familiar sobre o uso de álcool, rede social, experiência de trabalho, relações íntimas, sexualidade e comportamentos violentos do agressor.

Os resultados do estudo de Oliveira et al. (2009) indicam correlação positiva entre o comportamento de beber e a probabilidade de violência doméstica, sendo que as mulheres são maioria entre as vítimas (58,8%) e sofrem agressões mais graves que os homens. Dentre as mulheres agredidas, 49,9% foram empurradas, chacoalhadas ou agarradas; 42,9% foram estapeadas e, 12,1% apanharam com algum objeto nas mãos do agressor ou jogado em sua direção. O número de relatos descrevendo o uso pelo agressor de uma arma correspondeu a 25% do total, o que permite concluir que a violência contra a mulher é um fato na sociedade brasileira.

De acordo com Oliveira et al. (2009), apesar dos múltiplos fatores para a associação entre consumo dependente/abusivo de álcool e violência doméstica, os resultados do estudo indicam correlação entre violência e baixa renda familiar e baixa escolaridade/instrução dos homens agressores, visto que

a maior parte da amostra possuía menos de oito anos de escolaridade. Além disso, foi observado que a frequência das agressões é inversamente proporcional ao fator idade, o que foi interpretado como função do amadurecimento emocional do casal e a seleção de estratégias mais adequadas para a solução de problemas.

Na perspectiva da violência contra a mulher, o trabalho de Narvaz e Koller (2005) aborda a condição de assujeitamento das mulheres em relações abusivas na família e na sociedade. De acordo com as autoras, a sociedade contemporânea mantém um padrão histórico de sexismo que fortalece distintos papéis sociais para o gênero feminino e masculino. No âmbito feminino, os elementos culturais favorecem a subjetivação na mulher da condição de não-sujeito, ou seja, de ser menos sujeito que o homem. Esse padrão, transmitido historicamente, engendra sofrimento e fortalece a subordinação das mulheres a imposições sexistas. Tal fato é interpretado como violência simbólica que favorece outros tipos de violências, particularmente a física, no contexto do alcoolismo.

Com o objetivo de identificar e compreender as repercussões do alcoolismo na vida cotidiana familiar, Reinaldo e Pillon (2008) realizaram um estudo de caso acompanhando duas famílias no período de seis meses, frequentando a casa e observando as relações interpessoais e a rotina. Após análise das principais demandas, elaboraram planos de gerenciamento terapêutico, a fim de orientar e promover condutas mais saudáveis nas relações interpessoais. Destaca-se nesse estudo que os dois pais alcoolistas em recuperação eram homens, heterossexuais e casados; a descrição dos familiares apontou um histórico de violência doméstica e a presença de sentimentos como medo, ansiedade, humilhação e impotência diante do alcoolismo. O estigma e o preconceito também foram identificados, além dos traumas emocionais vividos pelos familiares, especialmente os filhos, que adotaram um padrão defensivo perante o pai alcoolista.

De acordo com Reinaldo e Pillon (2008), nos planos terapêuticos de gerenciamento familiar adotou-se a estratégia de passeios do membro alcoolista com a família, com o intuito de reconstruir gradativamente o vínculo em momentos de lazer e interação. Apesar dos efeitos positivos das intervenções dos pesquisadores na relação entre pais e filhos, estes tendiam a

se distanciar afetivamente, o que nos leva à questão do impacto emocional do alcoolismo parental sobre os filhos.

### 2.3 O sofrimento emocional de filhos de alcoolistas

Diante do sofrimento familiar que o alcoolismo engendra, a literatura científica observa que os filhos de alcoolistas podem ter seu desenvolvimento prejudicado, vindo a apresentar dificuldades nos relacionamentos interpessoais, nas atividades escolares e problemas de autoestima (Woodside, 1988; Zanoti-Jeronymo & Carvalho, 2005). As experiências na infância, adolescência e na vida adulta com o pai e/ou mãe alcoolista favorecem o estabelecimento de padrões rígidos de interpretação das experiências sociais e afetivas (Hill, Gauer & Gomes, 1998), além de fortalecer traços de personalidade específicos a esta condição (Hinrichs, DeFire & Westen, 2011). Em contrapartida, há pesquisas que indicam ajustamento afetivo-emocional dos filhos de alcoolistas e resiliência frente a condições adversas de cuidado usualmente prejudiciais para o bem-estar psicológico (Silva, Silva & Vaz, 2013). Nesse contexto, os estudos doravante apresentados refletem esses achados e convidam-nos a refletir sobre a experiência de ser filho de alcoolista e os possíveis impactos em função desta condição, particularmente na vida adulta.

Woodside (1988) já identificava o sofrimento de filhos de alcoolistas como um problema grave de saúde pública<sup>10</sup> que é silenciado socialmente. O alcoolismo parental e seu impacto nos filhos não são discutidos na sociedade, nem identificados e, conseqüentemente, são dificilmente abordados nas políticas públicas e nas práticas de cuidado e prevenção da saúde. A autora denuncia esse cenário preocupante em que as vulnerabilidades a que os filhos de alcoolistas estão expostos podem comprometer o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento. Como exemplo, o consumo abusivo/dependente de álcool pode também ser visto pelos filhos como estratégia para lidar com o próprio sofrimento, cujo principal risco é o desenvolvimento de transtornos mentais e psicossomáticos.

---

<sup>10</sup> Woodside (1988) informa o alarmante valor de 28 milhões de filhos de alcoolistas nos Estados Unidos na década de 1980, o que corresponderia a 1 em cada 8 americanos, sendo que destes, possivelmente 7 milhões eram jovens menores de 18 anos.

Woodside (1988) discute que o alcoolista assume na cena familiar o centro das atenções, exigindo dos familiares disponibilidade emocional para a satisfação de suas necessidades. Nesse contexto, a criança que é filha de alcoolista pode se sentir desprotegida e invisível perante as demandas de seu progenitor dependente, o que engendra uma situação em que as necessidades da criança passam a ser negligenciadas. A convivência familiar fica caracterizada pela tensão e insegurança e a criança aprende a ler sinais do ambiente familiar para sobreviver emocionalmente, comportando-se da melhor forma possível para evitar conflitos.

Home life is characterized by tension and insecurity. An alcoholic parent may be effusively affectionate in the morning and physically abusive at night, depending on the level of alcohol in the bloodstream. Children never know what to expect. To survive, they learn to read signals to find out if it is safe to ask a parent for money for a movie or for help with homework. They know that their simplest request can trigger a family maelstrom (p. 645-646)<sup>11</sup>.

Ainda de acordo com Woodside (1988), durante a infância, os filhos de alcoolistas têm dificuldades em trazer amigos para as suas casas, em função do embaraço e/ou humilhação sofridos em consequência das imprevisíveis ações do pai e/ou mãe alcoolizados. Essa situação fortalece nos filhos o isolamento social e o sentimento de culpa, visto que não compreendendo o alcoolismo enquanto um transtorno por uso de substância e um problema psicossocial, a criança tende a se culpar pelos efeitos da relação conflituosa com o progenitor.

Pesquisando sobre o cuidado fornecido por uma mãe alcoolista aos seus filhos, Santos, Silva e Silva (2012) realizaram um estudo de caso que objetivou investigar essa convivência. Visando a efetivação dessa proposta, os pesquisadores efetuaram uma entrevista com uma filha adulta de alcoolista, que, na ocasião do estudo, morava com a mãe alcoolista idosa, apesar de ser financeiramente independente. Ressalta-se que não foi mencionada a presença do pai da participante. Uma das categorias identificadas nesse

---

<sup>11</sup> “A vida no lar é caracterizada por tensão e insegurança. Um pai alcoolista pode ser efusivamente afetuoso pela manhã e fisicamente abusivo à noite, dependendo do nível de álcool na corrente sanguínea. As crianças nunca sabem o que esperar. Para sobreviver, eles aprendem a ler sinais para descobrir se é seguro pedir a um pai dinheiro para um filme ou ajuda com a lição de casa. Eles sabem que o pedido mais simples pode desencadear uma turbulência familiar” (Tradução livre realizada pelo autor).

estudo - *As relações de (des)cuidado entre mãe e filho* - retrata a negligência materna para com as necessidades dos filhos e o fato de embriagar-se cotidianamente. Nesse contexto, os familiares assumiram o sustento e o cuidado das crianças, destacando-se a figura da avó que forneceu alimentação, cuidados com a higiene e educação, atenção, afeto e orientação. Segundo os autores do estudo, as dificuldades financeiras contribuíram para agravar os sentimentos hostis no âmbito da família extensa.

Na escola, a participante do estudo de caso de Santos, Silva e Silva (2012) prefere dizer aos colegas que não tem mãe, além de apresentar dificuldades em se expressar. Na adolescência, diante da negligência de cuidados e da dificuldade financeira, a participante decide trabalhar. Procurou suprir, no que lhe foi possível, as necessidades dos irmãos com a intenção de que eles sofressem menos com a ausência da mãe. Os autores salientam essa necessidade psicológica da filha negligenciada de se tornar “adulta” mais cedo, como estratégia de sobrevivência emocional.

Buscando compreender as repercussões do alcoolismo parental nas crianças, Souza e Carvalho (2005) utilizaram uma combinação de testes psicológicos com crianças entre 9 a 12 anos. Os autores concluem pela necessidade de atendimento psicológico e psicossocial para os filhos, visto que foram identificados traços de depressão, problemas de comportamento e déficits cognitivos nas crianças, além do comprometimento da saúde mental das mães, que frequentemente são vítimas de violência doméstica dos esposos alcoolistas.

Souza (2008) também objetivou compreender o impacto da dependência alcoólica sobre a dinâmica familiar. Para tanto, a autora entrevistou 14 famílias em que o pai era alcoolista e os filhos se encontravam na faixa etária entre 9 e 11 anos de idade, tendo utilizado instrumentos psicológicos e questionários. No âmbito das relações parentais, Souza conclui que os filhos percebiam o relacionamento com a mãe como o mais afetivo e o menos conflituoso quando comparado ao relacionamento com o pai. A autora supõe a formação de alianças entre mãe e filhos contra o pai alcoolista, como defesa contra o sofrimento. Também atribui as dificuldades cognitivas e emocionais encontradas nas crianças à qualidade da relação parental a qual é afetada pelo alcoolismo do pai.

Estudando os impactos destas relações parentais, Furtado et al. (2002) conduziram uma pesquisa longitudinal acompanhando o desenvolvimento de 29 filhos de alcoolistas desde o seu nascimento até os 11 anos de idade na Alemanha<sup>12</sup>. Foram incluídas crianças cujos pais foram diagnosticados como dependentes ou abusadores de álcool, sendo a coleta de dados realizada em cinco etapas: no terceiro mês após o nascimento, aos dois anos de idade, aos quatro anos e meio, aos oito anos e, finalmente, aos 11 anos.

De modo semelhante ao estudo de Souza (2008), as características sociodemográficas levantadas por Furtado et al. (2002) indicaram a presença de elevado risco psicossocial nas famílias participantes, destacando-se dois fatores: baixo nível educacional paterno e baixo nível de renda familiar. Foram utilizados instrumentos psicológicos para a avaliação de capacidades cognitivas, com destaque para as habilidades verbais; foram realizadas entrevistas para a compreensão da dinâmica familiar, além de testes e questionários para identificar a presença de sintomas e/ou transtornos psiquiátricos nos filhos. Os resultados coletados foram analisados estatisticamente e permitiram comparar o grupo de filhos de alcoolistas (n=29) com o grupo controle com filhos de não-alcoolistas (n=193).

Furtado et al. (2002) observaram que o desenvolvimento cognitivo dos filhos de alcoolistas apresenta escores mais baixos em comparação aos participantes do grupo-controle em todas as faixas etárias. Problemas psiquiátricos também foram identificados a partir dos dois anos, apresentando crescimento constante, com destaque para os transtornos de conduta e os sintomas expansivos que implicaram em sofrimento para a criança e sua família. Os autores trabalham com duas hipóteses que podem explicar tal fenômeno. Na primeira atribuem a etiologia dos problemas cognitivos e psiquiátricos dos filhos à herança genética que os predisporia a esse tipo de vulnerabilidade. A segunda hipótese supõe que tais problemas sejam oriundos da dinâmica psicossocial e familiar, sendo a qualidade do ambiente

---

<sup>12</sup> A pesquisa desenvolvida por Furtado e colaboradores (2002) foi realizada por meio da parceria entre o Departamento de Neurologia e Psicologia Médica da Universidade de São Paulo (Ribeirão Preto-SP) com o Instituto Central de Saúde Mental da Universidade de Heidelberg na Alemanha.

interpessoal valorizada como fator para o desencadeamento de dificuldades cognitivas e afetivo-emocionais.

Albuquerque, Heimerdinger e Rodrigues (2016) entrevistaram 16 adolescentes filhos de alcoolistas, cujos relatos sobre o alcoolismo parental foram submetidos à análise de conteúdo da qual resultaram três categorias: “Representação Mental sobre o Alcoolismo”; “Percepção sobre Alcoolismo Parental”; e “Impacto do Alcoolismo na Relação Parental”. Na primeira categoria, temos duas visões opostas: ou o alcoolismo dos pais é visto como um fenômeno banal que não merece ser discutido ou é concebido como um aspecto importante da vida em função do seu impacto. Na categoria “Percepção sobre o Alcoolismo Parental” observa-se que uma percepção dicotômica entre o progenitor bom e o progenitor mau. A figura parental é percebida como boa quando está sóbria e má quando está alcoolizada, particularmente em função de sua inconstância emocional e dos conflitos por ela gerados, incluindo a violência doméstica. Na categoria “Impacto do Alcoolismo na Relação Parental”, os filhos descreveram a concomitância de lembranças boas e más, sendo as primeiras associadas à sobriedade do progenitor enquanto as más se relacionam a cenas de alcoolismo, brigas e violência. Os participantes destacaram a preocupação e ansiedade diante do beber excessivo do progenitor e o fato de usualmente assumirem o papel de conciliadores nas situações de conflito do casal parental.

Ao serem convidados a pensar no futuro, os participantes do estudo de Albuquerque, Heimerdinger e Rodrigues (2016) expressam dois posicionamentos opostos quanto ao desejo de conviver com o pai e/ou mãe alcoolista. Em ambos os casos, os jovens pretendem ter uma vida independente, mas enquanto um grupo afirma o desejo de cuidar do alcoolista, outro supõe que a vida adulta e livre somente será possível à distância.

Pereira et al. (2015) partiram da hipótese de que os adolescentes que crescem em ambientes instáveis, como o da família alcoolista, são mais vulneráveis ao desenvolvimento de transtornos mentais. Para testar essa ideia, realizaram uma pesquisa com 715 estudantes de 14 a 19 anos de idade, matriculados no Ensino Médio. Foram utilizados instrumentos psicológicos e escalas para avaliar a dinâmica familiar, o alcoolismo, o risco de adoecimento psíquico e a adaptabilidade dos membros diante de situações estressantes. Os



autores verificam que 242 (33,9%) dos adolescentes entrevistados são familiares e/ou filhos de alcoolistas e, destes, 97 (40,1%) apresentaram algum tipo de sofrimento psíquico, particularmente com traços depressivos. Na conclusão do estudo foi enfatizado o risco médio de adoecimento mental da família em função do alcoolismo, além do fato de que esta dependência contribui para a incidência de sofrimento psíquico no adolescente.

Objetivando estudar as mensagens autorreflexivas de filhos adultos de alcoolistas (FAA), Hill, Gauer e Gomes (1998) realizaram um estudo de fundamentação fenomenológica. Para tanto, entrevistaram seis participantes, colhendo suas histórias, cujos resultados permitem concluir que os FAA tendem a viver as experiências de vida de acordo com padrões rígidos, interpretando-as de forma distorcida, e geralmente defensiva, o que resulta em dificuldades no âmbito das relações interpessoais. O segredo familiar sobre o alcoolismo do pai ou da mãe é mantido à custa de muito sofrimento, pois além da solidão ao não poder compartilhar experiências, essa condição potencializa a falta de confiança no outro e a própria inabilidade para lidar com os seus afetos.

Na comunicação consigo mesmo e com os outros, a palavra-chave para o FAA é, portanto, confiança. O FAA aprendeu a não confiar na mensagem recebida do progenitor, que é o modelo que ele tem no aprendizado sobre a interação com adultos, figuras de autoridade, enfim, com as pessoas. Essa falta de confiança no progenitor deságua nos relacionamentos em geral; o FAA vê o público como uma ameaça. Se o público fica sabendo do seu segredo familiar, o FAA crê que a família ou ele mesmo será machucado ou estrangido adiante (...) O FAA aprende a não confiar, a não depender dos outros, a não esperar por medo de ser desapontado, a não confiar seu sentimento aos outros por medo de ser rejeitado, a não acreditar em promessas dos pais ou de outros e a não acreditar nos próprios sentimentos. Ele aprende a temer as consequências das suas próprias ações e a exposição ao público. Sua confiança em si mesmo e em sua família foi danificada ou destruída (Hill, Gauer & Gomes, 1998, s/p)

Hinrichs, DeFife e Wester (2011) elaboram categorias de personalidade dos filhos adultos de alcoolistas que se estruturaram em função da convivência com o pai ou a mãe alcoolista. Os autores conduziram uma ampla pesquisa, coletando material em prontuários de filhos de alcoolistas junto a psiquiatras e psicólogos estadunidenses. Posteriormente, realizaram estudos estatísticos e estabeleceram sub-personalidades que, de acordo com suas reflexões,

oferecem subsídios significativos para o trabalho clínico de profissionais da saúde mental. As categorias das sub-personalidades dos filhos adultos são: inibido; alto funcionamento; reativo-somatizante e externalizante. O filho adulto “inibido” apresenta traços de timidez e dificuldade no estabelecimento de relacionamentos interpessoais, com prevalência de sentimentos de inadequação e impotência. Na categoria de “alto funcionamento” o filho se mostra articulado, assertivo e apresenta habilidades acima da média para estudo e trabalho, embora tenha problemas de autoestima. O “reativo-somatizante” é sensível aos conflitos interpessoais e costuma desenvolver sintomas somáticos diante de eventos estressores. Já o indivíduo “externalizante” apresenta características psicopáticas e geralmente se torna dependente de álcool. Todos os casos apresentaram ansiedade e traços de depressão.

Considerando que os filhos de alcoolistas apresentam na idade adulta maior probabilidade de desenvolver transtornos por abuso de substâncias (Woodside, 1988), e que uma das categorias identificadas por Hinrichs, DeFife e Wester (2011) sugere a propensão ao alcoolismo, destacamos o estudo de Souza e Carvalho (2012) com filhos adultos de alcoolistas que se tornaram alcoolistas. As autoras buscam compreender a dinâmica familiar na infância, os motivos atribuídos para o uso do álcool e as consequências do alcoolismo na vida familiar, social e laboral.

Os resultados da pesquisa de Souza e Carvalho (2012) revelaram trajetórias de vida semelhantes, com histórias marcadas pela negligência do progenitor dependente, instabilidade emocional do lar e cenas de violência doméstica. As autoras elaboraram duas categorias para a compreensão dessas experiências: “Relacionamento com os pais” e “Motivos do uso do álcool e suas consequências”. Na primeira categoria, foi observado que para a maioria dos entrevistados o pai era o alcoolista e dirigia sua agressividade para a esposa e filhos. Os filhos descreveram sentimentos ambivalentes, alternando entre raiva e pena do pai, sendo que o sentimento de culpa e a negação também foram identificados e descritos. Os adjetivos que os filhos qualificavam os pais alcoolistas eram: festeiros, desonestos, autoritários, mulherengos e irresponsáveis. Em contraposição, a mãe foi valorizada e descrita como alicerce da família e responsável pelo cuidado dos filhos.

Na categoria “Motivos do uso do álcool e suas consequências” Souza e Carvalho (2012) observam que o discurso dos filhos que se tornaram alcoolistas é pontuado por eventos estressores da infância, perdas familiares e dificuldades de relacionamento interpessoal. O indivíduo que se tornou alcoolista como seu pai descreve a própria esposa como excessivamente controladora e desconfiada quanto à ingestão de bebidas alcoólicas pelo marido. Como consequência do alcoolismo são relatados problemas familiares, endividamento, acidentes de trânsito, brigas em bares, problemas de saúde, conflitos no trabalho e o sentimento de menos valia.

Silva et al. (2013) investigaram o fenômeno da resiliência em filhos adultos de alcoolistas, entrevistando cinco famílias de alcoolistas. Os resultados do estudo indicam características pessoais dos filhos que contribuíram para o enfrentamento do alcoolismo parental. Os autores consideraram características pessoais protetoras o temperamento afetuoso, a persistência nos objetivos, atitudes positivas diante da vida e responsabilidade com as tarefas cotidianas. Quanto à capacidade de distanciar-se de vivências críticas, o afastamento do filho de alcoolista da família de origem e/ou das experiências negativas possibilitam uma diminuição do estresse e de seus efeitos, assim como a possibilidade de elaboração do vivido. Também foram identificadas características como a autopercepção e a capacidade de construir a própria história, não reproduzindo o padrão familiar disfuncional, além da capacidade de se projetarem no futuro realizando sonhos. Os autores concluem que essas características permitem o ajustamento emocional dos filhos adultos de alcoolistas, apesar do sofrimento, rumo a uma vida satisfatória e produtiva.

Diante desse panorama de intenso sofrimento familiar, sobretudo para os familiares do alcoolista que passam a buscar estratégias de sobrevivência psíquica para enfrentar a instabilidade emocional, a ausência de um ambiente familiar confiável e o desafio de construir a própria vida em meio aos escombros do alcoolismo, pretendemos nos debruçar sobre a experiência emocional de filhos adultos de alcoolistas na convivência com a dependência alcoólica parental.

## CAPÍTULO 3: ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

O presente estudo adota o paradigma das pesquisas qualitativas como abordagem metodológica. Objetivando expor ao leitor as estratégias adotadas, na primeira seção abordaremos a pertinência da abordagem qualitativa para esta pesquisa, enquanto na segunda discorreremos sobre a pesquisa em psicanálise e a perspectiva de referência para esta dissertação: o método psicanalítico (Herrmann, 1979/2001). Na terceira parte, a narrativa será abordada como uma estratégia fecunda para o acesso a expressões do *self* dos participantes, seguida da quarta seção na qual o enquadre da Entrevista Transicional (ET) será descrito, destacando-se o procedimento/recurso investigativo da Narrativa Interativa (NI) e o procedimento de registro da Narrativa Transferencial (NT). Na quinta e última parte, o leitor apreciará as descrições formais deste estudo, como a escolha dos participantes, o processo de entrevistas e os aspectos éticos envolvidos.

### 3.1 A pesquisa qualitativa como abordagem metodológica

Flick (2009) descreve que a pesquisa qualitativa alcançou uma posição de destaque diante da necessidade de se compreender a complexidade das mudanças sociais em um mundo cada vez mais globalizado e tecnológico. Nesse processo, debates calorosos sobre os limites do método científico e experimental foram recorrentes e as concepções de ciência moderna cada vez mais contestadas.

Dentre essas concepções, Flick (2009) explica que a premissa de verdade universal e absoluta foi contrariada, possibilitando o questionamento sobre o sentido de “verdade” na produção do conhecimento científico, o que resultou na noção de que o conhecimento é historicamente produzido, ou seja, é um saber sempre datado. Essa conclusão possibilitou aos pesquisadores uma nova compreensão sobre o papel da ciência e a produção do conhecimento passa a ser vista como construção de “verdades provisórias”, contextualizadas historicamente e socialmente.

Na metade do século XX, a pesquisa qualitativa passou a contribuir com a produção de um conhecimento sensível aos fenômenos humanos e que não

se fundamentasse em uma concepção de verdade universal e generalizável, mas uma verdade provisória e contextualizada. Desse modo, em vez de trabalhar com frequência e distribuição de um fenômeno, os pesquisadores qualitativos se debruçavam sobre o relato dos participantes, objetivando compreender sentidos e elaborar categorias teóricas a partir de materiais empíricos. Diferentemente do pesquisador quantitativo que elabora uma hipótese para depois testá-la, o pesquisador qualitativo se dirige ao campo de estudos para observar e registrar e somente depois elaborar hipóteses e/ou teorizações (Godoy, 1998; Flick, 2009).

Dialogando com essa argumentação, Stake (2011) descreve quatro características da pesquisa qualitativa: interpretação; capacidade de transmitir experiências; ser contextual/situacional e ser personalística. Na primeira categoria, o autor argumenta que as pesquisas qualitativas reconhecem o valor dos significados humanos, buscando estratégias para compreendê-los em suas múltiplas manifestações. De acordo com a segunda, tal qualidade de estudo demarca seu caráter experiencial, cuja discussão favorece reflexões sobre o fenômeno estudado. A terceira característica defende que as pesquisas qualitativas são situacionais, direcionadas a contextos únicos, não visando a generalização. Observa-se nessa abordagem uma postura holística que descreve os contextos em detalhes. Finalmente, a última característica aponta que esse paradigma é personalístico, na medida em que busca mais a singularidade do que a semelhança.

Godoy (1998) também discute a pesquisa qualitativa em termos de suas características essenciais. Segundo o autor, o olhar do pesquisador qualitativo se dirige para o ambiente natural como fonte de dados, não havendo necessidade de um ambiente artificial, como o laboratório, nem de procedimentos para controle de variáveis, quando o foco é na ocorrência espontânea do fenômeno. Godoy salienta que a pesquisa acontece no campo da intersubjetividade e faz uso da descrição detalhada do fenômeno investigado.

A descrição, conforme já mencionado, torna-se o procedimento clássico nas pesquisas qualitativas cujo fundamento é a produção do conhecimento que trabalha com os significados humanos. Ela pode ser compreendida como uma estratégia de registro sobre os fenômenos estudados, ou seja, relatos e/ou

narrativas que comunicam os acontecimentos vividos no campo de pesquisa (Stake, 2011). Por essa razão, o pesquisador qualitativo é o principal instrumento no processo de pesquisar. É ele quem conduz as entrevistas, observa os fenômenos e redige as descrições. Finalmente, os pesquisadores qualitativos fazem uso do enfoque indutivista para analisar os seus dados, produzindo compreensões a partir do material coletado.

Aiello-Fernandes, Ambrosio e Aiello-Vaisberg (2012) defendem a adoção da pesquisa qualitativa como acesso às qualidades das experiências, descrevendo-as em âmbito afetivo-emocional. Os autores criticam o valor historicamente concedido às pesquisas quantitativas que, no âmbito da Psicologia, tendem a compreender o ser humano a partir do seu “comportamento”, de forma objetivista e geralmente desconsiderando os elementos históricos, culturais, sociais e econômicos que impactam o viver. Diferentemente desta, a pesquisa qualitativa inclui o vivido no processo de pesquisar, alçando o participante a sujeito da ação, que se apresenta ao pesquisador em sua espontaneidade e não por meio de experimentos controlados.

Concluimos que a pesquisa qualitativa é a opção metodológica mais adequado ao nosso objeto de estudo: os sentidos dramáticos vividos pelos filhos adultos de alcoolistas. Nesse sentido, a descrição torna-se relevante para a apreensão dessa experiência e sua posterior interpretação. O resultado, se assim podemos chamá-lo, serão os sentidos criados e encontrados (Winnicott, 1945/2000) pelo pesquisador sobre o vivido dos participantes (Godoy, 1998), o que possibilitará reflexões teóricas.

### **3.2 Pesquisa e Psicanálise: o Método Psicanalítico**

Flick (2009) problematiza a questão da “verdade universal e absoluta” na ciência moderna trazendo em seu bojo a necessidade de modificações metodológicas para a compreensão das vivências humanas. Para tanto, os métodos qualitativos visam atender as especificidades do objeto de estudo. Tais métodos não se produzem ao acaso, mas de forma articulada a um paradigma epistemológico que, por sua vez, parte de uma determinada concepção de ser humano. Visto que o presente estudo adota a perspectiva

psicanalítica para a aproximação sensível do drama vivido por filhos de alcoolistas, torna-se relevante apresentar brevemente um panorama das discussões sobre pesquisa e psicanálise a título de contextualização de nossa proposta.

Figueiredo (2009) refere que na história da psicanálise existiu um momento em que as diferentes escolas psicanalíticas adotaram uma postura rígida e até mesmo dogmática em suas defesas teóricas. Cada teoria defendia o seu ponto de vista sobre os grandes temas da psicanálise, mas se observava uma dificuldade em compartilhar e/ou debater ideias entre essas escolas. O resultado deste movimento foi uma problematização, dentro da própria disciplina, sobre o que seria essencial para que uma teoria e as técnicas correspondentes fossem consideradas psicanalíticas.

Neste cenário, Figueiredo (2009) descreve que diferentes pesquisadores se lançaram à tarefa de compreender, teorizar e sistematizar os elementos essenciais à disciplina, buscando ultrapassar as divisões entre as escolas de psicanálise. O autor pontua que duas grandes vertentes se estabeleceram: na primeira, os pesquisadores compreendiam que existiam conceitos psicanalíticos essenciais presentes em todas as escolas. Na segunda, os pesquisadores defendiam que o elemento comum foi a metodologia utilizada na elaboração de todas as teorias e técnicas, a saber, o método psicanalítico criado por Freud. Este método se fundamenta na associação livre de ideias e na atenção flutuante como recursos para a manifestação do inconsciente. Nos posicionamos na segunda vertente supracitada, pois consideramos que os conceitos e as técnicas são frutos a posteriori da reflexão fundamentada no método.

Herrmann (1979/2001)<sup>13</sup> foi um psicanalista, professor e pesquisador que defendeu o uso do método psicanalítico. O autor propõe que o método criado por Freud está presente em todas as teorias e técnicas psicanalíticas e que por meio dele é possível fazer novas contribuições à disciplina. Deste

---

<sup>13</sup> Herrmann (2004 / 2001) foi um dos principais defensores do método psicanalítico na pesquisa acadêmica. O autor também elaborou uma proposta psicanalítica denominada de Teoria dos Campos que estuda a partir de um paradigma representacional, a formação de campos representacionais que são sustentados por lógicas afetivo-emocionais, mobilizando o indivíduo. Segundo o autor, a interpretação destes campos representacionais possibilita o trânsito de representações acompanhado de um possível rearranjo representacional, ou seja, a formação de novos campos.

modo, Herrmann defende a existência de uma metodologia psicanalítica na prática clínica e na pesquisa acadêmica sendo que tal método, segundo o autor, é heurísticamente fecundo para acessar os substratos afetivo-emocionais de pacientes na clínica e de participantes na pesquisa.

Segundo Herrmann (1979/2001) a psicanálise é uma ciência de investigação da psique humana e o método psicanalítico é o caminho para esta empreitada. Contudo, o autor argumenta que ainda há uma incompreensão por parte de alguns psicanalistas sobre o método, confundindo-o com técnicas de consultório como, por exemplo, o número de sessões, o uso ou não uso do divã e os estilos interpretativos conforme a escola adotada. Método, na compreensão do autor é a essência da psicanálise e não estes elementos circunstanciais. É por meio do método que, independentemente da escola e do estilo interpretativo, o psicanalista faz uma escuta psicanalítica. Para Herrmann, trata-se de um retorno à fonte do conhecimento psicanalítico.

Contudo, há autores que divergem sobre o uso do método psicanalítico na pesquisa, valorizando-o no contexto da clínica ou como uma estratégia a ser utilizada/manejada somente por um psicanalista. Figueiredo e Minerbo (2006) distinguem duas modalidades de pesquisa psicanalítica: a pesquisa em psicanálise e a pesquisa com o método psicanalítico. Primeiramente, os autores estabelecem fronteiras entre a pesquisa e a clínica que trazem implicações no modo de pesquisar. Por exemplo, a pesquisa em psicanálise não exige um psicanalista, podendo ser realizada por um filósofo, um psicólogo ou um historiador, na medida em que conceitos ou teorias psicanalíticas são tomados como objeto de reflexão. Muito comum no âmbito acadêmico, a pesquisa em psicanálise é frequentemente encontrada nos programas de pós-graduação. Em contrapartida, a pesquisa com o método psicanalítico pressupõe um psicanalista e o uso adequado do método psicanalítico para produzir conhecimento no interior da própria disciplina.

A compreensão de Figueiredo e Minerbo (2006) de que o método psicanalítico é restrito a psicanalistas e ao contexto da clínica também é defendida por Fulgêncio (2013) que contribui com essa problematização ao apontar diferenças significativas entre tratar um paciente e pesquisar em psicanálise. O autor circunscreve o uso do método psicanalítico, de acordo com o qual a atenção flutuante possibilita apreender as indicações do inconsciente



no discurso do analisando, ao âmbito da clínica. Fulgêncio defende a adoção de outros métodos no campo da pesquisa, em virtude da necessidade de categorizações e agrupamentos de materiais e do uso de teorias para clarificar o fenômeno estudado. Portanto, para esse autor, o método clínico psicanalítico e o corpo teórico psicanalítico constituem dois modos diferentes de trabalhar com a psicanálise. Pondera, ainda, que a depender da escola de formação e das argumentações teóricas defendidas, a discussão sobre pesquisa e psicanálise jamais chegará a um consenso.

Em contrapartida, Aiello-Vaisberg (2004; 2014) defende que o método psicanalítico possa ser utilizado por psicólogos de orientação psicanalítica. A autora, fundamentada nas reflexões metodológicas de Herrmann, destaca que o método é fecundo na compreensão dos sentidos emocionais das experiências humanas e que esse conhecimento é fundamental para as elaborações e intervenções do profissional psicólogo. No que se refere à divisão entre o método clínico psicanalítico e os métodos de pesquisa apresentados por Fulgêncio (2013), as reflexões de Herrmann (1979/2001) e de Aiello-Vaisberg (2004; 2014) possibilitam argumentar que o método psicanalítico é capaz de produzir novos conhecimentos na clínica e na pesquisa acadêmica, pois ele é o elemento essencial que produz as interpretações clínicas e as próprias teorias psicanalíticas.

Diante do panorama exposto, a presente pesquisa se fundamenta no método psicanalítico para criar e encontrar (Winnicott, 1940/2000) a experiência emocional dos filhos adultos de alcoolistas com os seus progenitores dependentes. Concordamos com Aiello-Vaisberg (2004; 2014) quanto ao uso do método psicanalítico por psicólogos para acessar os substratos afetivo-emocionais dos participantes.

Diante do exposto, torna-se importante descrever a operacionalização do método psicanalítico neste estudo. Herrmann (1979/2001) enfatiza que a atenção flutuante e a associação livre de ideias são atitudes fundamentais no uso do método psicanalítico, descrevendo suas etapas como "palavras de ordem" para que os sentidos emocionais sejam compreendidos por clínicos e pesquisadores. Dessa forma, são três as palavras de ordem: 1) *deixar que surja*; 2) *tomar em consideração*; 3) *completar o desenho*.

A primeira palavra de ordem é "deixar que surja" e se refere à atitude do psicólogo psicanalista em permitir que os fenômenos do campo analítico<sup>14</sup> espontaneamente o impressionem, ou seja, o mobilizem emocionalmente, particularmente através da associação livre de ideias do participante. O segundo momento é "tomar em consideração" e refere-se ao uso da atenção flutuante para considerar as vivências e os discursos que chamam a atenção do pesquisador, pois estes clamam por uma configuração de sentidos.

Finalmente, a terceira palavra de ordem é "completar o desenho" e descreve o momento em que o psicólogo de orientação psicanalítica se debruça reflexivamente sobre o elemento que anteriormente se destacou, tentando compreendê-lo através de uma constelação de sentidos (Herrmann, 1979/2001; Aiello-Vaisberg, 2004). Destacamos que o método psicanalítico também se faz presente nos procedimentos desta pesquisa empírica como a Entrevista Transicional (ET), a Narrativa Interativa (NI) e a Narrativa Transferencial (NT) que serão descritas nos próximos sub-itens.

### 3.3 A Entrevista Transicional

Na pesquisa qualitativa, a entrevista é uma dos principais recursos metodológicos para acessar os relatos dos participantes e os sentidos da experiência. Conforme o objeto de estudo, o paradigma epistemológico e os recortes metodológicos adotados, diferentes configurações de entrevistas podem ser elaboradas visando atender aos requisitos supracitados (Stake, 2011).

A modalidade de entrevista que adotamos em nosso grupo de pesquisa é denominada de "Entrevista Transicional" (ET), pois se inspira na concepção winnicottiana do encontro analítico no qual há uma sobreposição do brincar (Winnicott, 1971/1975a; 1971/1975c; 1971/1984). Na pesquisa a Entrevista Transicional favorece um espaço de expressão lúdica do vivido, que também se contitui como um momento elaborativo no qual novos sentidos podem ser criados e encontrados pelo participante. A ET é composta por três momentos:

---

<sup>14</sup> Consideramos que no *setting* clínico e na pesquisa científica o fenômeno da transferência e da contratransferência se estabelecem, configurando um campo analítico no qual comunicações inconscientes podem acontecer (Baranger & Baranger, 1961).

1) o acolhimento; 2) apresentação e escrita da NI e, 3) diálogo sobre o tema abordado, com compartilhamento espontâneo do participante de suas ideias, reflexões e experiências de vida. Contudo, ressaltamos que esses momentos são divididos apenas didaticamente visando a orientação do pesquisador durante a entrevista; conforme o desenrolar do encontro com o participante e suas respectivas demandas, adaptações metodológicas poderão ser efetuadas, tendo em vista que na pesquisa qualitativa o campo é sempre vivo e mutável (Flick, 2009; Stake, 2011) .

Na etapa de acolhimento, pesquisador e participante se apresentam, sendo estabelecida uma primeira interação na qual são apresentados brevemente os objetivos e os procedimentos da pesquisa. A depender de onde será a entrevista, como por exemplo, na casa de um participante ou em uma instituição, o acolhimento é um momento fundador do encontro em que o participante pode expressar suas inquietações desde o seu início, enquanto o pesquisador se deixa impressionar pelos primeiros impactos contratransferenciais.

Na sequência, o pesquisador apresenta a NI ao participante, tal como o jogo do rabisco que Winnicott (1971/1984) oferecia às crianças. De modo análogo à proposta winnicottiana de diálogo lúdico que visa a comunicação emocional profunda, a NI é um procedimento investigativo que pretende a produção intersubjetiva de sentidos. O participante é totalmente livre para aceitar ou recusar o uso da NI, embora seja um recurso facilitador da expressão emocional, seja ela direta, quando o participante passa a falar em primeira pessoa, seja pela mediação dos personagens, quando o participante recorre à construção de diálogos entre os personagens da história. Se o participante decidir não escrever a NI, o pesquisador propõe uma conversa espontânea sobre a temática de estudo, passando diretamente à terceira etapa.

O terceiro momento do procedimento tem início quando a NI é finalizada, o participante se dá por satisfeito com o resultado, e é convidado pelo pesquisador a dialogar sobre seu processo de escrita da NI e sobre o tema do estudo de uma forma ampla. Nesse contexto, os participantes passam a um outro nível de elaboração expondo suas ideias, crenças, sentimentos a partir de sua experiência pessoal.

Após cada ET, o pesquisador redige uma Narrativa Transferencial (NT), conforme recomendações de Aiello-Vaisberg et al. (2009), como procedimento de registro vivencial que já se configura como uma primeira versão do pesquisador sobre o encontro com o participante, sendo, portanto, contratransferencial. Conscientes de que o que se registra e o modo como se registra já implique uma primeira análise interpretativa do pesquisador, tomaremos a NT juntamente com a NI como material empírico que será objeto de análise e discussão à luz do referencial psicanalítico winnicottiano.

### **3.4 O Processo de narrar e as Narrativas Interativas**

Retomando a tese de Politzer (1928/1998), o drama vivido foi considerado por Freud como o fato psicológico por excelência a partir do momento em que os pacientes puderam narrar as suas histórias e serem ouvidos. Na concepção do filósofo, Freud fez uso desse material narrativo para compreender o funcionamento psíquico das pessoas sem o uso de testes ou aparelhos, usados frequentemente na pesquisa em psicologia da época. Deste modo, uma psicologia concreta trabalha com a experiência emocional tal como foi vivida pelo indivíduo que a narra em busca de sentido. A narrativa, portanto, como forma de comunicação do drama vivido dialoga com a pesquisa qualitativa, particularmente através dos métodos narrativos (Flick, 2009; Stake, 2011). Brockmeier e Harré (2003) discutem o fato da narrativa ser um dos vários gêneros do discurso, composta por padrões psicológicos e linguísticos específicos, cujo uso na pesquisa científica teria se iniciado na década de 1980, quando os pesquisadores se debruçaram sobre questões existenciais a partir das narrativas dos participantes. Portanto, segundo os autores, os estudos que fazem uso da narrativa buscam captar elementos da subjetividade que sejam conscientes e até inconscientes aos participantes dos estudos.

(...) é sobretudo através da narrativa que compreendemos os textos e contextos mais amplos, diferenciados e mais complexos de nossa experiência. É essencialmente essa noção que tem sido generalizada e ampliada assim como especificada em um largo espectro de investigações, que incluem estudos sobre as formas pelas quais organizamos nossas memórias, intenções, estórias de vida e os ideais de nosso *self*, ou nossas “identidades pessoais”, em padrões narrativos. (Brockmeier & Harré, 2003, p. 526)

Dialogando com essas conclusões, Benjamin (1936/1996) é um autor que contribui para a compreensão do potencial heurístico das narrativas, ilustrando sua argumentação com a capacidade narrativa do autor russo Leskov para a transmissão e compreensão das experiências vividas por seu povo. Benjamin salienta a habilidade do narrador que permite ao ouvinte ou leitor a oportunidade de se transportar para aquela vivência que está sendo narrada, além de ser convidado a produzir sentidos que deem forma àquela experiência. Benjamin critica a imediatividade das formas de comunicação de sua época, opondo a informação à narração, e defende o retorno à narratividade, apostando em seus benefícios para o processo de subjetivação<sup>15</sup>.

A fim de potencializar o diálogo que privilegia o dramático na situação de pesquisa, Granato e Aiello-Vaisberg (2013) criaram a Narrativa Interativa (NI) como um recurso investigativo que tem por objetivo acessar a experiência emocional dos participantes de estudos qualitativos. Trata-se de uma história fictícia que é elaborada pelo pesquisador com a colaboração do seu grupo de pesquisa, descrevendo um contexto experiencial para a questão em estudo. A NI é previamente confeccionada até um ponto de clímax ou de tensão, a partir do qual o participante do estudo é convidado a completá-la, conforme a sua criatividade (Winnicott, 1971/1984), aqui compreendida como gesto espontâneo do indivíduo, que nada tem a ver com suas habilidades artísticas.

Inspirada no jogo do rabisco de Winnicott (1971/1984), a NI é um recurso para a facilitação da expressão afetivo-emocional dos participantes, mais que sua projeção, na medida em que convida o participante a elaborar aquela situação ou conflito apresentado no contexto da relação intersubjetiva. Entretanto, para que a NI produza ressonâncias afetivas o pesquisador precisa ter afinidade com o campo de experiência em que vai se movimentar ao longo da pesquisa. Se não tiver experiência clínica que lhe permita essa aproximação vivencial também poderá compensar essa lacuna através de leituras e de um

---

<sup>15</sup> Benjamin (1936/1996) critica a industrialização massiva e a ideologia do progresso presentes na sociedade capitalista de sua época e aponta os impactos dessa organização social que, em sua argumentação, empobrece subjetivamente as pessoas ao valorizar a imediatividade da informação em detrimento das experiências narrativas.

período de ambientação<sup>16</sup> para que a NI expresse genuinamente o campo vivencial que é objeto da investigação.

Numa investigação psicanalítica como a que propomos não poderíamos nos furtar ao desafio de criar um procedimento que fizesse jus ao potencial elaborativo do narrar e preservasse maximamente a característica dialógica do encontro humano. Assim chegamos às narrativas interativas, procedimento que privilegia a interlocução entre pesquisador e pesquisado na produção de um conhecimento que se assente sobre a dramática humana (Granato, Corbett & Aiello-Vaisberg, 2011, p. 160).

Apresentamos ao leitor a NI confeccionada para o presente estudo, em torno do drama de Gilberto, personagem que retrata o sofrimento de um filho de alcoolista ocupando o lugar de protagonista da narrativa. Para a elaboração dessa NI, o pesquisador realizou intensa leitura sobre o tema e visitas à sede da instituição AL-ANON do Brasil<sup>17</sup>, na cidade de São Paulo (SP) para a ambientação pretendida.

*Era noite e Gilberto estava em seu quarto estudando, revendo as anotações que tinha feito das aulas do curso técnico. Sentia-se animado com as aulas e enquanto lia os textos e refazia os cálculos matemáticos, escutava as músicas que tocavam em seu rádio. Às vezes, ao som da música, Gilberto devaneava, recordando-se do que tinha lhe acontecido durante o dia. Tantas pessoas importantes que tinha conhecido recentemente ... Fazia projetos para o futuro e se imaginava em novas situações e experiências.*

*“Mas que fome!!!” - pensou o rapaz. Fazia horas que não se alimentava em função da dedicação aos estudos. Nesse momento, dirigiu-se à cozinha para jantar, mas antes passou pela sala, onde estava a sua mãe, Maria Amélia. Gilberto viu a mãe sentada no sofá, tranquila, assistindo à televisão. Depois, pegou um prato na cozinha e começou a explorar o que tinha no fogão, ficando surpreso e bem contente com a carne de panela com batata.*

---

<sup>16</sup> Tal imersão pode acontecer através de intensa leitura sobre o tema, assim como por meio de ambientação institucional, tal como realizada por Bonfatti (2017) em um abrigo do interior paulista.

<sup>17</sup> A AL-ANON é uma organização sem fins lucrativos presente em todo o mundo. É composta de familiares de alcoolistas que, por meio de encontros de apoio mútuo compartilham experiências e estratégias de enfrentamento diante das dificuldades do alcoolismo familiar. Informações mais detalhadas serão apresentadas na presente dissertação no tópico “Os Grupos Familiares AL-ANONs do Brasil”.

*De repente, a cachorra começou a latir e Gilberto se lembrou de que seu pai, Osvaldo, estava fora de casa, bebendo. “Será que ele chegou?!” – pensou o moço, apreensivo. Naquela hora, Maria Amélia se levantou do sofá e foi até a cozinha, ao encontro do filho. Gilberto conhecia aquela expressão no olhar da mãe.... Sim, Osvaldo tinha acabado de chegar em casa, estacionando o carro em cima da calçada.*

*Gilberto percebeu seu coração mais acelerado e, deixando o prato na mesa da cozinha, acompanhou a mãe até a entrada da casa para receber o pai. Quando Gilberto abriu a porta....*

Conforme mencionado anteriormente, cada NI é desenvolvida em direção a um ponto de clímax, impasse ou de abertura para o diálogo com o outro, de modo a convidar o participante a completá-la espontaneamente. Fundamentados em Winnicott (1971/1975c; 1971/1975d) compreendemos que a contribuição escrita ou oral do participante será fruto de sua criatividade pessoal, segundo a qual o drama do filho(a) de alcoolista se expressará de modo consciente ou inconsciente através de concepções, sentimentos ou mesmo de teorias pessoais criadas para dar sentido àquela situação existencial.

### **3.5 Os Grupos Familiares AL-ANON do Brasil**

Para a efetivação desta pesquisa entramos em contato com a instituição “Grupos Familiares de Alcoólicos Anônimos” (AL-ANON) do Brasil, que possui sua sede na cidade de São Paulo (SP), no Escritório de Serviços Gerais (ESGA). O AL-ANON é uma associação de familiares de alcoolistas que se reúnem em grupos de mútua ajuda não profissional para compartilhamento de experiências e afetos. Os encontros acontecem semanalmente em templos religiosos, organizações não governamentais, escolas, unidades básicas de saúde, dentre outros locais que sejam parceiros da AL-ANON em todo o território nacional.

Presente em diversos países, a instituição compartilha uma filosofia fundamentada em “Doze Passos”, “Doze Tradições” e “Doze Lemas” que buscam refletir sobre a relação do familiar com o alcoolista, especialmente no

que se refere aos afetos e padrões de comportamento. O foco desta filosofia é resgatar no familiar do alcoolista o olhar para as próprias demandas, ao invés de tentar manipular e/ou controlar o comportamento de beber do outro. Existe uma produção literária própria, sob a forma de *folders* e livros, cujo uso se destina aos encontros e para orientações e reflexões no âmbito da vida afetiva com o familiar dependente<sup>18</sup>.

Consideramos que a referida instituição fosse frequentada por filhos adultos de alcoolistas que se interessassem em colaborar como participantes voluntários desta pesquisa. Após contatos iniciais com grupos AL-ANON no interior paulista, o pesquisador foi redirecionado para a sede brasileira em São Paulo (SP), onde conheceu a diretoria nacional da instituição assim como a secretária-geral do Brasil, que é responsável pela integração das atividades nacionais e a representação em âmbito internacional. Após apresentação do projeto e avaliação, o AL-ANON autorizou a realização da coleta de dados.

O acesso aos participantes foi totalmente mediado pela instituição que convidou, dentre seus membros, filhos adultos de alcoolistas que, em caráter livre e espontâneo manifestaram interesse em participar da pesquisa<sup>19</sup>. Os participantes foram entrevistados em suas cidades, em instituições parceiras do AL-ANON, em data e horário previamente agendados e conforme indicação do AL-ANON do Brasil. Foi estabelecido o enquadre individual com o objetivo de garantir privacidade e facilitar o aprofundamento de questões pessoais.

Supomos que os participantes do presente estudo conheçam a filosofia do AL-ANON, dada a mediação institucional, configurando uma condição na qual suas elaborações sobre as experiências vividas com pais alcoolistas tenham possivelmente sido ressignificadas por esta filosofia.

---

<sup>18</sup> Para o leitor interessado na história da AL-ANON recomendamos a leitura do livro publicado pela instituição: “Como o AL-ANON funciona: para familiares e amigos de alcoólicos”.

<sup>19</sup> Essa mediação da instituição para o acesso aos participantes foi estabelecida no diálogo entre o pesquisador e a AL-ANON do Brasil. Concluiu-se que a mediação institucional para o acesso aos participantes seria uma forma de cuidado sensível e eticamente orientado para preservar o total anonimato dos filhos de alcoolistas que se interessassem pela proposta de pesquisa. Portanto, o pesquisador entrou em contato somente com um público previamente informado pela instituição e que já havia comunicado seu aceite.



### **3.6 Procedimentos éticos e técnicos para a realização da pesquisa**

O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Pontifícia Universidade Católica de Campinas sob o registro nº 2.396.129. Foram entrevistados 12 participantes voluntários, maiores de 18 anos, sem distinção de gênero, orientação sexual, etnia, religião e/ou classe socioeconômica. A escolha por filhos adultos de alcoolistas se deve à sua suposta conquista da capacidade de articulação simbólica e elaboração do vivido e provável independência emocional e financeira. Além disso, consideramos que diante do curto tempo de uma pesquisa de mestrado acadêmico e dos riscos a que as crianças filhas de alcoolistas estão expostas, seria inoportuno realizar o presente estudo com esta população.

As entrevistas ocorreram em instituições parceiras da AL-ANON como igrejas, Organizações Não-Governamentais, associação de moradores e centros de saúde nas cidades dos participantes. Para a ocasião foram reservadas salas confortáveis, silenciosas e com iluminação adequada para os encontros, garantindo sigilo e privacidade.

## CAPÍTULO 4: NARRATIVAS INTERATIVAS E NARRATIVAS TRANSFERENCIAIS

Na presente seção, apresentamos ao leitor as produções narrativas que foram elaboradas nas Entrevistas Transicionais. Cada participante, ao seu modo, elaborou a NI, apresentando um desfecho para a situação vivida pelo personagem Gilberto. Destacamos que os nomes apresentados neste estudo são fictícios e objetivam preservar o anonimato dos participantes. Na NT, o pesquisador expõe a relação contratransferencial estabelecida, assim como as experiências narradas pelos participantes. Fundamentados nas reflexões de Benjamin (1936/ 1996), esperamos que a leitura das narrativas possibilite ao leitor a oportunidade de viver uma experiência que o conduza a reflexões. Deste modo, retomamos a NI elaborada para o presente estudo objetivando facilitar a compreensão do leitor sobre os desfechos criados e encontrados (Winnicott, 1940/2000) pelos participantes.

### **Narrativa Interativa**

*Era noite e Gilberto estava em seu quarto estudando, revendo as anotações que tinha feito das aulas do curso técnico. Sentia-se animado com as aulas e enquanto lia os textos e refazia os cálculos matemáticos, escutava as músicas que tocavam em seu rádio. Às vezes, ao som da música, Gilberto devaneava, recordando-se do que tinha lhe acontecido durante o dia. Tantas pessoas importantes que tinha conhecido recentemente ... Fazia projetos para o futuro e se imaginava em novas situações e experiências.*

*“Mas que fome!!!” - pensou o rapaz. Fazia horas que não se alimentava em função da dedicação aos estudos. Nesse momento, dirigiu-se à cozinha para jantar; mas antes passou pela sala, onde estava a sua mãe, Maria Amélia. Gilberto viu a mãe sentada no sofá, tranquila, assistindo à televisão. Depois, pegou um prato na cozinha e começou a explorar o que tinha no fogão, ficando surpreso e bem contente com a carne de panela com batata.*

*De repente, a cachorra começou a latir e Gilberto se lembrou de que seu pai, Osvaldo, estava fora de casa, bebendo. “Será que ele chegou?!” – Pensou o moço, apreensivo. Naquela hora, Maria Amélia se levantou do sofá e foi até a cozinha, ao encontro do filho. Gilberto conhecia aquela expressão no olhar da mãe.... Sim, Osvaldo tinha acabado de chegar em casa, estacionando o carro em cima da calçada.*

*Gilberto percebeu seu coração mais acelerado e, deixando o prato na mesa da cozinha, acompanhou a mãe até a entrada da casa para receber o pai. Quando Gilberto abriu a porta....*

<b>MARIANA</b>	
<i>“Aqui eu escolho as cores que desejo vestir!”</i>	
Idade: 27	Profissão: Comerciante

Mariana é uma jovem alegre, viva e simpática que se dispôs a conversar comigo sobre as suas experiências com o pai alcoolista. Ela me parecia animada no encontro e, após minhas explicações sobre o contexto da pesquisa, lhe ofereci a Narrativa Interativa (NI) como um facilitador para a nossa interação. Contudo, após escutar a NI a participante expressou o desejo de falar diretamente sobre a sua história pessoal sem dar um desfecho para o drama de Gilberto – o protagonista da NI. Compreendi esse movimento como sua ansiedade de falar de si e de sua experiência com o alcoolismo. Deste modo, disse-lhe que poderíamos fazer assim; afinal, a história do Gilberto era para ser apenas um mediador em nossa conversa.

Mariana fechou os olhos e começou a descrever a infância, especialmente o lugar em que nasceu, uma outra região do Brasil, numa cidade pequena e interiorana. Cresceu em um local em que o lazer era escasso, havendo apenas duas opções: a igreja central com suas missas, rezas e festas paroquiais e os bares, estes espalhados por toda a vila, com bebidas, churrascos e brigas. Imaginei uma vila pacata e sem recursos, com poucos carros e algumas charretes que transportavam as pessoas e senti que a angústia de Mariana, naquele cenário, se resumiria na pergunta: o que fazer nas horas vagas?

A escola municipal também era pequena e simples, talvez com um pátio enorme no qual as crianças brincavam no intervalo das aulas. É aqui, nesse espaço, que começamos a compreender a narrativa de nossa participante, uma menina quieta, isolada, e que não causava problemas na escola. Mariana não falava nem irritava ninguém, mas sofria de uma tristeza que lhe abatia o coração acompanhada de um turbilhão de sentimentos que a invadiam por dentro e eram tantos, mas tantos, que a deixavam atordoada. As professoras a elogiavam pelo seu comportamento calmo e educado, mas ninguém compreendia que aquele silêncio era uma expressão de sofrimento. A questão é que Mariana sentia-se sozinha, aprisionada em seu segredo.

Apesar de pertencer a uma família enorme, com alguns parentes morando no mesmo terreno e outros na vizinhança próxima, a jovem sentia que não podia conversar com eles sobre assuntos íntimos, pois não lhe inspiravam confiança. Mesmo cercada de gente falando, bebendo, brigando e dormindo, ela se sentia sozinha, carente e desamparada para lidar com as agruras da vida. Naquela convivência, os dias não tinham muitas cores e a desmotivação a consumia por dentro.

A ‘dicotomia municipal do lazer’, se assim podemos chamá-la, entre o bar e a igreja, se repetia em casa, na rotina dos familiares. Mariana narrou que o pai, os irmãos, primos, tios e tias frequentavam assiduamente os botecos, bebendo até ficarem agressivos e causarem confusões na própria família. Todos os dias terminavam dentro da mesma casa, recheados com mais bebidas, seguindo-se de discussões, ofensas, brincadeiras inconvenientes, uma dose ou outra no meio do caminho e, infelizmente, agressões físicas entre os que ali moravam. Desde que se entende por gente, Mariana presenciou essas cenas e se sentia confusa sobre o que seria uma família ... No entanto, a única pessoa que se comportava de modo diferente era a avó, uma senhora bem idosa que se apegou a Deus e à neta como confidente e companheira fiel para suas rezas. A participante, emocionada, descreveu a avó como o “porto seguro” (sic) de sua vida, pois foi ela quem lhe ofereceu amor, atenção e a educação de que necessitava.

Enquanto todos iam para o bar, Mariana e a avó se dirigiam à igreja, para participar das missas, dos rosários, das ladainhas, das procissões, do catecismo e das festas dos santos. Ali, na igreja central, a jovem cresceu,

cercada por salmos, hinos e orações que acalmavam o seu coração naqueles momentos de angústia. Em casa, quando as brigas começavam, lembrava-se de Jesus e, com a avó, iniciava o terço, pedindo a Deus proteção e paz. Jesus era um doce amigo com quem elas contavam, confidente certo para guardar os segredos íntimos, pois com Ele havia segurança, confiança e amor. Solidão? Não, esse sentimento diminuía no coração de Mariana quando Jesus vinha lhe visitar por meio das orações.

De repente, durante a entrevista, a jovem olhou para a NI e se comparou a Gilberto. Tal como o personagem, quando seu pai estava fora de casa ficava ansiosa, pois não sabia como ele chegaria nem o que falaria. Tinha medo das discussões e brigas que resultariam das bebedeiras e acrescentou a sua própria descrição do alcoolismo em família:

“Minha casa sempre foi uma disfunção total! Nunca houve diálogo, não existia comunicação, entende?! Era muita gente no mesmo lugar e ninguém conseguia se entender. Adivinha qual era o resultado? Aquele povo todo brigando, discutindo, praticamente se matando! Daí eu te pergunto: E eu naquilo tudo? Eu sempre me senti e estava sozinha. A minha sorte e salvação era a minha avó! Ela estava sempre comigo e nós ficávamos juntas, conversando e rezando durante esses momentos de briga. Ela me levava para a igreja e orava para que tudo ficasse bem e que meu pai parasse de beber. Sempre me aconselhava, me orientava na vida... Sem dúvida, ela foi o meu grande porto seguro ...”

Sua descrição dos cuidados recebidos da avó deixava a mim e Mariana emocionados. A diferença é que eu guardava as emoções reverberando no meu íntimo, visto que a cena era da participante e eu estava ali para escutar e aprender através do silêncio. Fiquei refletindo sobre como algumas pessoas assumem os cuidados essenciais que são estruturantes para os indivíduos em desenvolvimento. Essas pessoas se tornam marcantes, inesquecíveis e modelos por toda uma vida. Achei muito interessante a forma pela qual Mariana descreveu a casa da avó, comparando-a com a paterna no que se refere à organização do espaço e às refeições que lhe eram oferecidas. De modo geral, tudo que era proveniente da avó era bom e digno de apreciação, enquanto na casa dos pais...

“Primeiramente, minha avó tinha uma cabeça aberta, ela era atenta no que estava acontecendo no mundo. Não era alguém parado no tempo, entende? Tudo na casa dela era bom! A casa era maior, mais arejada, tinha comida boa, sucos e água fresca. Uma casa limpa, super organizada. Nossa!! Estar lá era tudo de bom!! Muito gostoso, mesmo! Eu me sentia bem! Porém, já na casa dos meus pais era complicado, porque lá era tudo bagunçado, faltando coisas, desorganizado, ah sei lá, eu me sentia perdida naquele espaço!”

Mariana percebia que sua família “vivia uma loucura” (sic) e que se não tomasse cuidado poderia enlouquecer com eles. Foi se cansando daquela repetição eterna do álcool. Começou a ter medo de um dia se ver desse jeito, bebendo intensamente. Conseguia ver esse movimento no próprio pai, um homem com o qual nunca pôde ter uma conversa honesta sobre os próprios sentimentos. Nessa relação o afeto era escasso, faltava assunto para um diálogo, assim como um interesse livremente motivado para conversar. O que restava quando se encontravam? Para Mariana é difícil descrever o que sente, mas sabe que se incomodava com os comportamentos abusivos do pai, principalmente quando este exigia que os familiares o servissem como, por exemplo, entregando-lhe em mãos um prato de comida feito. Para a jovem, o alcoolismo favorece relacionamentos abusivos e os comportamentos do dependente que caminham para esse funcionamento a irritam.

Nada tinha graça, se a mandassem vestir uma roupa qualquer, Mariana a vestia. Cadê as suas escolhas Mariana? Angustiado, eu estava a pensar... Mas se, naquela época, as escolhas não existiam, para que escolher, se tudo no final vai se repetir? Qual o sentido de uma escolha naquele contexto? Para que celebrar momentos em família, tirar fotos ou participar de eventos? A vida cobrava tanto que deixava tudo sem graça, meio branco e cinza, se fôssemos atribuir cores para as vivências emocionais.

Mas uma frase de sua avó martelava em sua mente: “Mantenha a mente aberta pois nunca se sabe quando uma porta também lhe será aberta!” (sic). Essas palavras lhe soavam como um mantra que orientaria suas experiências futuras, ela sentia que um dia algo bom poderia acontecer e mudar radicalmente a sua história. Porém, sabemos que a fada madrinha mora nos

Contos de Fadas e que, na vida real, era melhor estar alerta, tal como recomendado pela avó.

Um dia uma amiga de sua avó veio visitá-la, era uma senhora bondosa, de cabelos grisalhos e que morava em outro estado. Após matarem as saudades com beijos e abraços, a conversa espontânea e acolhedora se desenvolveu entre as matriarcas e, por acaso, a visitante comentou que estava contratando jovens para trabalharem em sua nova empresa. Parece que uma porta se abriu e Mariana, ao saber da novidade, prontamente se candidatou à vaga. A avó lhe ofereceu o apoio que necessitava para afastar-se de casa, em busca de novas experiências e sentidos.

Imagino que Mariana tenha vivido essa oportunidade com uma certa ambivalência: de um lado a possibilidade de uma nova vida, de um recomeço, mas por outro, iria se afastar da avó, sua eterna companheira. Difícil, não? Mas, a avó estimulou que a neta viajasse e lhe trouxesse novidades durante as visitas nas férias. Mariana partiu com o coração apertado, mas com a benção de quem sempre lhe rogou a Deus em preces.

Mariana, após um intervalo de adaptação, começou uma nova rotina, na qual os compromissos de trabalho, as relações de amizade e o ambiente como um todo eram diferentes. Ela tinha outra rotina, outros horários, outras relações, ou seja, uma outra forma de viver a vida. Com o tempo, começou a enxergar cores no mundo e a desejar fazer as coisas por si mesma. Quando saía com os amigos do trabalho, podia rir sem acanhamento e, se sentir livre para escolher, desejar e lutar pelo que quisesse. Aos poucos, Mariana sentiu o gosto de ter a vida nas próprias mãos, de poder vivê-la sem estar à mercê dos caprichos de um alcoolista na família.

“Quando eu me mudei pude perceber que na minha cidade natal eu estava sempre tentando controlar os comportamentos do meu pai e dos demais parentes. E onde estava a minha vida? Eu a tinha perdido completamente! Vivendo para os outros, eu estava longe de mim mesma e agora na nova cidade, no novo emprego, finalmente pude olhar para mim ... consegui minimamente viver um pouco diferente e aí perceber as minhas demandas, as minhas dificuldades, os meus prazeres, construir as minhas coisas, enfim, encontrar a minha vida.”

Segundo Mariana, foi no encontro com a própria vida e ao se sentir viva que ela pôde compreender os efeitos do alcoolismo parental. Reconhece que reconstruir a autoestima foi um processo trabalhoso, através dos encontros da AL-ANON e da psicoterapia. Sentia-se feia, não aceitava o próprio corpo e evitava ser fotografada. Um sofrimento que a acompanhou até que pudesse reelaborar o vivido e lhe atribuir um novo sentido. Foi quando passou a admirar a fotografia pela sua capacidade de conter no papel um momento significativo da vida de alguém. A fotografia se tornou poesia e as rimas de suas estrofes passaram a conduzir as inspirações artísticas da participante. Comprou uma máquina para apreciar os momentos significativos e guardá-los como relíquias pessoais e confessou, emocionada, que jamais pensou que poderia achar graça em tirar fotos das pessoas e da vida, porque antes sequer gostava da própria imagem.

“Se na casa do meu pai me mandassem vestir uma calça amarela ou de qualquer outra cor eu vestia porque lá eu não escolhia as coisas para mim. Aqui é diferente, aqui eu escolho as cores que desejo vestir! Escolho para onde eu vou e o que desejo fazer... Sinto-me livre e viva! Vejo sentido no meu trabalho e nas minhas atividades e desejo viver!”

Impactado com a narrativa de Mariana, confesso que muita coragem era necessária para enfrentar o que ela enfrentou. A cena que encerrou nossa entrevista me foi significativa, pois falávamos sobre a sua recuperação e a importância das pessoas que participaram desse processo, quando de repente, ela se abraçou. Fechando os olhos, inspirou profundamente e sorrindo disse que hoje se sente abraçada e que não está mais sozinha, há pessoas à sua volta, caminhando com ela.



<b>VANESSA</b>	
<i>“Só sei que com murros e pontapés ele destruiu a porta!”</i>	
Idade: 53	Profissão: Professora

Vanessa é uma mulher acolhedora e simpática. Após os cumprimentos, conversamos brevemente sobre educação, um tema que a participante aprecia. Expliquei-lhe o objetivo da pesquisa e apresentei a NI, a qual foi lida em voz alta. Interessada na proposta, a participante pediu que eu escrevesse o desfecho da história de Gilberto que ela ditaria. Assim procedi e Vanessa elaborou a sua NI:

*(...) se deparou com o pai forçando o carro a entrar na garagem, porém o carro morreu. Então, o pai dá partida e força violentamente o motor. A mãe já se desespera, vai até a janela do carro e grita:*

*- Não precisa fazer isso, você está fora da entrada da garagem e por isso que o carro está com dificuldade para entrar.*

*Seu Osvaldo fica muito bravo, abre a porta do carro e grita:*

*- Mulher, seu lugar é na cozinha, você não tem nada a ver com isso!*

*Mas ela entra em controvérsia e continua insistindo que ele deveria ter calma. Seu Osvaldo, fora de si, parte em direção a ela dizendo que era tudo culpa dela. Neste momento, Gilberto entra na frente da mãe para protegê-la. O pai fecha o punho como se fosse esmurrá-la, mas se o fizesse acertaria Gilberto.*

*Então a mãe puxa-o para dentro, deixando o pai sozinho. Sem plateia para o show do alcoolismo daquele momento, Seu Osvaldo entra no carro, debruça-se sobre o volante e dorme profundamente, ali mesmo.*

*Gilberto sente vergonha de toda a situação, mas toma atitude de falar baixinho para não acordar o pai porque ele sabe que só depois que passar o efeito da bebedeira é que eles poderão conversar.*

Após a escrita da NI, perguntei a Vanessa como tinha sido a experiência. Ela destacou que gostou da atividade e, recordando-se da

expectativa da personagem pela chegada do pai alcoolizado pontuou que também a viveu durante a infância.

“Na minha casa, o meu pai era o alcoolista e tudo girava em torno dele. Existia uma insegurança ... um medo misturado com tristeza. Ele era agressivo quando brigava, e eu, minhas irmãs e minha mãe ficávamos submissas. Existia também uma preocupação familiar em esconder o alcoolismo das outras pessoas. Nós sofremos bastante!”

Vanessa recordava da figura paterna como um homem de duas personalidades: na primeira, uma pessoa tranquila e, na segunda, alguém que ficava irreconhecível pelas condutas agressivas. Neste ponto, a participante trouxe uma nova lembrança: ela menina, na missa, durante a fila da Santa Comunhão. Ao receber a hóstia consagrada do padre, ajoelhou-se em seu banco e em oração, conversou com Jesus: “Senhor, que meu pai não beba hoje! Senhor, que exista paz em nossa casa!”

A imagem da participante como uma menina chamou-me a atenção. A própria Vanessa referiu-se à sua “criança interior” (sic), que ainda mora em seu íntimo. Essa criança está lá, latente ... esperando o convite dos afetos e das lembranças para manifestar-se e expressar sua alegria ou sua dor. Vanessa recordou-se de uma peça de teatro que assistiu para exemplificar as emoções que reverberaram de sua criança interior.

“Eu assisti um teatro infantil da AL-ANON. Uma peça linda e muito sensível. Nela, havia somente três personagens: uma criança pequena, o pai alcoolista e uma porta. Sim, uma porta! Porque aquela porta viu tantas coisas .... Ela serviu como sustentação para que a criança aprendesse a andar, mas também presenciou cenas tristes, como por exemplo, o filho tentando se comunicar com o pai. E como era difícil acessar aquele pai, hein! Eu sei que nesse teatro minha criança interior se manifestou. Ela estava lá, dentro do meu peito, e eu comecei a chorar na plateia, emocionada!”

A porta: um item fundamental na casa, mas muitas vezes esquecido. Em minhas associações lembrei-me de que a porta é muito simbólica, sendo digna de nota. Em muitas culturas, ela representa a passagem de um estado emocional ou espiritual para outro. No teatro, citado pela participante, a porta

representava um observador oculto que sentia as dores e lágrimas do menino pela ausência paterna. Era o álcool que se fazia presente no consumo abusivo daquele pai enquanto a porta figurava como testemunha. Ah, se as portas falassem ...

“Se as portas falassem elas diriam muito sobre o medo que eu, minhas irmãs e minha mãe passamos em casa! Nossa, cada situação! Meu pai chegava bêbado, provocava brigas e quebrava pratos, copos e xícaras! Ele xingava a gente sem motivo e muitas vezes conseguiu comprar armas e punhais nos bares. Eu ficava horrorizada e com muito medo!!! Então, tomava coragem e ia escondida até o armário dele para pegar aqueles objetos e escondê-los no meu quarto. No outro dia, sóbrio, ele nem se lembrava daquelas compras .... Finalmente, após anos vivendo essa vida, ele deixou de comprar as armas e os punhais e eu consegui, através de um amigo policial, entregar os objetos para a polícia. ”

Acompanhando o seu relato, imaginei o terror vivido por Vanessa. Possivelmente, o medo de que com aqueles objetos o pai provocasse uma tragédia em casa ou com outras pessoas! A participante destacou que o medo e a ansiedade a atormentaram durante a infância, adolescência e começo da vida adulta, quando nesta última fase, pôde gradativamente ressignificar o vivido. Não foi um processo fácil. Ela quase pôs a perder seu casamento, visto que a ansiedade a levava a imaginar tragédias com o seu esposo quando este estava fora de casa. Para conter a angústia, ligava compulsivamente para ele, sufocando-o. Foi somente diante da ameaça do fim do casamento que Vanessa buscou ajuda, encontrando apoio no AL-ANON.

“Eu fui resgatar, nas reuniões, a minha história e os impactos do alcoolismo. Percebi que alguns dos meus comportamentos e sentimentos foram desenvolvidos na relação com o meu pai. O medo que eu tinha de errar é um bom exemplo! Eu tinha um pavor horrível de fazer algo errado e gerar mais um problema na minha vida: afinal, já estava sobrecarregada! Para você ter uma ideia, eu tinha medo de namorar qualquer rapaz em função do medo de engravidar durante um namoro. Eu namorava o meu marido e quando, pela primeira vez, ele me beijou, pensei: Meu Deus! Estou grávida! ”

Vanessa descreveu que, durante a infância e a adolescência, o alcoolismo paterno transformou datas festivas como Natal, Ano Novo, Páscoa e férias em momentos tristes, sem brilho e sem cor. Nestas datas, o pai alcoolizado provocava brigas, situações de humilhação e um clima emocional pesado, deixando todos à mercê de suas vontades. O gosto por essas datas festivas foi recuperado somente após o casamento de Vanessa e o nascimento de seus filhos, trazendo um novo colorido para suas experiências. Destacou que o marido foi uma pessoa importante nesse processo, mostrando-lhe outros caminhos de interpretação da vida.

Recordou-se de uma cena em um almoço de Natal. A família estava reunida na casa do avô materno, celebrando a data. Fartura na mesa, conversas e risadas, músicas e presentes.... De repente, o pai de Vanessa começou a discutir com o irmão de sua mãe. Os dois homens, alterados, ergueram a voz e gesticulavam de modo hostil, informando sobre a iminência de uma agressão física. O avô, patriarca da família, interviu, deixando claro para os dois as regras da casa em termos da boa convivência.

O pai da participante ficou enfurecido com a bronca recebida do sogro e disse que “iria embora, mas com ele levaria todo mundo” (sic). Gritando, o pai de Vanessa chamou as filhas e a esposa pelos nomes e com raiva ordenou que todas fossem embora com ele. Frustrada pelo fim da festa, e com medo do progenitor, Vanessa obedeceu ao chamado. Angustiada, observava o pai caminhando muito à frente, irritado e resmungando, seguido por sua mãe e irmãs, temerosas pelo que ainda poderia acontecer.

“A chave de casa estava com a minha mãe, mas como o meu pai saiu gritando, irritado e andando na frente, ela não conseguiu entregar para ele. Ele estava muito bravo! Ao chegar em casa, ele se deparou com a porta de madeira trancada. Uma fúria o invadiu e não sei dizer como aconteceu e nem de onde ele tirou tamanha força. Só sei que com murros e pontapés ele destruiu a porta! Ele a deixou em pedaços! ”

Quando Vanessa, as irmãs e a mãe alcançaram a entrada da casa se assustaram com a cena: uma porta de madeira em vários pedaços, e o pai,

dentro de casa, gritando, xingando, jogando pratos e copos na cozinha. Vidros que se estilhaçavam para todo o lado! E elas, sentindo-se impotentes perante aquela situação .... Após um tempo, o progenitor cansado foi para o quarto e dormiu. Um silêncio mórbido tomou conta da casa. Vanessa sabia que o pai não poderia acordar antes que o seu organismo tivesse eliminado o álcool, pois era grande a possibilidade de que ele começasse outra briga. O que lhes restava era aguardar...

“A casa estava em silêncio e o sentimento de tristeza amargurava os nossos corações! Eu estava arrasada! Meu pai dormindo, minhas irmãs chorando, mas a minha mãe não parava quieta. Ela arranhou uma cola e começou a juntar os pedaços da porta, reconstruindo-a. Eu fiquei impressionada! Sozinha, ela reconstruiu aquela porta colando cacos de madeira! E depois a encostou no buraco que havia na parede, protegendo a entrada da casa.”

<b>FERNANDO</b>	
<i>“E a gente que é da família percebe que está em um barco em alto mar, mas ele está à deriva!”</i>	
Idade: 64 anos	Profissão: Vendedor

Depois que lemos a Narrativa Interativa de Gilberto, Fernando perguntou se a família do personagem fazia tratamento. Surpreendido, respondi que essa informação era um elemento aberto e que ele poderia colocar ou não no desfecho da história. Após um breve silêncio, o participante escreveu a sua NI pensativo...

*Como a mãe e filho sabiam que não poderiam reagir à situação encontrada, o pai alcoolizado não iria entender o que eles dissessem, então o melhor a fazer seria recebê-lo sem problemas, ajudá-lo se preciso e somente, no dia seguinte, fariam da irresponsabilidade de dirigir bêbado, e de todos os outros problemas que estariam passando, mas somente quando estivesse sóbrio e pudesse entender o ocorrido.*

Após escrever o desfecho da narrativa, o participante afirmou que diferente da personagem, quando o seu pai bebia, ele “reagia” (sic). Fernando era um participante com presença marcante, homem decidido, pai de família e expressava-se com uma voz firme. Às vezes era objetivo em determinado assunto, reservando-se ao silêncio em outros. Senti certa resistência a entrar em determinadas questões, talvez porque fossem difíceis ou porque ainda não estavam elaboradas. Havia um silêncio entre suas comunicações e eu apenas respeitei. Espontaneamente, o participante começou a narrar sobre sua infância e a convivência com o seu pai alcoolista. Disse-me que ele era um homem trabalhador, muito religioso e apegado à família, sendo o domingo sagrado e reservado para as missas, orações e visitas a parentes. O participante expressou uma admiração pelo pai, destacando o valor da família como estrutura para uma sociedade.

Contudo, seu pai era um homem violento quando bêbado. Exigente e agressivo implicava com o participante, ainda adolescente, para que trabalhasse e desistisse do sonho de estudar. Fernando se incomodava com essa imposição, pois seus sonhos estavam atrelados aos estudos ... Como

assim não estudar? O participante descreveu as brigas que aconteceram em sua casa. Diferente de Gilberto, que silenciava, Fernando “reagia” (sic) e enfrentava o pai, exigindo argumentação para tais imposições. O cenário? Os dois gritando um com o outro, enquanto a mãe chorava tentando impedir uma iminente agressão física. Lá estava a mãe, tentando acalmar os ânimos dos dois e equilibrar a casa para que a vida pudesse prosseguir...

Fernando, nesse contexto de brigas e desaforos, não se conformava! Como seu pai poderia ser assim, tão difícil de lidar? Além destas exigências descabidas, o participante necessitou trabalhar desde os 12 anos de idade para ajudar com as contas da casa, visto que nessa época todo o dinheiro que o seu pai ganhava no trabalho tinha uma única finalidade: sustentar o próprio alcoolismo. Imaginei a turbulência emocional que o jovem deve ter vivido em função desses acontecimentos e pensei na revolta como um possível afeto que o invadiu psiquicamente.

“Por ser o irmão mais velho e pela impossibilidade do meu pai colocar dinheiro dentro da própria casa para pagar as contas, eu fui obrigado, pelas circunstâncias da vida, a me tornar o homem da casa! Minha mãe me escolheu para tal tarefa, eu a ajudava a resolver problemas e, em certa medida, até a criar os meus irmãos mais novos. Aprendi cedo o sentido da palavra responsabilidade e, com ela, amadureci ... Foi difícil, mas era o necessário! Sabe, o alcoolista só pensa na bebida, em como beber mais e permanecer bebendo... e o resto é o resto! Tanto faz as contas e os compromissos assumidos, o que realmente importa é o álcool. E a gente que é da família percebe que está em um barco em alto mar, mas que ele está à deriva! E nessa situação a gente fica pensando: meu Deus, o que é que eu vou fazer?”

Insegurança. Esse era o sentimento predominante na casa de Fernando. Ninguém sabia o que poderia acontecer! Quando o pai saía para beber surgiam perguntas na mente de todos: E se ele chegasse violento e agressivo? E se ele começasse a ofender e a impor normas ou regras sem sentido, apenas para satisfazê-lo? Como lidar com os gritos e com as ofensas sem motivo? Tudo respirava insegurança! E nesse contexto, o desânimo vez ou outra abatia o participante, sua mãe e os seus irmãos, pois o que estava posto era que é de um jeito ou de outro, todos tinham que sobreviver!

“Meu caro, o lema naquela casa era: salve-se quem puder!!! A questão que estava posta ali era a de sobrevivência! Sobrevivência em todos os sentidos: financeiro, emocional e espiritual. Não era fácil lidar com tudo aquilo porque é meio que viver no limite!”

Fernando explicou que o pai chegava em casa bêbado e procurava motivos fúteis para armar uma discussão que geralmente terminava em violência doméstica: apanhava o participante, a mãe e os demais irmãos. Fiquei emocionalmente mobilizado ao imaginar a triste cena, contudo, antes que elaborasse mentalmente o narrado, Fernando trouxe-me um sentido para aquela experiência: segundo ele, os alcoolistas provocariam discussões e brigas com o objetivo, talvez até inconsciente, de forjar novos motivos para beberem e, deste modo, retornarem ao bar.

Ficou marcado para mim que a visão de Fernando sobre o alcoolista é de alguém essencialmente egoísta, ou seja, que funciona exclusivamente em prol da manutenção do próprio prazer, esquecendo-se dos sentimentos, expectativas e projetos das pessoas que com ele convivem. Sua narrativa caminha rumo a um momento de impasse ou de êxtase do grupo familiar que encontra uma solução para essas experiências invasivas, à semelhança da horda primitiva idealizada por Freud em Totem e Tabu. Os irmãos se reuniram e bateram no próprio pai, com tapas e socos, e depois lhe deram o recado para que nunca mais levantasse a mão contra qualquer um deles!

A estratégia familiar de colocação do interdito funcionou e, segundo Fernando, desde aquele evento o pai nunca mais se atreveu a bater nos filhos, porém ainda pairavam no clima doméstico muita insegurança e medo. Sim, pois os filhos temiam represálias e, para conter nova experiência de caos, dormiam com facas debaixo dos travesseiros em contínuo estado de alerta.

A necessidade da sobrevivência fez com que Fernando aprendesse cedo o sentido da frase: “se virar na vida” (sic). Senti, durante a entrevista, uma possível valorização do sofrimento vivido como aprendizagem significativa que lhe rendeu a coragem de existir. Mobilizado por esses afetos da contratransferência, pensei na possibilidade de que a objetividade e os



silêncios de Fernando fossem expressões de uma vida onde sobreviver era o único lema...

O avô do participante foi apontado por este como figura paterna substituta, na qual pôde se apoiar e se inspirar para a vida. Homem bondoso, justo e honesto, cujas condutas ajudaram Fernando e a família a se estruturarem financeiramente, principalmente através do gesto de doar um terreno e construir uma casa para não dependerem mais de aluguel. Descreveu a cena do avô trabalhando na construção, erguendo as paredes com a ajuda dos netos que carregavam tijolos e enchiam a carriola com argamassa. Foram dias em que o suor no rosto e o intenso cansaço deram lugar à conquista da casa própria, o que foi fundamental para que ele, os irmãos e a mãe tivessem uma estrutura mínima que possibilitasse viver, trabalhar e lidar com as contas.

Diferente da relação com o avô, positiva e baseada na admiração, Fernando tinha dificuldades para se relacionar com o pai, conversando apenas o essencial, ou seja, assuntos relacionados a deveres e atividades em família. Não existia uma comunicação íntima, na qual o participante expusesse sentimentos, experiências e dificuldades existenciais. Se expor a esse nível poderia ser até perigoso, sobretudo quando o pai estava alcoolizado e, conforme mencionado, criava situações para discussões e brigas.

Enquanto adulto jovem, o participante destacou que conseguiu trabalhar e estudar, formando-se em uma faculdade, com muita dificuldade. Com a responsabilidade de ser o irmão mais velho, acompanhou o pai em várias internações em clínicas de reabilitação para alcoolistas, apoiando-o nesse processo. Contudo, decepcionava-se sempre que o pai desistia da internação e prometia para os familiares que o futuro seria diferente, pois jamais beberia de novo. Desilusão após desilusão, Fernando sentia essas promessas como penas que voavam com o vento, e que as coisas permaneceriam do mesmo jeito!

“Sabe cara, na última vez que eu o internei e vi que ele saiu no dia seguinte da clínica, decidi para a minha vida que nunca mais iria ajudá-lo desta forma! Tive uma conversa séria e falei que agora ele iria se virar! Ele era adulto e responsável pelas suas ações e que se quisesse cuidar de si, faria sozinho. Eu estava cansado daquilo tudo! Decidi que olharia para as minhas

necessidades e foi o que fiz. Passei a cuidar de mim, em primeiro lugar! E daí em diante mudei alguns pensamentos e atitudes, pois o foco passou a ser eu! ”

Fernando descreveu que se afastou emocionalmente dos problemas familiares para olhar para si mesmo. Esse afastamento foi comparado pelo participante com o conceito de “desligamento emocional” (sic) indicado em livros e folders da AL-ANON. Trata-se da atitude de valorização das próprias demandas com o foco no bem-estar pessoal diante das turbulências que são geradas pela convivência com um alcoolista. Deste modo, o “desligamento emocional” foi a estratégia utilizada pelo participante, na época de forma intuitiva, para diferenciar as próprias necessidades das de sua família. Com o tempo, se organizou financeiramente para morar em outra casa e incentivou os irmãos a desenvolverem sua autonomia econômica seguindo seu modelo. A decisão de sair da casa dos pais foi vivida pelo participante como o momento em que assumiu as rédeas da própria vida.

Uma analogia me chamou a atenção: Fernando comparou o alcoolista com um termômetro para a casa, o qual anuncia a temperatura emocional para a família, inibindo alguns comportamentos e favorecendo outros. Pensei o quanto era interessante, e trágica, essa metáfora para ilustrar a experiência de estar à mercê dos desejos de um alcoolista, que pode se enfurecer se for contrariado. Contratransferencialmente, me questionei: e a vida espontânea, onde é que fica?

Atualmente casado, com renda estável e filhos adultos, Fernando compreende que as experiências com o pai alcoolista favoreceram o seu amadurecimento e força para enfrentar dificuldades. Nesse sentido, enxerga que a vida o fez forte e, capaz de superar desafios. Apesar dessa força, descreveu que no passado, ainda jovem, fazia muitas coisas pelos outros para conseguir atenção e afeto, mas que depois de refletir sobre as experiências vividas percebeu que esse movimento de “fazer pelos outros” (sic) possivelmente advinha da convivência com o pai alcoolista. Foi aí que decidiu que não se sacrificaria por mais ninguém, pois se colocaria sempre como prioridade.

<b>ROSA</b>	
<i>(...) ver aqueles cachorros bravos e as marcas de sangue na parede ou no chão ... pareciam que eles iriam arrancar pedaço da gente!</i>	
Idade: 34 anos	Profissão: Motorista

Agendei no primeiro horário da manhã a entrevista com Rosa e aguardava pensativo, observando pela janela da sala as pessoas na rua deslocando-se, possivelmente rumo ao trabalho... O sol entrava timidamente pela janela da sala reservada para nosso encontro, anunciando que o dia estava apenas começando... Pelo fato de ser uma manhã, o perfume do café recém preparado impregnava o ambiente. Rosa chegou e espontaneamente a convidei a tomar uma xícara, brincando que desejava que ele estivesse razoável. Dialogamos brevemente sobre o trânsito, as notícias do jornal televisivo e o exercício da nova profissão que ela tinha começado naquela semana, fato que chamou a minha atenção porque ela disse que se tratava da mesma atividade do pai. Observei que a participante era uma pessoa expressiva, comunicando-se com desenvoltura.

Sentados próximos a uma mesa circular, expliquei-lhe o objetivo da pesquisa e o caminho que percorreríamos juntos para compreender a sua experiência como filha de alcoolista. Então, apresentei-lhe a NI a qual lemos juntos e em voz alta. Convidada a criar um desfecho para a história de Gilberto, percebi que Rosa animou-se e logo começou a escrever, estabelecendo-se no ambiente um silêncio contemplativo, oriundo de uma escrita concentrada.

*Viu seu pai totalmente alcoolizado sem forças e sem equilíbrio. Foi ao seu encontro para ampará-lo e levá-lo para dentro de casa. Acomodou seu pai no sofá da sala e voltou para o carro, para estacionar devidamente. Vendo o estado de sua mãe, levou ela para cozinha, tentando deixar ela calma o possível para não começar a discussão, porque toda vez que seu pai estava alcoolizado, ficava violento, e sua mãe não aguentava passar por esta situação e ficar calada.*

*Gilberto aguentava passar tudo calado, para não aborrecer sua mãe. Queria sempre manter o lar o mais harmonioso possível, porém nem sempre ele conseguia.*

*Pedia para sua mãe resolver a situação se separando de seu pai, mas ela respondia que não era dessa maneira que as coisas se resolviam.*

*Muitas vezes, Gilberto culpava sua mãe, por ela também facilitar as bebedeiras de seu pai. Tinha vezes que Gilberto enfrentava seu pai, e acabava em violência, ele queria mudar o jeito e sua convivência, mas sempre acabava derrotado.*

*Na mente de Gilberto, seu pai não era doente, e sim agia desta maneira por que não amava sua família, e queria puni-los tendo essa atitude.*

*Gilberto não sentia pena pelo seu pai, ele só queria que ele parasse de ter estas atitudes e respeitar sua mãe, que fazia de tudo para agradá-lo por que o amava.*

*O que resta agora para Gilberto é esperar passar a bebedeira do pai e tentar conversar com ele, pondo sua emoção, coragem e respeito, por mais que difícil seja.*

*Já com sua mãe, manter ela em equilíbrio, para que não tente impor suas emoções e discutir com uma pessoa que não vai escutar, e piorar cada vez mais até chegar a agressão.*

*Ser filho de alcóolico não é fácil, você fica entre a cruz e a espada, tentando manter o equilíbrio e a harmonia.*

No término de sua NI, perguntei-lhe como tinha sido a experiência de escrevê-la, e fui surpreendido pela sua resposta:

*“Eu gostei de escrever, achei que foi bom porque a história do Gilberto é bacana para ilustrar a vida dos filhos de alcoolistas. Mas eu ainda nem comecei, tenho tanta coisa para te contar!”*

Fiquei espantado com a frase e imaginei que Rosa tinha vindo para nossa entrevista pensando na sequência dos eventos de sua vida, talvez até organizando-os mentalmente para me apresentar. Pareceu-me que aquele momento estava sendo aguardado ansiosamente, que poderia ter sido interpretado por ela como uma possibilidade de expressão do vivido. Diante disso, Rosa decidiu falar primeiramente sobre o seu pai, descrevendo como este chegava em casa quando estava alcoolizado. Tive a sensação de que a

participante retomou a sua narrativa do mesmo ponto em que interrompeu a NI, porém sem perceber:

“Na minha casa, o alcoolista era o meu pai e ele bebeu desde que eu me conheço por gente. A questão é que ele saía muito para ir ao bar... quase todos os dias e eu e minhas irmãs tínhamos muito medo do momento em que ele chegaria em casa, pois geralmente víamos cenas de violência em que ele era o agressor. Horrível! Meu principal terror, assim como das minhas irmãs era chegar em casa e deparar com ele espancando a nossa mãe. Nós já vimos isso e ficamos desesperadas! Numa das ocasiões, totalmente paralisadas, e não sabendo o que fazer para impedir aquilo, ficamos chorando uma noite inteira.”

Rosa olhou para o chão, possivelmente tentando disfarçar o choro que sem aviso a assaltou. Após um suspiro, prosseguiu sua história, descrevendo situações de violência que, ainda criança, presenciou na família paterna, a qual era marcada pelo alcoolismo. De acordo com a participante, além de seu pai, todos os seus tios e tias paternos eram alcoolistas, bebiam diariamente e sofriam com problemas financeiros e atitudes impulsivas. Disse que a educação na sua casa e na família extensa se dava por meio do “apanhar” (sic) e que se alguém apanhava injustamente era justificado pelos parentes com o seguinte raciocínio: “se apanhou é porque mereceu em alguma medida” (sic).

A participante destacou que guarda lembranças da infância desde a tenra idade como, por exemplo, quando tinha quatro anos e presenciou seu pai dando um tapa no rosto de sua mãe. Mas uma memória, em particular, era-lhe extremamente dolorosa. Trata-se da avó paterna, idosa e doente, cujo cuidado foi negligenciado e que sofria agressões frequentes dos filhos alcoolistas.

A avó de Rosa era cuidada por uma filha que morava na mesma casa; porém, essa tia da participante frequentava diariamente os bares e, à noite, chegava em casa alcoolizada e estressada. Sem paciência com as necessidades da senhora idosa e doente, essa filha a agredia, deixando-lhe hematomas no corpo. Segundo Rosa, a avó que era diabética começou a ter problemas na cicatrização das feridas, que ficavam sempre abertas. Os demais filhos criticavam a mãe pelo agravamento da sua situação e, irritados,

tornavam-se agressivos. Tive a sensação de que a violência era a única forma dessa família se relacionar, o que possivelmente significava dificuldades para falar sobre os afetos e dialogar ...

Com seis anos de idade, Rosa visitava essa avó e se impressionava com as marcas de sangue pela casa, assim como os cachorros bravos que pareciam querer morder todo e qualquer visitante ... Contudo, os mesmos cães lambiam as feridas da senhora idosa, como uma demonstração de cuidado, já que diante de machucados os cachorros tendem a lamber para cuidar das feridas.

Fiquei impregnado pela imagem da cor vermelho-sangue e imaginei uma garotinha tão pequena, assustada e tentando compreender o porquê de tamanha violência. Talvez essa imagem da casa da avó seja uma elaboração de afetos infantis, mas de todo modo julguei-a intensa e mobilizadora em nosso encontro.

“Essa família sempre teve marcas da violência! Meu pai apanhou demais na infância, viu muitas coisas e foi um menino judiado... eu até entendo, em certa medida. O pai dele era alcoolista e batia na esposa e na própria mãe! Sabe, muita dor envolvida na vida de todos. E nesse contexto eu ficava assustada e sem entender. Bem pequena, ao visitar a minha avó sentia uma angústia ... ver aqueles cachorros bravos e as marcas de sangue na parede ou no chão ... parecia que eles iriam arrancar um pedaço da gente!”

A participante me explicou que até o começo da vida adulta acreditava que o pai bebia e era agressivo porque ela, as irmãs ou a mãe tinham “feito algo errado, descumprido alguma regra” (sic). O sentimento de culpa e a ansiedade mostravam-se intensos porque elas não conseguiam localizar qualquer regra que tivesse sido quebrada ou qualquer outro motivo que justificasse as bruscas mudanças no humor paterno. Pareceu-me que a angústia de Rosa poderia ser sintetizada na seguinte questão: “O que nós fizemos de errado para ele mudar tanto?” Cada grito, tapa ou agressão verbal desferida pelo genitor alcoolizado deixaram marcas em Rosa ... marcas de dor e medo.

Compreendi pelo relato de Rosa que, naquela época, a dificuldade em significar as mudanças na conduta paterna foi potencializada pela ambiguidade

da figura paterna: quando ele estava sóbrio, comportava-se de modo educado, apesar de distante e lacônico, sendo estimado por colegas de trabalho e por outras pessoas da comunidade; quando embriagado, sua conduta era manifestamente agressiva, destacando-se as humilhações verbais e físicas para com os familiares. Rosa explica que “o pai, às vezes, parecia ser duas pessoas completamente diferentes” (sic), o que a deixava perdida quanto às razões pelas quais mudanças tão bruscas eram efetuadas.

Foram muitas as situações em que o pai alcoolizado promoveu conflitos no próprio trabalho, mobilizando a esposa e as filhas para socorrê-lo. Em uma destas, o pai de Rosa chegou a entrar em coma alcoólico no horário de seu serviço, o que implicou resgatá-lo com urgência para o hospital mais próximo. O medo que ele morresse e a tristeza pelo comportamento repetitivo e arriscado desanimavam a família, especialmente nossa participante que se via impotente diante da atitude paterna. Mobilizado contratransferencialmente, percebi que o tema da impotência marcava a experiência daquela família.

Apresentou-me as estratégias que fez uso durante a vida para minimizar ou até “curar” o alcoolismo de seu pai. A primeira foi tentar entender os motivos ou regras quebradas pela família pois, conforme a concepção da participante, o pai bebia ou se alterava porque “algo de errado foi feito” (sic). Contudo, essa estratégia se mostrou pouco eficaz, já que a participante não encontrou um sentido para o que estava sendo vivido. Na sequência, Rosa compartilhou que, na adolescência, cansada dos conflitos familiares, decidiu se livrar de todas as garrafas e latas de bebida que o pai guardava em casa, derramando-as no vaso sanitário e jogando os recipientes no lixo do banheiro. A consequência foi desastrosa: Rosa levou uma surra que a deixou ferida física e emocionalmente. Nesta situação, marcou-me o relato emocionado que a participante fez da cena do pai tentando sufocá-la no mesmo banheiro em que tentara ingenuamente se livrar do problema do progenitor.

As cenas de humilhação e espancamento não eram exclusividade do pai, sendo também vividas com os tios, tias e primos, particularmente na infância e adolescência. Hoje, os parentes de Rosa mantêm uma atitude distante, marcada por uma hostilidade implícita nas cobranças e discursos. Rosa explicou que, com o tempo, procurou afastar-se da influência familiar, selecionando o que lhe fazia bem de forma a evitar dissabores desnecessários.

Animada com a nova profissão, a participante explicou que se sentia orgulhosa por estar na mesma área de trabalho do seu pai. Senti que Rosa, apesar das dores e mágoas, sente muito carinho pelo pai alcoolista, orgulhando-se dele e desejando tê-lo presente em sua vida cotidiana. Sorrindo, contou que, em função do novo emprego, estava conseguindo conversar mais longamente com o pai, quando geralmente compartilha conhecimento e experiência profissional. Rosa mostrou-se diferente ao descrever essa relação parental contemporânea, sendo o choro substituído gradativamente por sorrisos, depois risadas, ao contar sobre uma ou outra experiência...

Para Rosa, o pai ensinou-lhe muito sobre “como fazer as coisas por mim mesma, sem depender de um homem para uma atividade” (sic). Rosa aprendeu tarefas que são geralmente ensinadas aos homens, na nossa cultura, tais como arrumar um chuveiro, consertar um problema no motor do carro, levantar uma parede com tijolo e argamassa, rebocar uma parede, dentre outras. Esse aprendizado lhe foi muito significativo, visto que lhe ensinou um valor que considera inestimável: ser independente. De acordo com Rosa, ela sempre foi uma mulher que lutou por seus ideais, com perseverança e força.

A participante acrescenta que a convivência com o pai alcoolista foi ressignificada na vida adulta, e hoje já consegue visitá-lo e conversar sobre o passado, inclusive sobre as cenas de violência vividas na infância. Porém, em seu discurso esse assunto aparece sempre em tom de brincadeira, geralmente acompanhado de risadas.

"Hoje quando eu o visito, brinco com papai que se ele tentasse me bater agora ... ah, apanharia feio!!! Daí ele me responde, também brincando, que nem se atreveria porque sabe que sou mais forte que ele. Nós falamos sobre isso brincando e rindo, mas não foi do dia para a noite porque exigiu tempo para brincar sobre esse assunto complicado. Foi difícil conseguir aprender a rir disso ...".

Para Rosa aprender a rir deste sofrimento foi reparador, visto que em sua trajetória já culpou a si mesma, a família e a própria mãe pelo alcoolismo do pai. Formular uma concepção do alcoolismo como doença a ajudou a ressignificar o vivido, processo que foi vivido por Rosa como libertador e para o



qual contou com o apoio da AL-ANON. Para Rosa foi trabalhoso e demorado refletir sobre o valor do perdão diante de experiências tão traumáticas, mas os ganhos foram maiores em virtude da “paz de espírito” (sic) alcançada.

Percebi que nossa entrevista caminhava para o encerramento, quando Rosa selecionou uma imagem interessante para ilustrar a convivência atual com o pai. A participante e seu esposo conversavam via Skype com o pai de Rosa, alcoolizado, achando-o engraçado sem a dentadura. A participante brincou com o pai sobre a sua boca e ambos riram. O que mais surpreendeu Rosa foi o “Eu te amo! Eu amo vocês!” dito de forma espontânea pelo pai. Para Rosa aquelas palavras eram preciosas como diamantes ...

<b>GABRIEL</b>	
<i>“As coisas estavam erradas para mim e eu precisava consertar as coisas”</i>	
Idade: 53 anos	Profissão: Funcionário Público

Recebi Gabriel numa sala preparada para a entrevista e o convidei a se sentar e ficar à vontade. Após conversarmos brevemente sobre o tempo nublado naquela manhã, apresentei-me e expliquei a proposta de pesquisa. Com um olhar atento e afetuoso, Gabriel escutava e se mostrava interessado pelo estudo. Desse modo, fiz a leitura em voz alta da Narrativa Interativa que foi acompanhada pelo participante. Este a escreveu em silêncio, como se estivesse meditando sobre as palavras que colocaria no papel.

*“... notou o carro mal estacionado e o pai cambaleando na tentativa de sair do carro. Foi ao auxílio do pai enquanto, ao mesmo tempo, tentava acalmar a mãe que começava um tradicional discurso de recriminação. Após entrarem, Gilberto se esqueceu que estava com fome e passou a se ocupar de remediar a situação com o pai, a mãe, o carro. Quando as coisas se acalmaram, já sem capacidade de concentração, Gilberto foi pra cama um pouco ressentido por abrir mão de suas coisas, e se revirou na cama por algum tempo, pensando em como sair daquela situação”.*

Após a confecção da NI, em resposta a minha pergunta sobre a experiência de escrevê-la, Gabriel a adjetivou como “legal e interessante” (sic), mas logo acrescentou que era distante das suas experiências na vida real. De acordo com Gabriel, a narrativa de Gilberto é “tranquila” (sic) quando comparada ao que ele viveu dentro de casa.

Achei aquela colocação intrigante, na medida em que a NI é um procedimento aberto, com desfechos múltiplos possíveis e Gabriel optou, ainda que inconscientemente, por manter a personagem e o final de seu drama distantes de sua própria experiência vivida. Comentou que Gilberto parecia estar em paz, estudando e vivendo a própria vida e que ele nunca viveu aquilo, pelo contrário, os seus dias foram marcados pela ansiedade que acompanhava as bebedeiras do pai.

“Parece que aí ele está em paz, estudando e distraído! Não foi assim que eu vivi quando meu pai chegava em casa! Era ansiedade pura e eu ficava muito mal, com medo e nervoso. Eu nasci numa família de muitos irmãos, sendo que os mais velhos conviveram com um alcoolismo mais leve do meu pai e os mais novos, inclusive eu, vivemos um alcoolismo mais intenso, pesado ... e cotidianamente havia conflitos em casa. Portanto, ninguém ficava em paz!”

Gabriel explicou que seu pai era um alcoolista que agredia verbalmente as pessoas ao seu redor, humilhando-as e mobilizando-as negativamente. A irresponsabilidade, o comodismo e a adaptação às situações de precariedade econômica eram características paternas que o participante descreveu, pontuando o seu impacto afetivo. Imaginei que a angústia de Gabriel pudesse ser resumida na indagação: “Como uma pessoa pode se contentar com tão pouco para a própria vida? ”

De fala mansa e olhar compreensivo, o participante se recordou de cenas da infância e decidiu expor uma situação para exemplificar a irresponsabilidade de seu pai. No passado, ele e os irmãos brincavam frequentemente na rua e no grande quintal de sua casa, distraído-se com os jogos e as competições entre os meninos. Contudo, em uma tarde ensolarada pessoas desconhecidas chegaram em frente à sua casa: era uma mulher, suja e malvestida, de aparência cansada e estava acompanhada de quatro crianças, sendo que uma delas era um bebê de colo. Confesso que imaginei a cena com um sol escaldante e um calor terrível ...

Gabriel confessou que ficou curioso sobre quem eram as crianças e aquela mulher e correu para chamar a sua mãe que estava dentro de casa, na cozinha. Os irmãos, também curiosos, acenavam para as crianças desconhecidas e estas respondiam com tímidos acenos. Pareciam estar cansadas, pois mantinham um olhar cabisbaixo, entrecortado por rápidas observações aos irmãos que estavam no quintal da casa.

A mãe de Gabriel saiu pela porta principal e foi até o portão para conversar com aquela mulher. Falaram durante uns cinco minutos, em tom de voz baixo, no que a dona da casa abriu os portões e pediu ajuda aos filhos para que estes levassem as poucas bagagens daquele pessoal para a sala. Todos entraram e a mãe de Gabriel preparou comida e água para os visitantes.

A casa estava lotada e as crianças alvoraçadas para brincar! Não demorou muito para que estivessem jogando bola ou distraídas com algo no quintal, salvo Gabriel que observava à distância a mãe e a visitante conversando ... quais assuntos elas tratavam?

O pai do participante estava fora de casa desde a manhã daquele dia, bebendo nos bares. Ao chegar em casa, deparou-se com a nova presença e Gabriel observou que os três foram conversar em um cômodo mais afastado, que impedisse as crianças de escutar algo... O clima emocional era de segredo, típico de “conversas para os adultos” (sic), das quais os filhos eram excluídos. Escutava-se cochichos cujo tom às vezes aumentava, revelando irritação. Embora curioso, Gabriel decidiu brincar com as demais crianças, pois não era sempre que tinha visitantes em casa.

“Só depois de adulto que eu entendi! Aquela era a segunda família do meu pai, abandonada e com fome ... naquela tarde, as crianças que estavam brincando comigo eram os meus irmãos desconhecidos ... entende? Poxa, como que isso era possível?”

As brigas constantes entre seu pai e sua mãe, as bebedeiras de seu pai, o seu tom arrogante quando estava bêbado, as dificuldades financeiras, enfim, os diversos problemas que eram vividos marcaram Gabriel e muitas dúvidas foram se acumulando ao longo de seu crescimento: “Por que a minha mãe não se separa do meu pai? ”; “por que ele bebe desse jeito irresponsável? ”; “o que nós fizemos para merecer viver assim?” O sofrimento familiar e a falta de respostas levaram Gabriel à conclusão de que seu pai merecia ser punido pelos erros que cometia. Além disso, nosso participante sentia uma necessidade de corrigir as falhas do progenitor, buscando ser melhor do que ele para apontar-lhe os defeitos.

Essa necessidade de corrigir o pai estendeu-se para uma necessidade de corrigir os outros, mostrando-lhes as falhas. Segundo Gabriel, esse jeito de se comportar era automático e se reproduzia nas relações, especialmente no ambiente de trabalho, favorecendo conflitos nas relações interpessoais. Somente pela reflexão e constante auto-observação é que o participante conseguiu mudar. Contudo, reconhece que, na época da adolescência, tal

conduta o ajudava a enfrentar a arrogância paterna, particularmente nos momentos de briga, visto que nestes o pai fazia acusações e humilhações “do nada e sem sentido” (sic).

A relação entre Gabriel e seu pai era de um constante enfrentamento. Predominava a ausência de diálogo e inibição da espontaneidade, resultando na impossibilidade de uma relação mais íntima. As respostas de um para o outro eram atravessadas pelo rancor e pela defesa e, desse modo, a convivência se tornou emocionalmente pesada. Como a família era extremamente religiosa, ideias como a existência do pecado e o dever da obediência favoreceram sentimentos de culpa e ansiedade no participante.

Na adolescência, Gabriel se sentiu confuso e culpado quando compreendeu que era homossexual. Sabia que o pai e os irmãos eram preconceituosos, que a igreja o rotularia como “perverso” (sic) e que seria humilhado pela sua orientação. Por muitos anos preferiu esconder quem era para conviver em família. Sentia-se mal quando o pai alcoolizado comparava os filhos, destacando características e comportamentos que, segundo Gabriel, corresponderiam às suas dificuldades pessoais. Uma das feridas mais doloridas era quando o pai questionava o participante sobre namoro e às vezes, o comparava aos irmãos...

Nessas discussões, Gabriel não ficava calado, mas argumentava, brigava, exigia do pai alcoolizado uma resposta elaborada para tudo o que lhe dizia:

“O meu jeito de lidar era reagir ao meu pai! Não tinha saída, aquele era o meu jeito: reagindo... Cada irmão aprendeu uma forma e essa foi a minha. Discutia com ele, me colocava com argumentação e não deixava barato! Não permitia que toda aquela violência verbal ficasse apenas em mim, porque eu a distribuía nele. Eu o corrigia e mostrava que tinha conhecimento sobre a vida! ”

Segundo o participante era insuportável o fato do “pai não fazer as coisas, se acomodar com situações precárias e, não lutar para modificá-las” (sic). E concluiu: “As coisas estavam erradas para mim e eu precisava mudar as coisas” (sic). Porém, ressaltou que padeceu intensamente ao tentar compensar as deficiências que o pai engendrou na vida familiar.

Para Gabriel, a relação com o pai teve efeitos negativos em sua vida. Reconhece que até hoje tem dificuldade para se concentrar nos estudos ou em tarefas de trabalho e, que sofre por não conseguir levar adiante projetos pessoais que exijam dedicação a longo prazo. No âmbito das relações amorosas, descreveu-se como “sem paciência para imaturidades dos parceiros” (sic), pois se recorda do sofrimento vivido por sua mãe com o seu pai. Gabriel decidiu se mudar da casa dos pais no começo da vida adulta jovem, pois queria preservar o seu espaço. Para tanto, alugou um apartamento e foi morar sozinho.

No final de nossa entrevista, Gabriel expressou que as experiências com o pai foram elaboradas com a ajuda da AL-ANON e de terapia com uma psicóloga. Atualmente consegue perdoar e compreender o pai. Para exemplificar esse caminho pessoal de reflexão, o participante narrou uma cena na noite de Natal. O pai, sempre mandou recados ao filho, através de terceiros como a mãe do participante. Essa atitude irritava Gabriel, pois ele queria que o pai fosse assertivo. Na noite do dia 24 de dezembro, o pai mandou-lhe novo recado via outra pessoa: “Não era para você gastar dinheiro à toa com presentes para mim! Do jeito que está a crise você tem que guardar dinheiro, rapaz! (sic).”

Embora estivesse acostumado a “reagir” (sic), Gabriel respirou fundo e foi falar diretamente com o pai: “Te presentear não é um gasto! É um gesto de reconhecimento pela sua importância na minha vida. É uma expressão do quanto eu te amo! (sic). Imaginei o pai, olhando o filho de cima abaixo com uma expressão de surpresa. Após um murmúrio, o pai de Gabriel levantou-se e decidiu preparar a ceia junto com Gabriel naquela noite, fato este que o participante recebeu com um largo sorriso...

<b>ALESSANDRA</b>	
<i>“ A gente tinha a visão do pai como aquele que nos ajuda! ”</i>	
Idade: 21 anos	Profissão: Não declarada

Alessandra é uma jovem carismática e a senti motivada para o nosso encontro. Expliquei-lhe brevemente sobre o sentido da pesquisa e o caminho que percorreríamos juntos para entender a sua experiência como filha de alcoolista. Deste modo, apresentei-lhe a NI e ela ficou pensativa ao completar a história, questionando-se sobre como poderia ser o final da narrativa de Gilberto, pois narrava oralmente diferentes finais, sem escolher um que pudesse ser definitivo.... Pensei que poderia haver uma angústia em criar um desfecho e para contê-la me ofereci como mediador de sua escrita, copiando no papel o final da história que ela me ditasse. Alessandra aceitou prontamente a minha sugestão e pôs-se a ditar, enquanto eu escrevia o final de sua NI:

*Ele se deparou com o pai alcoolizado e o ajudou pois não conseguia nem sair do carro. Depois o colocou para dormir, pois nessa situação ele realmente estava sem condição de estar em si.*

Percebi que o final escrito de sua NI foi mais objetivo e curto do que os demais desfechos que ela expressou verbalmente, sendo que me questionei se a minha oferta do ditado poderia ter inibido o seu processo criativo. Como os desfechos verbais se sucediam rapidamente tive dificuldade para registrar seu conteúdo, o que também me mobilizou a oferecer o ditado como uma estratégia para favorecer uma linearidade no discurso. Achei intrigante o fato de que ao ditar Alessandra se colocou mais objetiva na elaboração de sua narrativa.

Após o término da NI, questionei a participante sobre o que ela achou da experiência de completar a história de Gilberto. Alessandra fez aproximações entre as suas experiências e a do personagem, destacando o medo do momento em que o pai chegaria em casa bêbado. Explicou brevemente que quando este chegava do bar, ocorriam brigas e cenas de violência que deixavam todos os familiares apavorados, principalmente porque às vezes o pai pegava as facas da cozinha e com fúria dizia que mataria todo mundo.

“Ocorriam muitas brigas na família, mas na hora da confusão a minha mãe gritava para que saíssemos correndo de casa porque ele tinha uma faca na mão e vinha da cozinha dizendo que iria nos matar. Nossa, meu Deus! A gente ficava em choque e saía correndo no meio da rua, com medo e pensando na mãe, ali sozinha com ele!”

Alessandra e os irmãos, desesperados, na rua. Essa cena mobilizou-me emocionalmente, pois imaginei o medo e horror vividos pela participante. Contudo, apesar de seu relato aludir a uma relação pai-filhos ameaçadora, Alessandra trouxe memórias de um pai provedor, que fornecia aos seus filhos o acesso à educação, cultura e lazer. Descreveu bons momentos vividos em família e percebi que existia uma saudade dessas experiências.

“A gente tinha a visão do pai como aquele que nos ajuda! Ele sempre pagava as nossas atividades como balé, escolas, passeios e estava conosco em família! Meus irmãos aproveitaram mais esse tempo do que eu, porque sou a caçula. Ele era diferente, até bebia, mas não como veio a beber depois .... Daí ele começou a exagerar no álcool, a beber quase todos os dias. E nós percebemos que as coisas começaram a mudar ...”

De acordo com Alessandra, a desorganização financeira, as dívidas e as situações de conflito familiar, como a cena em que o pai ameaçava a todos com uma faca, começaram a se tornar frequentes, abatendo a participante, os irmãos e sua mãe. Um sentimento de solidão e desamparo tomou conta do seu coração e ela não sabia como dar uma solução para aquela situação desagregadora.

Na adolescência, os seus pais se separaram e a mudança para uma outra casa foi a solução familiar encontrada. Porém, para Alessandra foi difícil deixar o pai, apesar das brigas e do medo. Percebi um desejo de conviver com a família e com o pai concomitantemente. Ela chegou a se questionar sobre com quem iria morar, mas em função do histórico de violência paterna decidiu-se pela casa da mãe com os irmãos.

“Eu gosto muito do meu pai! Mas, eu vejo que ele parou no tempo! Quando eu o visito ele só me fala do passado! Às vezes é bem difícil suportar



esse jeito dele e é necessário ter muita paciência. Tem horas que fico triste e pensativa. Tem horas que passa.... Ah, como eu gostaria de ter aquele paizão sonhado! ”

Alessandra descreveu um pouco mais a sua relação com o pai. Lembrou que na adolescência buscou imitar alguns gostos e comportamentos paternos, o que lhe pareceu uma tentativa de aproximação do genitor. Na atualidade, mantém contato com ele por meio de visitas e telefone. Descreveu-me que a conversa é, às vezes, pontuada por sermões, quando ele tenta passar orientações e mensagens positivas para a filha. Nesses diálogos entre pai e filha, achei interessante o fato do pai comparar-se à filha, particularmente quanto à impulsividade. Tive a impressão de ser esta uma forma pela qual ambos elaboram os sentidos dessa relação parental marcada pelo alcoolismo. Fortalecendo essa impressão, Alessandra me informou que o pai insiste em dizer que eles são extremamente parecidos. Para a participante existem semelhanças, mas também significativas diferenças.

<b>MICHELE</b>	
<i>“A conversa simplesmente não acontece”</i>	
Idade: 28 anos	Profissão: Professora

Quando encontrei Michele para a entrevista logo observei que ela é uma moça assertiva. Seu tom de voz é seguro e expressa determinação. Começamos a conversar e pude constatar reflexões e elaborações que possivelmente eram provenientes da literatura AL-ANON. Convidei-a a completar a NI e, após alguns instantes, a jovem elaborou o seu desfecho: ... *o pai entrou cambaleando, pois estava alcoolizado e, sem nada dizer, foi para o quarto se deitou e dormiu.*

Tal como na história fictícia apresentada na NI, também em sua família o alcoolista era o pai. Michele descreveu que ele bebeu durante muitos anos e, embora não fosse agressivo, era emocionalmente distante. De acordo com a participante ele era afetivamente ausente, o que dificultava o estabelecimento de vínculo. Como apegar-se? Essa pergunta pareceu-me plausível diante de sua descrição.

A jovem explicou que a ausência paterna era sentida por ela desde tenra idade, como por exemplo, quando aos seis anos disse para as professoras e coleguinhas da escola primária que “não tinha um pai” (sic). A distância emocional do progenitor era “dolorosa e difícil” (sic) e Michele destacou que até os dias de hoje há “machucados não cicatrizados” (sic).

“Percebo que, apesar da terapia com a psicóloga e das reuniões da AL-ANON, eu ainda costumo agir de forma inadequada com relação ao meu pai. Por exemplo, se eu ligar na casa dos meus pais agora e, por acaso, for ele quem atender, imediatamente eu vou querer falar com a minha mãe. Não é por raiva ou mal-estar, mas simplesmente porque não há assunto entre nós. O que eu e ele iríamos conversar? Absolutamente nada, entende?! O único tema que às vezes conversamos é sobre trabalho e olhe lá ... O frio que vem da distância afetiva dele não permite uma interação. A conversa simplesmente não acontece.”

Michele descreveu que durante a infância viveu sem a presença do pai, pois este sempre esteve mentalmente longe, cuidando das próprias necessidades e objetivos. Deste modo, para a participante ele nunca foi alguém com quem os filhos pudessem compartilhar experiências de vida e aprender com os seus ensinamentos. Silencioso, o pai alcoolizado chegava em casa e nada falava com os filhos, mas sua impressão era que se tornava mais isolado quando fazia uso do álcool.

A situação tornou-se diferente quando ele começou a ficar abstinente, tentando desintoxicar-se e manter a sobriedade. Michele descreveu que, nesse processo, o pai desenvolveu condutas agressivas com os filhos, se irritando com qualquer barulho que fizessem. Observamos um pai que muda radicalmente: de silencioso para agressivo! Contudo, dentre os conflitos que ocorreram entre pai e filhos, me chamou a atenção a agressividade incomum do progenitor que, irritado, mordida as crianças. Nesse contexto, Michele se perguntava sobre os motivos pelos quais apanhava, sentindo-se confusa com “a sensação de desordem na casa” (sic).

A impulsividade e agressividade do pai nesses momentos da abstinência foi contida pela mãe, mulher forte, segura, determinada e representante da autoridade, que inibia os comportamentos inadequados do marido com as crianças. Michele ao descrever a mãe expressou admiração e orgulho pela sua força e capacidade em gerenciar e organizar a rotina familiar, além de suprir as ausências paternas. Sustentáculo da casa, a mãe colocava “medo no pai” (sic), pois este obedecia às regras por ela estabelecidas. Senti que a palavra final em todos os assuntos era da matriarca.

A participante recordou uma situação de cuidado dispensado pela progenitora ao levá-la para atendimento psicológico quando tinha dez anos de idade. Segundo Michele, essa e outras iniciativas eram uma demonstração do zelo materno para que os impactos do alcoolismo sobre os filhos fossem mitigados. Michele destacou que esse cuidado foi fundamental para que ela e os irmãos crescessem saudáveis, compreendendo desde jovens que o alcoolismo impacta a saúde emocional.

Um breve silêncio ... Michele resgatou em nossa conversa a figura paterna. Destacou a impossibilidade do diálogo espontâneo dos filhos com o

pai e, pensativa, comentou sobre a hipótese que a família levanta: será que, além do alcoolismo, o pai tem algum transtorno psiquiátrico?

“É complicado tentar conversar, pois você propõe um assunto e ele chega até a escutar, mas não dialoga. Na sequência, em vez de continuar no mesmo tema, simplesmente ele fala de outra coisa que o interessa. Parece que ele não consegue entrar na nossa experiência e aí permanecer por um tempo... eu não sei se é somente o alcoolismo ou também se é uma questão de personalidade ou até de outro diagnóstico que a gente ainda não sabe.”

Durante a entrevista, enquanto escutava Michele pensei em sua solidão. Ela me parecia ser metaforicamente órfã de um pai vivo, pois este a escutava, mas não respondia, não participava, não se manifestava. Ele estava presente, mas não era uma presença viva. Michele pondera sobre essa presença paterna ter sido buscada nos relacionamentos amorosos, porém de uma forma distorcida que lhe trouxe mais sofrimento.

“Eu acho que as dificuldades nos primeiros namoros foram porque não tive o meu pai como modelo para entender os homens. Com o primeiro namorado foi complicado! Eu o sufocava porque deixei de ter as minhas atividades e relações de amizade para fazer tudo com ele. Eu era exigente: queria ele por perto! O rapaz se estressou e um dia me disse: ‘Michele, acorda! Eu não sou o seu pai!’ Na hora que ele falou essa frase confesso que não entendi nada! Hoje eu compreendo que talvez eu tenha exigido dele aquilo que me faltou na relação paterna como atenção e presença.”

Hoje Michele mora sozinha, mas visita frequentemente os pais. Sente que a independência e a privacidade contribuem para a sua saúde mental. O seu pai não faz mais uso do álcool, porém as dificuldades de comunicação entre pai e filha permanecem. Pontuou que no passado sentiu raiva pelas experiências que viveu, pois “queria uma família tal como nos comerciais de margarina” (sic). Destacou que o passado foi ressignificado, mas que ainda se sente triste, machucada, principalmente nas situações em que encontra o pai acompanhado do silêncio: nesses momentos não há nada a dizer...

<b>JOANA</b>	
<i>“Hoje eu sinto dificuldade em aceitar um eu te amo como uma expressão sincera!”</i>	
Idade: 58 anos	Profissão: Gerente Administrativo

Joana é uma mulher carismática, que me tratou atenciosamente durante nosso encontro. Percebi seus gestos afetuosos como uma possível manifestação de cuidado, visto que ela procurava me orientar através de indicações de ônibus em sua cidade ou recomendava livros que fossem interessantes para esta pesquisa de mestrado. Senti que Joana estava interessada e disposta a narrar experiências de vida e, após explicar o objetivo da pesquisa, a convidei a escrever um desfecho para a Narrativa Interativa. Joana preferiu ditar a história e eu me propus a transcrevê-la:

*Viu seu pai alcoolizado batendo a porta do carro para fechá-lo, mas esta não trancou. O cachorro saiu correndo da sala e foi encontrar-se com Osvaldo e, por um tempo, o pai brincou com o cãozinho.*

*Ele entrou em casa e Maria Amélia o recebeu perguntando:*

*- Você quer comer ou tomar um banho?*

*Osvaldo disse que queria comer e então a esposa preparou a mesa de jantar. Tirou o prato frio de Gilberto que estava esquecido na cozinha e o esquentou na frigideira. E quando o filho foi para a cozinha aproveitou para lhe dizer que a carne de panela era suficiente para os três; porém, o pai precisava de uma parte maior por ser o trabalhador da casa. Naquele jantar, Gilberto ficou com mais batata do que carne em seu prato ...*

*Todos estavam na mesa e as confusões começaram. Gilberto empurrava no canto do prato partes da comida que não gostava e o pai vendo esse comportamento começou a reclamar. Gilberto, então, comeu sem nada dizer, mas aquela comida desceu machucando o seu esôfago. Além disso, àquela altura, ela estava fria e Gilberto não gostava de comida gelada.*

*Maria Amélia, muda, permaneceu muda. O pai tentou puxar um assunto para enaltecer o filho, mas com aquele clima Gilberto não conseguia sequer responder. De repente, o pai começou a gritar, mandando que o filho comesse*

*mais rápido, afinal demorava muito para terminar a refeição. Poucos minutos depois, um prato de comida voou na cara do jovem.*

*Gilberto caiu no chão e Maria Amélia avançou no marido, batendo no seu peito e dizendo que se o filho ficasse com problemas de visão ele iria se ver com ela. Mas, em todo esse tempo, o garoto estava ainda no chão, sem ser socorrido pela mãe. Osvaldo deitou no sofá e em minutos estava dormindo e a mãe permaneceu num canto, chorando copiosamente.*

*Engolindo o choro e sem fome, o filho se limpou e foi para o banheiro da casa, trancando-se. Lá, sozinho, ficou imaginando histórias de como poderia ser a sua vida no futuro! Era como se ele entrasse em um outro mundo ou dimensão. E lá permaneceu por um bom tempo.*

*A mãe com dor de cabeça, chamou o pai para ir para a cama, mas este resmungou e permaneceu no sofá, roncando. Ela vendo a situação, decidiu ir dormir e foi para o quarto. Nesse momento, a casa estava uma penumbra ... uma sensação de desesperança, resignação e passividade.*

*Gilberto levantou-se do chão do banheiro e foi ao seu quarto, deitando-se na cama. Escutando o rádio de música quando pegou no sono ...*

*Contudo, nessa noite, entraram dois ladrões pela varanda da casa que passa do lado do quarto de Gilberto. O cachorro não parava de latir, mas ninguém acordou, salvo o filho que atordoado de sono, viu vultos, mas adormeceu novamente.*

*Quando a família acordou pela manhã, pois todos levantavam cedo em torno das cinco horas, descobriram que a casa tinha sido invadida. Foi uma situação caótica pois roubaram a comida do fogão, fizeram cocô na panela de pressão, roubaram um relógio fino do pai e uma bolsa de pelica que Gilberto ganhou de uma amiga, uma lembrança do Vaticano. Roubaram também bastante dinheiro!*

*Diante desta cena, a família chamou a polícia e deixaram Gilberto sozinho em casa, sendo que cada um foi para os seus afazeres. Quando os policiais chegaram para a perícia, perguntaram ao rapaz:*

*- Depois de tudo o que aconteceu essa noite deixaram você aqui sozinho?*

*O jovem respondeu:*

*- Ah, eles tiveram que trabalhar!*

*Passado um tempo, um dos policiais ficou responsável por verificar os fundos da casa e o outro permaneceu sozinho com Gilberto, quando este começou a ser molestado. Em alguns instantes Gilberto ficou paralisado de medo, mas por um impulso conseguiu correr para fora da casa, escapando do policial. Não queria mais entrar na casa, mesmo com os pedidos dos guardas para que entrasse. Somente depois de muita insistência é que entrou e permaneceu na sala. Uma pergunta em sua cabeça latejava:*

*- Será que vou ser castigado por desobedecer uma ordem do policial?*

*Quando Maria Amélia chegou em casa, ele correu e contou o que aconteceu. A recomendação da mãe foi que ele ficasse quieto, não falasse para ninguém, principalmente para o pai porque este ficaria bravo, pediria satisfações ao policial e Gilberto seria responsável pela desgraça da família. Também recomendou que o filho não fosse tão comunicativo ou simpático, pois as pessoas poderiam entender errado.*

*Em outra ocasião, Gilberto descreveu para a mãe que foi ao médico proctologista e foi molestado por este. A recomendação dela foi que ele não fosse mais a médicos homens e que não falasse nada para evitar problemas. Diante destes fatos, Gilberto seguiu a vida, porém com problemas na intimidade sexual. Ele tinha uma grande admiração pelo pai, era o querido do papai, obediente, quieto e que não dava problemas. Havia muitas expectativas em torno do jovem.*

*O seu Osvaldo morreu atropelado por uma pessoa que estava dirigindo embriagada. O pai de Gilberto também estava bêbado na ocasião e morreu de traumatismo craniano.*

*Foi um alívio para todos pois seu Osvaldo tinha uma atitude de fugir dos problemas. Ele saía para comprar cigarros, ficava desaparecido por dias, meses ou anos. Nesses momentos, a dona Amélia dava uma responsabilidade para Gilberto que ele não deveria ter: “ser o homem da família”.*

*Gilberto era muito apegado à avó, mãe do seu Osvaldo. A avó fazia do Gilberto como o seu bonequinho. Entre eles, havia uma ligação forte, causando certo desconforto na família, como primos e irmãos.*

*O Gilberto cresceu, entrou na faculdade, casou com uma pessoa da infância, acreditou que todas as manifestações exageradas da esposa de ciúmes era uma demonstração de amor. E ele seguiu sendo responsável por*

*tudo e por todos. A esposa tinha um temperamento difícil, era agressiva e Gilberto tinha medo de responder. Com o tempo, descobriu que ela teve vários amantes e diante disso tudo, resolveu fazer uma terapia: começou a frequentar a Al-Anon e reconhecer os seus problemas da infância.*

*Ele então, trabalhou com jovens filhos de alcoólicos dentro do Programa Al-Anon e foi descobrindo toda a sua história, continuando a trabalhar até os dias de hoje. Reconheceu a manipulação das pessoas e a insegurança que o alcoolismo traz. E compartilhou experiências com outras pessoas para que estas encontrem uma vida melhor.*

Entusiasmada, nossa participante elaborou sua NI explicando, logo depois de finalizá-la, que muitos dos elementos presentes na narrativa eram reais e referiam-se à sua vida pessoal como filha de alcoolista. Fiquei mobilizado emocionalmente ao pensar em Joana sendo agredida pelo pai quando este jogou em seu rosto um prato de comida! Imaginei a cena da mãe desesperada avançando no marido, mas deixando a filha caída no chão, necessitada de socorro. Joana deitada, atordoada ... segurando o choro. Toda aquela situação de conflito estava acontecendo porque o pai de nossa participante não admitia que a filha rejeitasse qualquer alimento no prato.

Joana descreveu-me uma outra situação na qual não comeu um determinado alimento e o pai extremamente irritado a puxou pelos cabelos, arrastando-a pela casa até a cozinha para que terminasse a refeição. Pensei em como deve ter sido difícil para ela lidar com essas vivências de violência e humilhação... Como elaborar essa experiência? Talvez o jeito que ela encontrou de se sentir menos desamparada foi através do devaneio, imaginando uma outra vida no futuro, na qual pudesse ser feliz e amada...

Como a NI de Joana sugeria, imaginei um silêncio mórbido na casa e a participante trancada no banheiro, chorando e imaginando uma outra vida, distante daquela experiência vivida com o pai. Joana explicou que nesses momentos, maquiava-se e, enquanto olhava o espelho, falava consigo mesma. Penso que a solidão invadia o seu coração e, diante do desamparo vivido, Joana recorria a si mesma como o único apoio disponível.

Confirmando a veracidade da NI, Joana disse que realmente ocorreu um roubo em sua casa e que naquela ocasião um dos policiais tentou molestá-la. Situação parecida também ocorreu com o médico ginecologista que



aproveitando de sua condição profissional tentou abusar dela. Em ambas as situações, Joana conseguiu desvencilhar-se dos homens e escapar. Porém, ao explicar para a sua mãe o ocorrido, a genitora pediu-lhe que não contasse nada para o seu pai, pois este poderia ser violento e “provocar desgraças” (sic). A orientação materna foi clara: a jovem deveria mudar alguns comportamentos como o “ser simpática e alegre, para chamar menos a atenção dos homens” (sic).

Acompanhei Joana nesse caminho de elaboração narrativa de sua experiência pessoal e percebi que ela decidiu me contar um pouco de suas experiências durante a infância. Selecionou as viagens da família para expressar o sentimento de frustração quando o pai bêbado se tornava irresponsável e deixava a gasolina acabar no meio da estrada, sem um posto de combustível próximo para essa emergência, além de outras ocasiões em que costumava atolar o carro, deixando a todos estressados e conseqüentemente frustrados pela viagem malsucedida.

A participante recordou-se de que quando era criança costumava buscar pães na padaria para o café; porém, em uma determinada manhã, o pão tinha acabado de sair do forno e “estava quentinho e cheiroso” (sic). Que gulosa tentação! No caminho de volta para casa, a menina não se conteve e acabou comendo o miolo de um dos pães. Quando o pai foi cortar as baguetes e percebeu que uma delas estava oca ficou irritado e obrigou Joana a comer todo o restante do pão à força.

A insegurança era uma característica na casa de Joana, pois ninguém sabia como o seu pai chegaria após um dia inteiro no bar. Será que ele brigaria com alguém? E se ele estiver muito bêbado e quiser sair de novo com o carro? Joana, a mãe e os irmãos pensavam constantemente na figura do pai ora com medo dele, ora temendo por ele, pois também corria riscos de segurança e saúde. O pai de Joana veio a falecer em um acidente de carro, o que chocou a todos. Uma ambivalência de sentimentos tomou conta do coração da participante que, naquela época, era uma adulta jovem.

Os anos se passaram e Joana se mostrou uma menina criativa, que fez teatro durante a adolescência, contando com o apoio da avó que costurava suas roupas para as peças.

“Apesar de todo o sofrimento, eu era uma pessoa criativa e adorava fazer teatro e me envolver com as artes! Porém, também era uma menina obediente e buscava ser perfeita em tudo o que fazia. Dócil, boazinha, companheira, aquela que tenta saber um pouco de tudo ... meus irmãos chegavam a ficar irritados com os meus comportamentos. A obediência e a repressão estavam dentro de mim! Tive uma adolescência muito reprimida!”.

Fiquei pensando no paradoxo vivido por Joana, pois ela era criativa nas artes e ao mesmo tempo submissa às regras e valores morais. Desejava “ser perfeita” (sic) e sofria com essa exigência pessoal. A responsabilidade em cuidar dos irmãos foi um dos motivos destacados pela participante que fortaleceram o ideal de perfeição pessoal. Joana sente que teve que amadurecer mais cedo para lidar com as demandas que a vida foi lhe apresentando.

Apaixonou-se por um moço em seu bairro e começou a namorá-lo. O rapaz era considerado um “bom partido” (sic): bonito, atencioso, trabalhador e investia no futuro através dos estudos. Recordei-me da cena do banheiro em que Joana chorava e imaginava um futuro feliz. Pareceu-me, através de sua descrição, que aquele rapaz seria o companheiro ideal para que ela alcançasse os seus sonhos e projetos. Após anos de namoro, nossa participante sentiu-se realizada no casamento, porém a convivência cotidiana revelou um segredo do marido que resgatou memórias do passado: o esposo era um alcoolista!

Durante o namoro, o rapaz bebia somente depois dos encontros com Joana, quando ela já estava em casa, de modo que a participante não soubesse que o pretendente era um alcoolista. Contudo, ao longo do casamento, o comportamento alcoólico foi revelado através da convivência, além de outras características que foram se manifestando, particularmente a agressividade e a infidelidade conjugal.

“Meu marido chegava em casa alcoolizado, nós discutíamos e eu geralmente apanhava! Depois das agressões eu ficava machucada por fora e por dentro e sentia uma enorme culpa por tudo o que estava acontecendo! Quando jovem eu tinha expectativas de que na vida tudo iria dar certo, mas infelizmente não foi como eu planejei ... Vivi o alcoolismo como filha e como esposa, vi e sofri agressões, manipulações e traições. Na época do meu pai, as

agressões tinham um outro significado, talvez de educação.... Mas qual é o significado de ser agredida por um esposo? É muito doloroso porque ali eu entendi que era agressão mesmo ... gratuita!”

E complementou:

“ Hoje eu sinto dificuldade em aceitar um eu te amo como uma expressão sincera! Sinto que ela é aprendida pelas pessoas, não autêntica, entende? O ‘eu te amo’ ficou banalizado, todo mundo fala sem pensar direito no que fala ... portanto, para mim as pessoas podem ser amigas, mas não que isso signifique que elas amem no sentido forte da palavra!”

<b>HORTÊNCIA</b>	
<i>“Eu achava que Deus tinha uma programação na minha vida, mas vi que Ele me enganou”</i>	
Idade: 66 anos	Profissão: Não declarada

A entrevista com Hortência ocorreu numa sala reservada, sendo que após apresentações iniciais, expliquei-lhe o objetivo da pesquisa e a convidei para completar a Narrativa Interativa. Em silêncio, a participante começou a escrever:

*Viu seu pai ao volante, sem conseguir abrir a porta do carro. Imediatamente correu com a mãe para ajudá-lo a sair. Apoiou o pai cambaleante no braço e dirigiu-se para dentro, tentando ocultar a embriaguez das vistas de sua mãe. Acomodou-o no sofá da sala, deu uma desculpa para a mãe, e correu para seu quarto.*

*E a sua fome? Havia sido esquecida ...*

Disponível e interessada pela proposta, senti que a participante era uma pessoa acolhedora, o que foi posteriormente apontado por ela como uma característica que as pessoas geralmente lhe destacam. Após escrever a NI, perguntei-lhe como tinha sido a experiência de elaborar o final da história de Gilberto. Hortência pontuou diferenças entre ela e a personagem, especialmente o fato de que em sua infância o alcoolismo foi vivido e compreendido de forma diferente da maioria, pois seu pai ao beber tornava-se “uma pessoa carinhosa e divertida” (sic).

Hortência começou a narrar sobre a relação com os seus pais e enquanto ela falava imagens foram sendo elaboradas em minha mente sobre o vivido. Primeiro, imaginei a participante com aproximadamente seis anos de idade sentindo-se feliz em passear com o pai. Tratava-se de um passeio já conhecido: estavam caminhando em direção ao bar perto de casa. Copos de cerveja, uma dose de pinga ... o pai olha para a filha que está sentada em um banco e aproveita de sua distração para contorcer o rosto. De repente, uma careta! A menina surpreende-se e cai na gargalhada! Risadas ... risadas...

Satisfeita com a piada, ganha um brinde do pai: um doce de abóbora comprado ali mesmo, no bar.

“Meu pai foi muito importante para mim! Nós éramos parceiros nas risadas, brincadeiras e no apoio mútuo e, durante a vida, sempre fiquei próxima dele! Ele era muito divertido! Sabe quando você convive com uma pessoa engraçada? Sim, ele era! A gente passeava junto e às vezes ele me levava para o bar. Enquanto bebia comprava doces para mim, brincava e me dava atenção. Eu não via o bar como um lugar ruim, mas como um espaço de amizades, de jogar conversa fora. Sinceramente, eu não fazia ideia de que o meu pai era um alcoolista! Como eu poderia achar ruim o que vivia?”

A menina Hortência se incomodava com as cobranças e o controle exercido pela mãe com as saídas do pai ao bar. Para ela, era estranho a necessidade de controle da mãe sobre a rotina da casa e as atividades do progenitor. Admirado e amado, o pai era uma figura que suscitava respeito e a amizade de todos no bairro. Senti em nossa entrevista uma descrição das experiências marcada pela saudade. Hortência estava narrando o passado sorrindo e percebi um olhar distante, talvez mergulhado nas próprias memórias. Contudo, a expressão de Hortência se tornou séria ao descrever o impacto da morte do pai:

“Um dia recebemos uma notícia que nos deixou sem palavras ... meu pai sofreu um acidente de carro e não resistiu. Meu mundo caiu naquela hora! A dor invadiu a gente ... foi muito traumático... Era meu pai e meu amigo! Sempre pude contar com ele! E de repente ele foi embora .... Sinto muito a sua falta!”

Fiquei em silêncio. Hortência expressou a saudade que sente do progenitor, destacando momentos vividos em família. Faleceu quando a participante era uma adulta jovem. Gradativamente, Hortência foi retomando a vida: trabalho, noivado, projetos pessoais. Decidiu comentar sobre o relacionamento amoroso da época e narrou-me sobre o noivo, um rapaz que namorava há anos. A preparação para o casamento eram temas recorrentes na mente da participante: vestidos, convidados, cerimônias, a festa e a lua de mel.

Se aproximava uma grande data! A formação de uma nova família e a construção da felicidade eram objetivos da participante a serem alcançados através do matrimônio.

Somente um detalhe na família do noivo deixava Hortência triste: o pai dele era um alcoolista violento e ela percebia os efeitos dessa convivência nos comportamentos do namorado, pois este geralmente se sentia triste e ansioso. Para a entrevistada a referência do pai alcoolista era de amor, carinho, proteção e brincadeiras; bem diferente do que observava ao visitar a casa da futura sogra

“Quando eu visitava a casa deles percebia um clima ruim, uma atmosfera pesada, entende? O pai dele era alcoolista, homem violento e arrogante. Sempre brigava com quem estava na casa. Eu olhava para a mãe dele e via uma mulher sofrida, submissa, que carregava em sua face uma expressão de tristeza, cansaço e medo. Não dava para ficar lá! Era impossível você se sentir bem!”

Fiquei impactado com as diferentes experiências vividas por Hortência e por seu noivo, ambos filhos de alcoolistas, mas com pais completamente diferentes. Na sequência, a participante descreveu a cena de uma comemoração com amigos em um bar. As conversas, a comida, as risadas ... um grupo bom de amigos reunidos! De repente, ela olhou em volta e percebeu que um moço a admirava. Constrangida, desviou o olhar por uns instantes, mas ao revê-lo sentiu-se apaixonada. Tal como na literatura e no cinema, Hortência, sem entender, sentia o coração acelerado na presença daquele jovem e intimamente sabia que deveria procurá-lo para conversar. E conversaram ...

“Nos conhecemos e com o tempo eu me vi perdidamente apaixonada! Aquele homem me conquistou e se tornou um príncipe encantado na minha vida! O que mais eu queria? Eu queria estar com ele e ser feliz! Era assim que eu me sentia: apaixonada pelo meu príncipe!”

O olhar, a voz, o jeito de andar, as palavras ... tudo nele a mobilizava, visto que uma paixão havia sido desperta. Sentimentos tão intensos que a levaram a terminar o noivado em pouquíssimo tempo e a investir na nova relação. Todos esses fatos ocorreram para Hortência de modo espontâneo e

natural, pois para ela estava nítido que a felicidade seria construída no novo noivado e casamento. Sentiu-se triste por terminar com o antigo namorado, inclusive pela tristeza deste no rompimento, mas Hortência sabia que não poderia trair-se emocionalmente: ela compreendia que agora amava outra pessoa e, portanto, a honestidade afetiva seria o remédio necessário para a cura das dores ...

Namoro, noivado e casamento. Hortência casou-se com o seu príncipe e sentia-se plena. Às vezes, ele bebia e ficava horas fora de casa, mas não havia problema: o bar era um lugar de amizades, de risada, de encontro com os amigos. Contudo, os meses foram se passando e a participante percebeu que o marido aumentou o consumo de álcool. Copos frequentes de vinho, latas de cerveja, às vezes um uísque ou conhaque. O esposo a olhava com indiferença: estava sonolento e atordoado pelo álcool.

Os passeios do casal “começaram a perder a graça” (sic); afinal, o esposo exigia bebidas alcoólicas em todas as atividades. Para Hortência era um triângulo amoroso: ela, o marido e o álcool. Como lidar com isso? Pensei na desilusão da participante ao ver o seu príncipe perder o encanto. E na experiência do desencanto foi somada a decepção.

“Eu o amava muito, mas me senti decepcionada quando percebi que ele bebia independentemente do que eu falasse. Foi muito triste quando me deparei com o fato de que meu marido não me escutava! O processo de compreensão do problema foi lento, mas entendi que ele era um alcoolista diferente do meu pai. Ao cuidar dos meus filhos, vi que meu esposo não conseguia ser um companheiro, comportar-se como um pai para eles. Muitas vezes, me vi resolvendo problemas dele como se eu fosse a sua mãe. Poxa, complicado, né! Eu achava que Deus tinha uma programação na minha vida, mas vi que Ele me enganou”.

<b>ALINE</b>	
<i>“É uma questão de amadurecimento assumir o que se deseja e saber o que é bom ou não para você!”</i>	
Idade: 29 anos	Profissão: Assistente Financeiro

Aline me pareceu uma jovem decidida, objetiva e firme nos seus propósitos. Ela ditou a Narrativa Interativa pontuando o seu desejo de que gostaria que a família de Gilberto se recuperasse, “afinal há muito sofrimento envolvido com o alcoolismo” (sic). Foi assim que ela elaborou a sua NI:

*... imagino que Gilberto abriu a porta e o pai alcoolizado entrou em casa com brincadeiras inconvenientes. Porém, as brincadeiras se tornaram uma violência verbal que o machucou. Gilberto deveria esperar até o dia seguinte para tentar conversar e oferecer ajuda. É necessário respeitar o tempo de cada um. No final desta história, gostaria que o pai alcoolista se recuperasse, assim como toda a família.*

No momento em que começamos a conversar sobre o desfecho da NI, a jovem narrou elementos de sua história, destacando a figura do pai como alcoolista não agressivo fisicamente, mas “inconveniente, com brincadeiras chatas e até arrogantes com os outros” (sic).

Segundo Aline, era difícil conviver com o pai em função da inadequação social, como as brincadeiras supracitadas, além do estresse e preocupação que ela e sua mãe ficavam a cada saída do pai ao bar. Desde pequena, nossa participante viu cenas do pai alcoolizado sem compreender as razões pelas quais ele bebia. Quanto à infância, ela se recordou que aos dez anos evitava levar os amigos de escola até a sua casa para evitar o constrangimento diante da conduta inadequada do pai. Além disso, haveria “a necessidade de explicar para o visitante o que estava acontecendo” (sic), situação que Aline via como extremamente trabalhosa e difícil. Contudo, quando Aline compreendeu o que era alcoolismo conseguiu explicar para os colegas as razões do comportamento paterno. Essa conquista foi apontada como importante para a superação de dificuldades na infância, particularmente para fazer novos amigos.



A relação com o pai é considerada complicada e não conseguem conversar, visto que pensam completamente diferente: “se um defende A, o outro defende B, dificultando um diálogo duradouro” (sic). Recordou-se das discussões e das inevitáveis gritarias quando moravam juntos. Para Aline, o pai “parou no tempo, não conseguindo acompanhar as mudanças que aconteceram no mundo” (sic).

“Eu tento conversar com ele ... mas vejo que não dura muito tempo porque falta assunto e a gente discorda de tudo. Uma simples conversa sobre celulares, por exemplo, é motivo para discordâncias! Eu defendo um lado e ele sempre defende o outro, então, a gente discute... No final, não houve uma conversa”.

Aline também resgatou memórias da infância em que o pai costumava “implicar com tudo” (sic) como, por exemplo, com o barulho que ela fazia ao manusear pacotes de bolachas e doces. Durante esse relato, imaginei a cena e o desconforto da participante ao ser importunada e até ofendida na própria casa. Parecia ser necessário ser cauteloso para não irritar o pai alcoolista, pois esse era sensível a qualquer detalhe ambiental.

Desde o começo da adolescência, nossa participante frequentou as reuniões e seguiu a programação dos Grupos Familiares AL-ANON, além da orientação de sua mãe que já era membro da instituição. Participava das reuniões e lia a literatura, buscando compreender o que acontecia em casa, assim como elaborar estratégias para lidar com as dificuldades que surgiam na convivência com o alcoolismo. Aprendeu a fazer o “desligamento emocional” (sic) proposto nas reuniões e nos livros a fim de concentrar-se em seus objetivos e projetos. Já sua mãe foi sempre “um porto seguro, uma confidente e amiga fiel para todas as horas” (sic), demonstrando uma admiração pela figura materna.

“Eu e minha mãe temos uma relação ótima! Vejo ela como uma amiga íntima com a qual posso compartilhar segredos e confiar plenamente! Nós nos apoiávamos nos momentos difíceis, principalmente quando o meu pai bebia muito e chegava nos irritando com as brincadeiras chatas. Nessas horas nos ajudávamos, confortando uma a outra. Esse apoio foi fundamental! ”

Na adolescência, Aline sofreu com o divórcio dos pais, não o desejando inicialmente; porém, repensou a partir das necessidades de sua mãe e disse-me que por meio deste caminho reflexivo pôde compreender que a separação era necessária para o bem-estar da genitora. Desse modo, após o divórcio a jovem decidiu morar com a mãe, sentindo-se feliz em sua casa. Dali em diante foi possível construir uma outra história, viver de forma mais tranquila.

Na tranquilidade vivida atualmente, destaca-se o emprego, as amizades e o namoro. Parece-me que ela está vivendo bons momentos, nos quais sonhos e projetos estão sendo realizados, porém infelizmente não foi sempre assim. Segundo a participante, a convivência com o alcoolismo lhe rendeu dificuldades nos relacionamentos amorosos. No passado, Aline exigia excessiva atenção dos namorados e se sentia constantemente frustrada pelas expectativas que criava em torno deles. Descreveu-me que abdicava de atividades pessoais em função das necessidades e exigências dos parceiros, sendo que, em muitas ocasiões, não se sentiu correspondida. Era difícil compreender as razões pelas quais as decepções amorosas eram frequentes, mas as reflexões dos grupos de apoio e as experiências vividas permitiram que Aline elaborasse um sentido sobre a questão: precisava fortalecer e valorizar a sua individualidade. Com o tempo, ela passou a encarar o relacionamento amoroso de forma diferente, tornando-se assertiva e determinada em suas escolhas, distinguindo entre o que lhe faz bem ou mal.

“Hoje eu sei o que quero para mim! Aprendi pela convivência com meu pai que o alcoolismo não é bacana. É complicado para quem nunca viveu essa experiência entender, mas eu não sinto prazer em participar de ambientes em que o álcool é consumido excessivamente. Nada contra as pessoas que bebem, mas eu não sinto atração em beber. Além disso, quando conheço alguém e começo a me relacionar afetivamente procuro compreender como é a relação da pessoa com o álcool. Faço isso de modo discreto e respeitoso, mas é algo importante de saber. Não tem problema beber uma cerveja ou outra socialmente, o problema é beber como o meu pai e achar normal! Ah, e outra coisa: se acontecer um namoro, eu decido logo contar para o cara que o meu pai é alcoolista! Antes eu evitava falar no assunto, mas aprendi que não vale a pena. É uma questão de amadurecimento assumir o que se deseja e saber o

que é bom ou não para você! Foi com essa reflexão que aprendi que em um relacionamento é necessário amadurecer o que se quer, e se necessário questionar: o que se deseja com o outro? ”

<b>ALFREDO</b>	
<i>“Porém, não fui apenas parecido, consegui superá-lo!”</i>	
Idade: 60 anos	Profissão: Funcionário Público

Alfredo é um homem simpático e receptivo. Em nosso encontro, apresentei-lhe o objetivo da pesquisa e o possível trajeto que faríamos juntos para compreender a sua experiência como filho de alcoolista. Deste modo, o convidei a ler e completar a NI, atividade que ele prontamente aceitou ditando-me a sua versão da história:

*Ele vê o pai entrando em casa, nitidamente alcoolizado, percebeu que parte do veículo estava amassado e notou nitidamente a angústia da mãe.*

*O pai perguntou sobre a janta para ele e ela submissa foi preparar um prato para a janta. Ao sentar-se na mesa ele imediatamente começou a reclamar que aquilo não era janta para um pai de família trabalhador.*

*A mãe tentou intervir e dialogar, mas ele agressivamente jogou a alimentação no lixo. A mãe alegou que ele estava alcoolizado e alterado e ele respondeu que quem pagava a bebida era ele e não dependia ou pedia nada a ninguém.*

*O Gilberto já traumatizado pelo frequente embriagar do pai se pôs a intermediar a discussão tentando neutralizar a agressividade do pai e a angústia da mãe; ele tentou absorver toda a situação como se fosse dele. Mas... ele sabia que o pai não era uma pessoa de má índole e, em cerca de alguns minutos, o pai iria dormir e, no dia seguinte, o pai acordaria melhor.*

*Mas a mãe, como sempre, acordaria traumatizada e sofrida. E o silêncio calaria a situação dentro de cada um por mais um dia, até a noite; como se nada tivesse acontecido... mas, o sofrimento estava embutido em cada um deles.*

Após escrever o desfecho da Narrativa Interativa, Alfredo se comparou a Gilberto destacando que ambos têm muitas semelhanças... O alcoolista em sua casa era o seu pai, porém este não era violento, mas “chato nas brincadeiras e falas” (sic). Apesar de muito trabalhador, “as brincadeiras sem graça” (sic) que continham conteúdo ofensivo e desmoralizante fizeram com que o participante, em sua infância, rejeitasse a ideia de ser parecido com o pai.

“Porém, não fui apenas parecido, consegui superá-lo! Comecei a beber quando tinha 12 anos, bem mais novo que Gilberto e minha família via aquelas atitudes com naturalidade. Beber em casa era normal e fazia parte dos ingredientes das refeições certas doses de álcool. Me lembro que minha mãe fazia sagu com vinho e eu adorava e comia tudo! Quando ela fazia sagu com abacaxi ou outra fruta eu não comia. Ela dizia: ‘gente, está sobrando sagu. Comam senão vai estragar!’. Conclusão: ninguém comia! Não era bem o sagu que eu queria, entendi depois que era o álcool!”

Alfredo foi um filho de alcoolista que se tornou alcoolista. Desde criança, o álcool foi presente em sua vida, como nas refeições familiares, em copos de cerveja ou pinga que consumia em casa, na presença do pai alcoolizado. Enquanto conversávamos, memórias vieram à mente do participante: a figura do pai bêbado sentado em uma cadeira com um olhar cabisbaixo. Ele estava em uma sala em penumbra, na qual poucos feixes de luz iluminavam o ambiente. Um silêncio mórbido naquele espaço.... De repente, Alfredo se recordou que naquela cena também havia uma tia, sentada ao lado do pai. Mas ela estava em silêncio.... Horas em silêncio. Um sentimento depressivo habitava aquele espaço.

“Eu percebo que o alcoolismo mexe no nosso humor. Há sempre um sentimento depressivo que machuca por dentro! É muito difícil para quem é dependente lutar contra isso!”

Alfredo narrou sua elaboração pessoal sobre o alcoolismo. Segundo o participante, o retorno à sanidade é possível para os familiares em recuperação, mas jamais para o alcoolista. Sua argumentação é que este público “não pertence ao mundo dos sãos” (sic), mas que “podem conviver com os sãos” (sic). Referindo-se ao alcoolismo como uma doença, o participante descreveu-me teorias bioquímicas que justificam essa compreensão sobre a síndrome. Percebi que Alfredo valoriza bastante essas explicações orgânicas e ficamos um bom tempo conversando sobre elas.

O participante explicou-me sobre a compulsão à bebida, como uma necessidade incontrolável de satisfação. Descreveu-me que mesmo em

situações vulneráveis, nas quais as pessoas geralmente jamais pensariam em beber uma dose de álcool, o alcoolista beberia para satisfazer essa compulsão. Deste modo, recordou-se de uma experiência pessoal, na qual após dias de bebedeiras, o participante acordou pela manhã com a síndrome de abstinência: tremendo, cansado e com um desejo de álcool. Saiu de casa para buscar pão na padaria e enquanto caminhava percebeu as mãos trêmulas e o suor frio em seu rosto. Na padaria, em vez de pedir os pães, comprou um copo de pinga. Mas, como era de manhã cedo e o estabelecimento era frequentado pelos vizinhos, decidiu consumir em outro local. Portanto, naquele comércio, ele escolheu o banheiro.

"Era segunda de manhã e você imagina o cheiro que estava aquele banheiro! Muita sujeira e falta de descargas nos vasos! E eu, tremendo, coloquei no copo de pinga os meus remédios para ansiedade e pânico. Tomei com um gole só! Aquilo desceu raspando a minha garganta, mas depois que engoli senti um alívio tão grande! Porém, não demorou muito para que minha boca amargasse com um excesso de saliva. A ânsia veio e com ela o vômito".

Essa cena forte e representativa da compulsão, deixou-me pensativo sobre o sofrimento nessas experiências. A insanidade descrita por Alfredo talvez esteja associada à ideia do incontrolável, já que o desejo é intenso. Um copo de pinga misturada a medicamentos pode ser fatal para o organismo e quando expus os perigos da combinação álcool e remédios, o participante mostrou-se ciente das consequências, destacando que "o corpo de um alcoolista somente está vivo pela misericórdia de Deus" (sic).

A compulsão, segundo Alfredo, também é presente em atividades profissionais e sociais. Nesse sentido, o participante descreveu que o alcoolista está sempre entediado, ou seja, cansando-se das funções exercidas e almejando outras que despertem novas sensações. Descreveu-me que, em função desse tédio, ele trocou de emprego e cidade aproximadamente mais de 30 vezes. Embora tenha tido empregos com alta remuneração, após um tempo em exercício sentia-se insatisfeito. Trocar ... trocar ... trocar.

Segundo o participante, a "convivência com os são" (sic) é possível quando o alcoolista vive o "fundo do poço" (sic). Trata-se da experiência

extrema de submissão às consequências do álcool, na qual geralmente a pessoa já perdeu tudo, como o cuidado da família, a saúde, o emprego, a dignidade, as amizades e as oportunidades. Alfredo recordou-se do seu “fundo do poço”, no qual foi encontrado alcoolizado e caído na rua. Sentia-se sozinho e confuso. Destacou que, naquele dia, uma profunda mudança aconteceu em seu íntimo, a ponto de investir na sobriedade...

<b>SELMA</b>
--------------

<i>“Tudo era novo e difícil e nesse contexto eu tive que virar o pai daquela casa!”</i>	
---	--

Idade: 30 anos	Profissão: Finanças
----------------	---------------------

Selma veio para a entrevista acompanhada de sua gata, o que chamou a minha atenção pela espontaneidade que essa atitude implicava. Ela pretendia passear com a bichana em um parque próximo, após o nosso encontro, aproveitando a manhã ensolarada. Animada e comunicativa, Selma sentou-se e aproveitei para explicar o objetivo da pesquisa e apresentar a Narrativa Interativa. A participante escreveu o desfecho da história em silêncio, pensativa e concentrada, sendo interrompida duas vezes pelos miados de sua gata, interpretados pela dona como pedidos de atenção:

*O pai caiu no chão, bêbado, começou a xingar a todos e aquela noite pegou a mãe para agredir verbalmente a noite toda. Gilberto correu para o quarto, colocou o seu fone de ouvido e lá ficou, mas o pai gritava tão alto que era impossível não ouvir as ofensas.*

*– Vagabunda! Não dormiu comigo essa noite! Não quer ser mulher para mim! – gritava o pai.*

*Até que Amélia, sua mãe, resolveu enfrentá-lo, mas foi a pior coisa, pois seu pai ficou mais furioso e pegou uma faca. Logo Amélia percebeu que não conseguiria enfrentá-lo sozinha, começou a gritar por socorro e nada dos vizinhos ajudarem, então o pai de Gilberto a empurrou e ela torceu o pé. Desesperada ela começou a gritar mais alto por socorro e o pai de Gilberto dizia:*

*- “Cala a boca, vagabunda, biscate, se não vou te matar!”*

*Gilberto estava agoniado dentro do quarto até que teve coragem e saiu, subiu em cima do sofá e começou a agredir seu pai com palavras também, apontando-lhe o dedo e surtando junto com o pai alcoólatra. A janela da cozinha dava vista para a rua e a vizinhança viu a reação de Gilberto, os gritos e o desespero.*

*Lá pelas 5 da manhã o velho resolveu dormir, depois de mais de 40 latas de cerveja, 2 corotes de pinga, 4 maços de cigarros e a casa parecia ter passado por um tsunami. E não era só a casa e o ambiente que estavam que*



*se encontrava com tudo bagunçado e sujo, eram os corações da mãe, do pai e principalmente do filho.*

*Ali estava a ressaca de todos, como o pai estava se sentindo, assim também estavam todos da família. Mas a vida tinha que continuar, Gilberto tinha que ir para o trabalho, para a faculdade, como era difícil demonstrar firmeza, autocontrole, mas não tinha pra onde fugir, era preciso encarar os problemas de frente.*

*Os filhos de alcoólatras repetem padrões, uns são resilientes, outros não, uns conseguem superar os abusos que sofreram sejam eles verbais ou físicos, outros não. A diferença é que todos podem ser como os padrões que sempre viram, que foram criados, mas alguns escolhem se conhecer e ajustar alguns padrões, pois tudo o que viram, viveram, ouviram, sentiram enquanto moravam em seus lares alcoólicos podem transparecer em suas vidas quando se tornarem adultos. Podem xingar alguém, brigar com alguém, terem falta de caráter, mentir, serem preguiçosos, inseguros, sentirem muita raiva, querer serem perfeitos sem ao menos sequer colocar uma gota de álcool na boca. Por isso, a prevenção só acontece quando esses filhos aceitam se olharem e se descobrirem como pessoas.*

Após a conclusão da NI, perguntei à Selma sobre sua experiência de escrever a narrativa e as ideias lhe vieram à mente com a proposta. A participante expressou que a história de Gilberto fala sobre a experiência dos filhos de alcoolistas como pessoas que sofrem e necessitam “amadurecer mais cedo” (sic). Segundo Selma, diante da desestruturação familiar e da crise financeira em sua casa, a necessidade de amadurecimento se impôs e a jovem assumiu tarefas que seriam destinadas aos seus pais.

“Meu pai é alcoolista desde que me conheço por gente! Infelizmente, com o tempo o alcoolismo fez estragos financeiros e emocionais em nossa família, deixando a todos vulneráveis. Chegou uma hora que eu tive que assumir as responsabilidades para resolver os problemas que apareceram! Decidi assumir por ser a irmã mais velha e ver as necessidades de minha mãe: ela não estava bem vivendo tudo aquilo. Olha, só te digo uma coisa: ser filho de alcoolista faz a gente amadurecer muito rápido na vida porque desde crianças somos expostos a situações complicadas”.

Durante a entrevista, Selma narrou experiências da infância e descreveu o contexto socioeconômico da família que, naquela época, era estável financeiramente. A participante foi uma menina que teve acesso a uma boa escola e atividades culturais e de lazer; contudo, a situação mudou quando o pai perdeu o emprego e começou a beber assiduamente. Nesse contexto, Selma vivenciou situações perturbadoras como as brigas constantes entre seus pais, nas quais o pai alcoolizado agredia fisicamente.

A jovem descreveu-me que durante os acessos de cólera de seu progenitor, ela e os irmãos fugiam de casa e pediam abrigo na vizinhança. Em uma destas situações, Selma ficou menstruada na casa de uma vizinha e esta não tinha um absorvente para lhe oferecer e, diante da exposição da roupa manchada de sangue, a participante se sentiu humilhada e desamparada. De acordo com Selma, a experiência foi horrível, pois ela não podia voltar para a sua casa e trocar de roupa pois estava com medo do pai. Quando alcoolizado o pai ficava extremamente bravo por motivos aparentemente incompreensíveis, como por exemplo, cobranças com a mãe da participante sobre a vida sexual do casal.

“É uma situação muito constrangedora você sendo uma criança, filha e mulher escutar o seu pai bêbado cobrar da sua mãe a frequência da vida sexual deles!!! Meu pai falava com ela em tom ofensivo e xingava, chamando-a de vadia e vagabunda! A agressividade era porque não tinha ocorrido uma relação sexual entre eles na noite anterior, daí ele saía de casa, ia para o bar, bebia e depois voltava agressivo e ofensivo. Eu ficava com medo e com raiva! É muito desgastante emocionalmente e deixa marcas na gente! ”

Selma interpreta que o alcoolista e os seus familiares reproduzem “padrões de comportamento” (sic) que afetam a saúde mental de todos. Ela disse que aprendeu na psicoterapia com a psicóloga a identificar “os padrões que viveu na infância” (sic) que pudessem afetar a sua vida adulta. Fiquei impressionado pela elaboração do vivido que a participante me apresentava! Ela me descreveu como exemplo de um destes padrões reproduzidos pelo seu

pai alcoolizado quando ela era uma criança: o progenitor sempre apontava os “pontos fracos” (sic) dos filhos.

“Meu pai chegava em casa e às vezes vinha falar comigo. O assunto era eu e o interessante é que ele conseguia me atingir falando dos meus pontos fracos, me criticando e cutucando as minhas dificuldades pessoais. Quando eu me defendia, ele respondia que eu não sabia nada da vida! Que eu iria aprender muito, mas por hora nada sabia! Eu me sentia humilhada, porque ele usava das nossas dificuldades para se afirmar e se impor!”

O alcoolismo paterno dificultava a tranquilidade e segurança no convívio familiar. Os conflitos aumentaram à medida que as dívidas em função do alcoolismo consumiam os bens familiares, sendo a perda da casa própria o mais alto impacto financeiro e emocional que a família viveu. Segundo Selma, o sentimento de ansiedade e medo pelo futuro assombrava a ela, à mãe e aos irmãos mais novos. Nesse contexto, a mãe da participante se decidiu pelo divórcio e o progenitor foi morar provisoriamente na casa de parentes. Com a ordem de despejo, o restante da família alugou uma casa e visto que a matriarca estava abalada emocionalmente, Selma assumiu as responsabilidades, passando a organizar a rotina e regras familiares, gerenciar as contas e cuidar dos irmãos menores.

“Tudo era novo e difícil e nesse contexto eu tive que virar o pai daquela casa! Foi necessário! Minha mãe estava mal emocionalmente e eu só vi essa alternativa. Após a perda da casa, fomos pagar aluguel, mas com o tempo percebi que iríamos perder muito dinheiro e ficar dependentes da condição de locação. Daí eu pensei que a melhor saída seria comprar uma nova casa, porque o valor pago por mês teria um retorno: uma propriedade. Trabalhei essa ideia com a minha mãe e os meus irmãos e aceitamos o desafio!”

Selma organizou a família para o empreendimento. Para tanto, pediu ao avô que cedesse um quarto em sua casa para que ela, a mãe e os irmãos pudessem ficar provisoriamente até a compra da casa. Foram meses vivendo em um cômodo apertado com várias pessoas ... sensação de desconforto. Mas Selma estava decidida a por seu plano em prática! A jovem trabalhou bastante

e fez uso de reservas econômicas que a família ainda tinha no banco para pagar um valor considerável pela casa. Finalmente, após intensa burocracia, dificuldades, e às vezes desânimo, a família conseguiu financiar a casa própria e se mudar para um novo lar. Era hora de recomeçar!

“Eu estava feliz porque conseguimos vencer aquele desafio! Tínhamos a nossa casa agora! Mas eu estava exausta, cansada e irritada! Os problemas começaram a aparecer no meu emocional! Daí fui na terapia e tive que ir no psiquiatra para me cuidar: estava sofrendo de estresse agudo e início de transtorno do pânico!”

Selma narrou que desenvolveu transtorno de ansiedade e descreveu que ficava desorganizada com as crises de pânico e a frequente insônia. Reconhece que os remédios psiquiátricos, a psicoterapia e os encontros da AL-ANON foram fundamentais e a ajudaram a se estabilizar, mas resquícios daquelas experiências ainda estavam latentes e iriam se manifestar no futuro.

“Naquela época da compra da casa, eu decidi esconder do meu namorado e futuro esposo tudo o que estava acontecendo: eu tinha medo e vergonha do que estava vivendo. Eu escondi dele para manter uma vida normal em nosso relacionamento. Ele só soube depois que meu pai era alcoolista!”

E complementou:

“Depois do casamento, com o tempo, e sem perceber, reproduzi um padrão do meu pai com o meu marido! Eu ficava insatisfeita com a minha vida sexual e algo estranho me atormentava! Exigia do meu esposo relações sexuais e ficava insatisfeita, daí brigávamos e uma angústia tomava conta de tudo ... eu gritava e dizia que ele não me amava ... ficava desolada. Me vi atingindo emocionalmente meu marido nos seus pontos fracos, expondo-o, humilhando-o. Meu Deus, o que eu estava fazendo?! Eu estava sendo igual ao meu pai! Foi um choque perceber esse movimento!”

Na vida adulta, Selma estava agindo como o pai sem ter bebido um gole de álcool. Esse fato a mobilizou muito tendo sido necessário fazer uma revisão

de suas condutas e sentimentos através de um inventário moral. A experiência que temia na infância “foi reproduzida em um padrão” (sic) e a participante decidiu que nunca mais repetiria tal conduta...

## CAPITULO 5. INTERLOCUÇÕES REFLEXIVAS

No presente tópico objetiva-se articular reflexões sobre o material narrativo que compõe o *corpus* da pesquisa, buscando compreender psicanaliticamente a experiência emocional dos filhos de alcoolistas entrevistados. Para tanto, trabalharemos com os sentidos criados e encontrados (Winnicott, 1945/2000) pelo pesquisador a partir do uso do método psicanalítico (Herrmann, 1979/2001) na leitura das NIs e das NTs, explorando os significados potencialmente vividos por uma personalidade coletiva: os filhos de alcoolistas. Considerando que nossa pretensão não é a generalização de um fenômeno, mas a compreensão em profundidade de significados humanos (Flick, 2009; Stake, 2011) compreendemos que o presente estudo favorece interlocuções no âmbito da Psicologia Clínica Social (Aiello-Vaisberg, 2014) sobre as experiências desse público.

Ressaltamos que os sentidos comunicados nas entrevistas pelos participantes e interpretados pelo pesquisador na leitura do material narrativo estão de acordo com as reflexões de Winnicott (1945/2000; 1971/1975c) que argumenta sobre a necessidade humana de elaboração e integração das experiências vividas. Observamos no autor uma compreensão existencial segundo a qual o ser humano é criativo e age movido pelos sentidos que o vivido toma, pois uma vida sem sentido seria insuportável.

Baseando-se nas premissas de Politzer (1928/1998), Bleger (1963/1984) compreende o inconsciente como os sentidos que subjazem às condutas que, para o indivíduo, nem sempre são conscientes. Portanto, o autor discorda do conceito de inconsciente freudiano que trabalha com a compreensão de aparelho psíquico, libido e conteúdos mentais ocultos. Segundo Bleger, a teorização psicanalítica que supõe um inconsciente estrutural está substancializando os sentidos, ou seja, transformando-os em conteúdos mentais prévios.

Se o indivíduo não tem conhecimento de seu gesto ou de sua atitude, esses são inconscientes, da mesma forma que o é o significado, mas de nenhuma maneira o inconsciente é um conteúdo que reside como substância numa suposta parte de uma hipotética mente. Em outros

termos, o significado pode ser, em si, inconsciente, mas de nenhuma maneira é um conteúdo substancial (Bleger, 1963/1984, p. 88-89).

Herrmann (2004/2001) também critica o conceito de inconsciente como estrutura que possui conteúdos mentais. O autor elaborou uma nova proposta psicanalítica denominada Teoria dos Campos, na qual destaca-se o conceito de inconsciente relativo. Herrmann teoriza que as representações psíquicas se constelam como campos representacionais e/ou inconscientes relativos, possibilitando que o indivíduo signifique as experiências vividas. Deste modo, na proposta da Teoria dos Campos, o psicanalista compreenderia os campos representacionais que mobilizam subjetivamente o analisando e, interpretaria para o paciente os campos que produzem sofrimento emocional, objetivando colocá-los em trânsito.

Bleger (1963/1984) elabora o conceito de campo de conduta, compreendendo-o como um "corte hipotético e transversal de uma situação" (p. 37). O campo, segundo o autor, é uma situação em um dado momento que contém muitos elementos interdependentes. Toda conduta humana seria proveniente de um campo, sendo que este é sempre complexo e dinâmico.

A conduta é sempre o emergente de um campo, emergente que pode recair de forma predominante sobre o indivíduo ou sobre os outros elementos que o integram. A parte do campo ou da situação que rodeia o indivíduo denomina-se contexto ou meio, reservando-se a designação de meio ambiente para o contexto social, humano (...). Todo campo e toda situação são sempre originais e únicos, no sentido de que não se repetem jamais, da mesma maneira (Bleger, 1963/1984, p. 37-38).

Deste modo, inspirados nas contribuições de Politzer (1928/1998), de Bleger (1963/1984) e nas reflexões de Herrmann (1979/2001; 2004/2001) adotamos o fundamento teórico de que os sentidos podem ser organizados em campos inconscientes, os quais comunicam as experiências e os afetos de um indivíduo ou de uma personalidade coletiva que em nossa investigação são os filhos de alcoolistas. Os campos são constelações de sentidos provenientes da vida concreta do indivíduo e comunicam suas experiências de modo dramático.

Fundamentados na tese politzeriana de que o fato psicológico é o próprio eu em ato, consideramos que as constelações de sentidos supracitadas podem ser denominadas, por ora, de campos de sentidos afetivo-emocionais, sejam estes conscientes ou inconscientes. Discutiremos a seguir os campos de

sentidos criados/encontrados a partir da análise interpretativa dos relatos dos participantes desse estudo a respeito da experiência de ser filho de um alcoolista.

### **5.1 Campo 1. Sua Majestade: o alcoolista!**

O presente campo de sentido afetivo-emocional comunica a experiência dos participantes na convivência com o pai<sup>20</sup> que assume no contexto familiar a posição de “centro das atenções”. Tal condição demanda uma adaptação dos membros da família conforme as necessidades e/ou desejos do alcoolista, implicando sofrimento para os filhos quando estes são negligenciados em suas necessidades pessoais ou submetidos às demandas invasivas do progenitor dependente. A espontaneidade e a criatividade dos filhos são inibidas em um ambiente familiar que atende majoritariamente às necessidades dos pais dependentes, o que nos leva a supor que os filhos de alcoolistas sofrem pela impossibilidade de um ser e fazer criativos que lhes permita serem autênticos na convivência parental (Winnicott, 1971/1975d). Destacamos que a lógica e/ou regra afetivo-emocional que rege esse campo de sentidos é que diante do pai alcoolista majestade todos os familiares devem se submeter.

As Narrativas Interativas (NI) e as Narrativas Transferenciais (NT) deste estudo nos comunicam que os pais alcoolistas assumem no âmbito das relações familiares uma posição de destaque, na qual tornam-se o “centro das atenções”. Nesta condição, são narradas cenas em que esposas e filhos cuidam/servem o alcoolista, atendendo necessidades e exigências que podem ser irracionais e invasivas para os cuidadores. Há narrativas em que a adaptação ao alcoolista implica negligência de cuidados aos filhos que, nesse contexto, submetem-se emocional e concretamente às vontades do pai.

Na discussão dessa ideia, convidamos o leitor a revisitar as narrativas de Mariana, Vanessa, Fernando, Rosa, Gabriel e Joana as quais comunicam o

---

<sup>20</sup> A literatura científica discorre sobre a convivência de filhos com pais e mães alcoolistas, contudo, na presente pesquisa todos os participantes conviveram com pais alcoolistas. Diante do exposto, esclarecemos que a referência para a figura parental dependente de álcool nas interlocuções reflexivas é a paterna.



lugar de soberania conquistado pelo pai alcoolista enquanto aos familiares resta a adaptação e/ou submissão aos seus desejos e imposições. Discorreremos sobre esse tipo de experiência com enfoque na compreensão que os participantes elaboraram sobre essa hierarquização das vontades.

Mariana descreveu que o pai, quando alcoolizado, exigia dos familiares que a sua comida fosse servida no prato e entregue em suas mãos. A jovem interpretou a conduta paterna como abusiva e destacou que o alcoolismo favorece o surgimento desse tipo de atitude naquele que faz uso da substância. Vanessa pontuou o silêncio que deveria imperar na sua casa quando o pai, alcoolizado, estivesse dormindo. Segundo a participante, ela, a mãe e as irmãs adequavam as suas atividades para evitar qualquer barulho que perturbasse o sono do progenitor. Vanessa também destacou que o pai escolhia pelos demais de forma autoritária, como no almoço de Natal em que obrigou a esposa e as filhas a abdicar da festa.

Fernando se incomodava com o fato do pai proibi-lo de estudar para que trabalhasse, sendo que as discussões entre pai e filho aconteciam frequentemente quando o progenitor estava alcoolizado. Essa disputa de valores pode estar fundamentada em concepções históricas e sociais sobre educação e trabalho. Campos e Alverga (2001) discorrem sobre este tema, mapeando as crenças indiscriminadas sobre a dignidade do trabalho na população brasileira. De acordo com os autores, a história do Brasil favoreceu condições concretas para a formação da concepção de que o trabalho, independentemente da idade, teria uma função educativa em âmbito profissional e moral. Essa concepção, frequentemente presente na classe trabalhadora, supervalorizou o trabalho diante da escolarização. Contudo, nosso olhar deve ser redirecionado para a compreensão alcançada pelo filho, a fim de atender aos nossos objetivos, que associou o estado alcoolizado do pai à instauração de discussões.

Rosa recorda que, em sua infância, todos temiam a figura paterna em função de sua agressividade. Diante do medo, ela compreendia que o pai não poderia ser contrariado. Já Gabriel trilhava outro caminho, contrariando o pai e exigindo dele argumentação nas discussões. O participante sentia o pai como um “acomodado” (sic), visto que o progenitor se conformava com condições mínimas de subsistência. Nesse contexto, os demais familiares e o próprio

Gabriel compensavam a insuficiência paterna no âmbito financeiro e afetivo e o progenitor de Gabriel tinha as suas necessidades satisfeitas através do trabalho de outros.

Em sua NI, Joana criou e encontrou (Winnicott, 1945/2000) um desfecho em que Gilberto é mais uma vez colocado em segundo plano na cena familiar. O pai é o foco de toda a atenção de Maria Amélia que, na cozinha, já pontuava para o filho que o pedaço maior de carne se destinava a Osvaldo. Durante a briga que se segue, Gilberto, agredido pelo pai, permanece caído no chão e ninguém o socorre, enquanto a mãe bate no peito do pai, ameaçando-o. Em outros momentos de vulnerabilidade, em que o personagem foi assediado pelo policial e pelo médico proctologista, a mãe aconselha o filho a não contar nada a ninguém, pois Osvaldo poderia se irritar e provocar “uma catástrofe” (sic). É válido destacar que em várias NI, o pai alcoolista termina sendo cuidado/servido pela esposa e pelo filho, reproduzindo-se a dinâmica familiar que se organiza em torno das necessidades e/ou imposições do pai alcoolista.

Woodside (1988) descreve o pai ou a mãe alcoolista como pessoas que frequentemente se tornam o centro das atenções no ambiente familiar, exigindo dos demais membros disponibilidade emocional para a convivência. As necessidades do progenitor dependente são priorizadas, o que possivelmente favorece que o cônjuge e os filhos se adaptem. Nossos participantes confirmam a prevalência dessa dinâmica familiar, mobilizando reflexões winnicottianas a respeito.

Começaremos nossa argumentação pelo título deste campo – “Sua Majestade: O Alcoolista!”<sup>21</sup>. Majestade é o pronome de tratamento usualmente dirigido a reis e rainhas, indicando o mais alto lugar social de nobreza e poder. Nos relatos históricos e nos Contos de Fadas é possível observar que os reis podem alternar entre o autoritarismo e a benevolência, sendo sempre cuidados/servidos por criados que atendem as suas necessidades e desejos. As narrativas dos participantes revelam essa experiência dos filhos como servos do pai alcoolista, tratado como verdadeiro soberano, promovendo nos

---

<sup>21</sup> O título deste campo de sentido afetivo-emocional foi inspirado na metáfora elaborada por Freud (1914/2006) referindo-se a “Sua Majestade, o bebê” que tem suas necessidades satisfeitas pelos pais que o colocam no centro de suas vidas, amparados em seu próprio narcisismo.

filhos sentimentos de humilhação, desamparo e, em alguns casos, revolta, como no caso de Gabriel. A submissão às imposições de um pai alcoolista pode ser questionada pelos filhos, como fez Mariana ao apontar que as condutas do progenitor são características de “relacionamentos abusivos” (sic).

Uma questão se apresenta quanto ao estabelecimento dessa dinâmica relacional na família do alcoolista: como o pai alcoolista se torna majestade?

Podemos estabelecer algumas interlocuções reflexivas sobre esta questão e uma delas parte das discussões históricas e sociais sobre o machismo e o patriarcado. Homens culturalmente alinhados com essas concepções sociais podem desenvolver condutas mais imaturas, individualistas e autoritárias visto que histórica e culturalmente foram cuidados e servidos por mulheres e homens mais jovens. Nesse sentido, o lugar de “majestade” parece ter sido usurpado pelo homem que, através do patriarcado e do machismo, passou a submeter a mulher e os filhos, tratando-os como propriedade pessoal e não como alteridades (Aguiar, 2000; Beauvoir, 1949/1967; Beauvoir 1949/1970)<sup>22</sup>. Nesse contexto histórico e cultural, podemos supor que o alcoolista, principalmente nos momentos em que está intoxicado pelo álcool, expressa em palavras e ações as marcas do patriarcado e do machismo, impondo suas vontades nem que seja pela força.

No âmbito da psiquiatria, Malbergier e Cardoso (2011) discutem a relação entre os transtornos associados ao uso de substâncias (TAUS) e os transtornos de personalidade (TP). Os autores observam um número considerável de casos em que há uma relação entre o humor/personalidade do alcoolista com os TPs, particularmente o transtorno antissocial e o transtorno *borderline*. Deste modo, há uma possibilidade de que esse lugar de “majestade” também esteja relacionado a conflitos psicológicos e a transtornos psiquiátricos que vêm se associar ao alcoolismo produzindo o tipo de sofrimento dramático (Poltzer, 1928/1998) que é vivido pela pessoa dependente de álcool.

---

<sup>22</sup> Para o leitor interessado, destacamos que Aguiar (2000) apresenta uma sistematização de teorias sociológicas de diferentes pensadores sobre o patriarcado brasileiro. Também destacamos que Simone de Beauvoir escreveu em 1949 a obra “O Segundo Sexo”, importante texto feminista que discorre sobre a condição da mulher e do feminino na história. No Brasil, publicado em dois volumes, a referida obra apresenta durante a sua argumentação a violência da dominação patriarcal que submeteu por meio da força e dos processos ideológicos as mulheres e os filhos.

Contudo, podemos fundamentar uma compreensão winnicottiana sobre a configuração do campo de sentido afetivo-emocional “Sua Majestade: o Alcoolista!”. Nesta, discorreremos sobre as relações interpessoais do alcoolista como um ambiente inter-humano que provê cuidados. Consideramos, entretanto, pertinente incluir na discussão o tema do narcisismo que, na ótica winnicottiana, é compreendido como a imaturidade física e psíquica do bebê que convoca a mãe-ambiente para viver a Preocupação Materna Primária (Winnicott, 1956/2000), que lhe permitirá adaptar-se para a efetivação de cuidados ao bebê.

Enquanto Freud (1914/2006) conceitua o narcisismo como a dinâmica psíquica que se estabelece pelo investimento libidinal no eu, seja ele primário ou secundário<sup>23</sup>, Abram (2000) explica que Winnicott fez uma releitura do conceito freudiano, mais coerente com a sua visão teórico-clínica que valoriza o ambiente como relações inter-humanas. O narcisismo winnicottiano assemelha-se parcialmente ao narcisismo primário freudiano, pois focaliza a imaturidade do bebê que, em função de não estar integrado, necessita de cuidados suficientemente bons para um dia integrar-se e vir a ser.

Este cuidado suficientemente bom que possibilita o vir a ser no mundo é realizado pela mãe ambiente. Na primeiríssima infância, a mãe e/ou outro cuidador que lhe faça o papel, efetua este cuidado por meio de uma adaptação subjetiva com o objetivo de satisfazer as necessidades do bebê, até o momento em que este alcance uma relativa independência. Essa adaptação subjetiva possibilita que a mãe e/ou cuidador compreenda as solicitações do bebê, de modo experiencial e intuitivo. Winnicott (1956/2000) a teorizou como Preocupação Materna Primária<sup>24</sup> e a descreveu como um estado psíquico temporário que acomete as mães capacitando-as para o cuidado para identificarem-se com as necessidades dos seus bebês.

---

<sup>23</sup> Freud (1914/2006) elaborou o conceito de narcisismo a partir de uma teorização positivista e objetivante do psiquismo a qual foi duramente criticada por Politzer (1928/1998). Mezan (2014) discute a necessidade do conceito em Freud a fim de explicar o fenômeno da psicose, inaugurando assim uma nova matriz clínica em suas teorizações.

<sup>24</sup> Winnicott (1956/2000) teorizou a Preocupação Materna Primária como um estado psíquico de retraimento na mulher, fundamentada em bases biológicas e psíquicas. Contudo, fundamentados em Politzer (1928/1998) e em Bleger (1963/1984) pontuamos a importância das relações sociais e das condições históricas e concretas que possibilitam que a mulher ou outro cuidador possa exercer o cuidado sensível postulado na teorização winnicottiana.

As ideias de Winnicott (1956/2000) sobre o movimento humano de cuidar de um indivíduo imaturo podem ser contextualizadas para a convivência familiar com um alcoolista. As condutas consideradas “imaturas”<sup>25</sup> do progenitor alcoolista podem ser favorecidas por condições conjunturais: a história singular de cada indivíduo, a cultura machista/patriarcal de nossa sociedade e a intoxicação pelo álcool que afeta o funcionamento neuronal. Neste contexto, podemos hipotetizar que os pais, esposas, filhos e amigos do alcoolista tendem a atuar como a mãe-ambiente preconizada por Winnicott, diante da imaturidade do alcoolista, adaptando-se às suas necessidades. Diante do exposto, o conceito de Preocupação Familiar Primária pode ser forjado para compreendermos a experiência destes familiares que se veem convocados a cuidar do membro dependente de álcool que assim acaba se tornando o “centro das atenções” da família.

Na primeiríssima infância, a adaptação de uma mãe ou cuidador na Preocupação Materna Primária vai gradativamente diminuindo e se ajustando ao amadurecimento do bebê, que se torna cada vez menos dependente (Winnicott, 1956 /2000). Contudo, no caso da Preocupação Familiar Primária que é mobilizada pelo contexto do alcoolismo, não há um desfecho temporal, ou seja, uma gradativa diminuição da adaptação dos familiares e a retomada de suas vidas. A conduta “imatura” do alcoolista permanece no tempo e convoca os familiares a exercerem um cuidado contínuo.

Além disso, as condutas autoritárias e violentas do dependente de álcool, quando está intoxicado, mobilizam o medo da violência nos familiares e a conseqüente submissão. Tanto a submissão quanto a adaptação do ambiente familiar (Preocupação Familiar Primária) parecem atuar de forma a perpetuar o lugar de “sua majestade” para o alcoolista.

Vanessa descreve essa experiência de entrelaçamento entre preocupação e submissão que congela a dinâmica familiar que a todos aprisiona:

---

<sup>25</sup> As narrativas dos participantes comunicam que os pais alcoolistas não conseguem conter a impulsividade e a agressividade, muitos não conseguem se organizar para pagar contas pois destinam todo o salário para a compra de álcool e há aqueles que têm dificuldades para conversar com os filhos. De todo modo, contextualizamos que o termo “imaturo” empregado neste texto se refere as dificuldades que estes pais alcoolistas apresentam em realizar tarefas que são socialmente cobradas para homens em sua posição social – a saber: a posição de pais.

“Na minha casa, o meu pai era o alcoolista e tudo girava em torno dele. Existia uma insegurança ... um medo misturado com tristeza. Ele era agressivo quando brigava e eu, minhas irmãs e minha mãe ficávamos submissas. Existia também uma preocupação familiar em esconder o alcoolismo das outras pessoas. Nós sofremos bastante!”

Vanessa descreve na sua ET o ambiente familiar preocupado, porém sua preocupação parece se dirigir para a manutenção do silêncio sobre o alcoolismo paterno, provavelmente movida pelo sentimento de vergonha proveniente do estigma social do alcoolista. Na mesma fala, a participante comunica a experiência de submissão familiar como estratégia defensiva contra o medo e a violência.

Para pensar como os filhos vivenciam esse lugar de “súditos”, nossas duas hipóteses podem esclarecer: na primeira, aquela que prioriza a Preocupação Familiar Primária, o filho se conforma com a condição de ser relegado a segundo plano, postergando suas necessidades para atender as imperativas demandas do pai, do mesmo modo que uma mãe faz com seu bebê. Na segunda hipótese, que se baseia na submissão diante do medo, o filho de alcoolista sente-se invadido, inibe a sua gestualidade espontânea e mobiliza defesas inconscientes para a sobrevivência psíquica, estruturando um falso *self* (Winnicott, 1960/1990b).

A NI de Joana revela algumas cenas que ilustram essa dupla possibilidade: a personagem Maria Amélia comunica ao filho Gilberto que o pedaço maior de carne de panela é para o pai, pois este é o “trabalhador da casa” (sic). No momento em que Gilberto separa no canto do prato a parte da comida que não gosta, Osvaldo reclama enquanto Maria Amélia permanece muda. Osvaldo agride o filho, jogando um prato de comida em seu rosto, deixando o filho caído no chão: nesta cena, ninguém o socorre. Diante da violência vivida com o policial e o médico proctologista, Gilberto é orientado pela mãe a permanecer calado pois se contasse para o pai poderia ocorrer “uma desgraça” (sic). Os próprios policiais ao investigarem a invasão e o roubo da noite anterior perguntam ao personagem: “Depois de tudo o que aconteceu deixaram você aqui sozinho?” (sic). Os lugares permanecem fixos nessa dinâmica familiar autoritária, onde os súditos jamais serão reis...

Também na NI de Joana é possível observar as defesas e/ou recursos que o personagem Gilberto usa para conter essa experiência invasiva ao *self*. Após a cena da briga, Gilberto trancou-se no banheiro para viver devaneios de uma outra vida, na qual possivelmente seria feliz e amado. Tais devaneios tiveram a função de auxiliar o personagem a suportar o sofrimento emocional daquele momento, por meio de experiências protegidas em que o verdadeiro *self* pode se expressar. Subjacente aos devaneios, parecia haver um movimento de integração psíquica, pois, apesar da violência vivida, Gilberto foi capaz de se recompor para lutar pela vida.

Com a morte de Osvaldo em um acidente de trânsito, segundo o desfecho de Joana, o filho Gilberto assumiu o lugar de “pai da família” (sic), ou seja, as tarefas que antes eram destinadas à figura paterna foram transferidas para o filho. Diante desta situação, é grande a possibilidade de um amadurecimento intrusivo, ou seja, o amadurecimento emocional precoce para dar conta das novas demandas ambientais que, por sua vez, não respeitam os recursos nem os limites do filho, ainda jovem, fortalecendo defesas<sup>26</sup> como a intelectualização, as dissociações e o falso *self*, que comprometem o desenvolvimento emocional. (Winnicott, 1958/1993; 1960/1990b; 1960/1993a; 1960/1993c; 1963/1994).

Discorrendo sobre a experiência emocional dos filhos diante de uma autoridade despótica, deparamo-nos com a discussão sobre os processos criativos e a gestualidade espontânea. Winnicott (1971/1975c) compreende o ser humano como criativo e capaz de expressar essa criatividade na espontaneidade e autenticidade existencial. Contudo, o autor argumenta que em ambientes invasivos e rígidos a tendência humana é a inibição do gesto espontâneo e a formação de defesas para a sobrevivência emocional. As narrativas de nossos participantes confirmam que o ambiente em que o pai alcoolista é “majestade” geralmente é rígido, autoritário e não disponível para o atendimento de demandas da alteridade. Portanto, a gestualidade espontânea tende a ser inibida neste contexto, o que favorece a formação de defesas psíquicas. Todavia, se estas defesas vierem a se estabelecer em um ambiente familiar tantalizante e, portanto, experiencialmente caótico, elas podem se

---

<sup>26</sup> Trataremos das defesas empregadas pelos filhos de alcoolistas, de modo mais aprofundado, quando abordarmos o campo de sentido afetivo-emocional “Só me resta sobreviver!”

cristalizar na vida adulta, roubando do indivíduo a possibilidade de se sentir vivo e real.

## 5.2 Campo 2. Papai, quem é você?!

O presente campo de sentido afetivo-emocional comunica a experiência da imprevisibilidade ambiental na convivência do filho com o pai alcoolista. Essa experiência foi comunicada pelos participantes quando se referiam a duas possibilidades: na primeira, destaca-se a chegada dos progenitores alcoolizados em casa, mobilizando ansiedade e medo nos familiares. Na segunda, destaca-se uma espécie de “dupla personalidade” do progenitor alcoolista: na sobriedade, como um pai que interage com os filhos de forma pacífica, previsível e, em alguns casos, até amigável; enquanto embriagado se torna irreconhecível, trazendo as marcas da irracionalidade através de condutas violentas e imprevisíveis. Em algumas das narrativas, a imprevisibilidade passa a caracterizar a relação com familiares e até mesmo com pessoas externas à família. Nesse ambiente que carece da rotina que garante um mínimo de previsibilidade para a criança que, desse modo, se vê exposta à violência intrafamiliar, ansiedade, medo e raiva, fica comprometida a própria confiabilidade do ambiente interhumano, como preconizado por Winnicott (1960/1993b).

Diante do exposto, destacamos que a lógica afetivo-emocional que rege este campo é "como meu pai chegará em casa hoje?". Essa dúvida de natureza paranóide angustia os filhos de alcoolistas, deixando-os à mercê de ansiedades sobre as experiências vindouras com a chegada do pai.

A narrativa de Rosa é aqui retomada para aprofundarmos nossa compreensão sobre os elementos dramáticos que caracterizam a experiência vivida pela participante. Na ET, Rosa descreveu a existência de dois pais em sua vida: o pai irascível, violento e incontrolável que espancava a sua mãe, deixando ela e as irmãs desesperadas, e na vida adulta um pai divertido que conversava através do Skype. A narrativa de Rosa mobiliza diversas associações-livres que facilitam a emergência de sentidos criados e encontrados (Winnicott, 1940/2000). Deste modo, interpretações sobre a



comunicação de Rosa se tornam possíveis objetivando uma compreensão das experiências narradas em termos afetivo-emocionais.

Compreendemos que na escolha do vermelho em seu relato, Rosa comunica uma cor que tinge a imprevisibilidade e a violência intrafamiliar vividas: trata-se do vermelho-sangue das paredes da casa marcadas por gotas de sangue da avó que era ali constantemente agredida. Contratransferencialmente, o vermelho tinge a cena e mobiliza emoções no pesquisador que divaga sobre o vermelho ser uma cor quente e intensa, símbolo do coração e do amor ... Mas que amor é esse que machuca? A mesma contradição é observada pelo pesquisador na imagem dos cachorros que aterrorizam a pequena, mas que ao mesmo tempo cuidam da avó ao lambem as suas feridas.

Essa ambiguidade da narrativa, na qual contradições se manifestam, pode ser fruto do campo analítico estabelecido, no qual a transferência e a contratransferência operam (Baranger & Baranger, 1961). O vermelho-sangue e os cachorros bravos ilustram a intensidade do medo de Rosa e da violência intrafamiliar que tinge a cena doméstica com que machuca o coração, fazendo-o sangrar. Mas que cães são esses que lambem as feridas da avó? Não estaria Rosa falando dos “cães bêbados”, seus familiares, que chegam mordendo e arrancando pedaços?

Embora o pai de Rosa tenha sido descrito como imprevisível e violento, talvez o mais bravo naquela imagem dos cães, Rosa afirma seu amor e orgulho do pai. A participante destacou o que aprendeu com o progenitor como, por exemplo, consertar objetos e trabalhar com alvenaria. Portanto, é possível compreender que pai e filha tenham também vivido momentos afetivos, sendo possível, mesmo que parcialmente, a cicatrização de feridas emocionais, como na imagem metafórica dos cães que lambiam as feridas da avó.

No final da entrevista, Rosa mostra que hoje consegue rir e conversar com o pai, narrando uma última cena: a participante está acompanhada do marido enquanto conversa, via Skype, com o pai. Todos estavam rindo, achando graça porque o pai tinha esquecido a dentadura e, portanto, estava sem dentes. Seria esta uma alusão ao fato do pai não ser mais agressivo, agora que está mais velho? O “cão bravo” não pode mais morder? Rosa já tem como se defender e o pai já não parece tão bravo? Enfim, a narrativa de Rosa

parece comunicar a espontaneidade e o registro existencial brincante (Aiello-Vaisberg, 2012), representados pela conversa amigável e divertida com o pai, agora possível porque em um ambiente previsível e confiável.

A narrativa de Rosa nos permite supor impactos emocionais vividos pelos filhos de alcoolistas em função da imprevisibilidade ambiental e da violência intrafamiliar. Deste modo, torna-se pertinente discorrer sobre as duas temáticas, fundamentadas no referencial psicanalítico winnicottiano em interlocução com a literatura científica na área. Destacamos que a discussão sobre imprevisibilidade ambiental conduz à teoria da provisão ambiental de Winnicott (1962/1990a) e o tema da violência intrafamiliar favorece a problematização sobre a intergeracionalidade do alcoolismo e das condutas violentas nas famílias.

Winnicott (1969/1993) argumenta que a previsibilidade no cuidado materno é imprescindível para o desenvolvimento emocional do bebê. É através de experiências previsíveis que instauram uma rotina de cuidados que o infante pode gradativamente elaborar vivências corporais e/ou ambientais sem ser subjetivamente invadido. O autor, fundamentado na matriz mãe-bebê, afirma que a estabilidade e a conseqüente previsibilidade do ambiente garantem o sentido de continuidade de ser do indivíduo, além de facilitarem os processos de integração psicológica. Em sentido oposto, o ambiente imprevisível produz sofrimento emocional, visto que esta falha ambiental lança o bebê em agonias impensáveis contra as quais precisa se defender, reagindo.

As reflexões de Winnicott (1969/1993) sobre a importância da previsibilidade ambiental em sua teorização sobre a provisão e/ou suprimento ambiental<sup>27</sup> apontam para contribuições inconscientes dos pais para a criação de um ambiente suficientemente bom para o desenvolvimento de seus filhos, que assim têm preservadas a continuidade existencial, os processos de integração e a criatividade.

---

<sup>27</sup> Winnicott (1962/1990a) explica que a provisão ambiental é um conceito inspirado nas necessidades dos lactentes, mas que tem utilidade para analisar as necessidades humanas em todas as faixas etárias. A provisão ambiental não necessita de alta compreensão intelectual / representacional, pois sendo de caráter pré-representacional, ela está associada às memórias do adulto cuidador de suas próprias vivências de cuidado na infância.

Mas quais seriam os elementos essenciais preconizados por Winnicott para a provisão ambiental? O autor nos esclarece que a provisão de um ambiente suficientemente bom pressupõe: 1) a confiança da criança/filho na previsibilidade dos comportamentos maternos e paternos; 2) a continuidade do ambiente humano e não-humano, pois essa característica facilita os processos de integração; 3) a adaptação às necessidades da criança que estão em constante movimento, visto que ela está caminhando da dependência para a independência, ainda que relativa; 4) a provisão para que os impulsos criativos do infante sejam respeitados como expressão de sua espontaneidade e autenticidade (Winnicott, 1962/1990a).

Winnicott (1960/1993b) destaca que a provisão ambiental suficientemente boa instaura um ambiente previsível que, por sua vez, estabelece na criança e/ou adulto o sentimento de segurança. Tal sentimento permite que o indivíduo confie no ambiente humano, desenvolvendo-se emocionalmente na relação com o outro e com o mundo à sua volta.

Esperamos que cada criança adquira gradualmente o sentimento de segurança. Deve existir no íntimo de cada criança uma crença em algo; não só algo que é bom, mas algo que é confiável e duradouro, ou que se recupera depois de ter sido magoado ou de se ter consentido que percesse (...). Neste ponto, porém, quero referir-me à contribuição ambiental, o papel que desempenhamos e o papel que a sociedade desempenha em relação a nós. É o meio circundante que possibilita a cada criança crescer, e sem adequada confiabilidade ambiental o crescimento pessoal de uma criança não pode acontecer, ou será um crescimento distorcido (Winnicott, 1960/1993b, p.102-103).

As narrativas que emergiram das ET identificam no contexto do alcoolismo falhas na provisão ambiental aos filhos de alcoolistas, pois estes viveram e/ou vivem constantes situações de imprevisibilidade, insegurança, impossibilidade de confiar no cuidado parental e inibição dos impulsos criativos. A imprevisibilidade ambiental e o conseqüente sentimento de insegurança podem ser observados na descrição dos participantes em diversas experiências com os seus progenitores. Conforme anteriormente exposto, Rosa temia a chegada do pai, cujo comportamento violento era imprevisível. É possível imaginar as dúvidas que afligiam a participante nessas ocasiões: Como será que o meu pai vai chegar hoje? Será que antes ele vai passar no bar e beber? E se beber, será que vai bater na gente?

Gabriel percebeu a experiência do personagem Gilberto como branda, se comparada às angústias que ele próprio viveu, particularmente quando o pai chegava em casa alcoolizado:

“Parece que aí ele está em paz, estudando e distraído! Não foi assim que eu vivi quando meu pai chegava em casa! Era ansiedade pura e eu ficava muito mal, com medo e nervoso. (...) cotidianamente havia conflitos em casa. Portanto, ninguém ficava em paz!”

Vanessa narrou um contexto familiar imprevisível, marcado pela violência, submissão e medo:

“Se as portas falassem, elas diriam muito sobre o medo que eu, minhas irmãs e minha mãe passamos em casa! Nossa, cada situação! Meu pai chegava bêbado, provocava brigas e quebrava pratos, copos e xícaras! Ele xingava a gente, sem motivo, e muitas vezes conseguiu comprar armas e punhais nos bares. Eu ficava horrorizada e com muito medo!”

Alessandra também relatou vivências de terror quando o pai alcoolizado pegava uma faca de cozinha e ameaçava a todos:

“Ocorriam muitas brigas na família, mas na hora da confusão a minha mãe gritava para que saíssemos correndo de casa porque ele tinha uma faca na mão e vinha da cozinha dizendo que iria nos matar. Nossa, Meu Deus! A gente ficava em choque e saía correndo no meio da rua, com medo e pensando na mãe, ali sozinha com ele!”

Hortência destacou o clima emocional da casa do seu ex-namorado, também filho de alcoolista, como extremamente desagradável:

“Quando eu visitava a casa deles percebia um clima ruim, uma atmosfera pesada, entende? O pai dele era alcoolista, homem violento e arrogante. Sempre brigava com quem estava na casa. Eu olhava para a mãe dele e via uma mulher sofrida, submissa, que carregava em sua face uma expressão de tristeza, cansaço e medo. Não dava para ficar lá! Era impossível você se sentir bem!”

A imprevisibilidade ambiental descrita pelos participantes parece se referir ao que por ora estamos chamando de "dupla personalidade do progenitor alcoolista" e a conseqüente apreensão que paira no cotidiano familiar: Será que chegará o pai calmo ou o pai irascível? Vanessa vivenciou a insegurança e o medo produzidos pela alternância entre um pai emocionalmente tranquilo e um pai extremamente violento que quebrava todos os objetos que via pela frente. Fernando também conviveu com um pai que, nos momentos de sobriedade valorizava a família visitando parentes, promovendo encontros familiares e frequentando as missas de domingo, mas que se tornava irreconhecível quando alcoolizado, pois, nesta condição, ele era agressivo e autoritário.

Neste contexto de instabilidade emocional é possível supor que o sentimento de insegurança tenha acompanhado o desenvolvimento destes filhos de alcoolistas. O próprio Winnicott (1960/1993b) reconhece que nestes ambientes o crescimento pessoal apresenta distorções, provavelmente com o objetivo de garantir a sobrevivência psíquica. As invasões do ambiente deixam marcas profundas no eu, particularmente a dificuldade de confiar no outro e em novas relações humanas. A participante Joana vivenciou a imprevisibilidade ambiental nas relações parentais e conjugais. Na entrevista, ela destaca a instauração de uma desconfiança básica nos relacionamentos interpessoais:

“Hoje eu sinto dificuldade em aceitar um ‘eu te amo’ como uma expressão sincera! Sinto que ela é aprendida pelas pessoas, não autêntica, entende? O ‘eu te amo’ ficou banalizado, todo mundo fala sem pensar direito no que fala ... Portanto, para mim as pessoas podem ser amigas, mas não que isso signifique que elas amem no sentido forte da palavra!”

Winnicott (1969/1993) explica que a confiança é construída em um ambiente de cuidados adaptados às necessidades/dependência do infante. Contudo, as falhas nesta provisão, como encontramos no contexto do alcoolismo, compromete a confiabilidade do ambiente familiar produzindo sofrimento e insegurança em todos os seus membros. Winnicott alerta para o impacto das falhas do ambiente sobre o desenvolvimento da criança:

(...) havia um suprimento ambiental suficientemente bom em termos de previsibilidade, de acordo com a capacidade de previsão da criança, e

depois sobreveio uma inconfiabilidade que rompeu automaticamente a continuidade do processo de desenvolvimento da criança. (...) Os processos de crescimento tornam-se distorcidos porque a integridade da criança foi quebrada (Winnicott, 1969/1993, p. 149-150).

Em vários relatos dos participantes, essa imprevisibilidade ambiental está associada com experiências de violência intrafamiliar. Esta categoria de violência abrange toda e qualquer relação de abuso dentro do contexto familiar, seja a praticada por familiares naturais como pais, avós e tios, seja por familiares civis como cônjuges, padrastos e madrastas. A violência intrafamiliar é um problema de saúde pública em nível mundial, afetando a qualidade de vida de milhões de pessoas. Todas as classes sociais estão expostas a esse tipo de violência, embora quatro grupos se mostrem mais vulneráveis a abusos familiares: mulheres, crianças/adolescentes, idosos e deficientes (Brasil, 2002).

No Brasil, a violência intrafamiliar é geralmente notificada através de intervenções policiais nas portas das residências, revelando um cenário em que uma intervenção externa apenas acontece quando a violência é explicitada em caráter judicial/punitivo. Contudo, existe um contexto de subnotificação dos abusos familiares, particularmente dos abusos psicológicos que não são culturalmente compreendidos como uma modalidade de violência. A desmoralização é uma destas condutas abusivas, segundo a qual um membro familiar sistematicamente desqualifica o outro, promovendo sofrimento emocional (Brasil, 2002).

Ao longo das entrevistas com os participantes, observamos que a violência intrafamiliar é um tema recorrente. Cenas em que o pai alcoolizado bate na esposa e nos filhos, faz brincadeiras inconvenientes e/ou desqualifica moralmente um dos membros são uma constante. Selma é uma das participantes que descreve a desqualificação moral como uma das formas que a violência paterna tomava, cujo objetivo parecia ser o de triunfar sobre a filha:

“Meu pai chegava em casa e às vezes vinha falar comigo. O assunto era eu e o interessante é que ele conseguia me atingir falando dos meus pontos fracos, me criticando e cutucando as minhas dificuldades pessoais. Quando eu me defendia, ele respondia que eu não sabia nada da vida! Que eu iria aprender muito, mas por ora nada sabia! Eu me sentia humilhada, porque ele usava das nossas dificuldades para se afirmar e se impor!”

Joana viveu a violência intrafamiliar na dupla condição de filha e de esposa de alcoolista. Em seu relato é possível observar a elaboração de teorias pessoais para explicar suas experiências com a violência na tentativa de integrá-las no *self*. Na infância, apanhar do pai teve uma explicação educativo-formativa, na qual o progenitor agia desta forma com o possível intuito de corrigir e ensinar. No casamento, Joana se culpava, pois acreditava que tinha feito algo errado para que a relação amorosa não fosse harmônica. Assim, Joana conseguia atribuir algum sentido para o sofrimento cotidiano.

“Meu marido chegava em casa alcoolizado, nós discutíamos e eu geralmente apanhava! Depois das agressões eu ficava machucada por fora e por dentro e sentia uma enorme culpa por tudo o que estava acontecendo! Quando jovem eu tinha expectativas de que na vida tudo iria dar certo, mas infelizmente não foi como eu planejei ... Vivi o alcoolismo como filha e como esposa, vi e sofri agressões, manipulações e traições. Na época do meu pai, as agressões tinham um outro significado, talvez de educação.... Mas qual é o significado de ser agredida por um esposo? É muito doloroso porque ali eu entendi que era agressão mesmo, e gratuita!”

Dentre as diversas cenas de violência intrafamiliar narradas por Rosa, destaca-se a questão da intergeracionalidade dos maus tratos no contexto do alcoolismo.

“Essa família sempre teve marcas da violência! Meu pai apanhou demais na infância, viu muitas coisas e foi um menino judiado... eu até entendo, em certa medida. O pai dele era alcoolista e batia na esposa e na própria mãe! Sabe, muita dor envolvida na vida de todos. E, nesse contexto, eu ficava assustada e sem entender.”

A complexa relação entre o alcoolismo e a violência intrafamiliar atravessa gerações, constituindo-se como problemática intergeracional. Dessa forma, o alcoolista que pratica a violência intrafamiliar pode ter sofrido com esse mesmo tipo de falha em seu ambiente familiar de origem. Padrões de condutas abusivas podem ser transmitidas entre as gerações através da educação rígida e/ou negligente dos progenitores (Brasil, 2002; Tondowski et al., 2014).

Brittar e Nakano (2011) analisaram as histórias de vida de mulheres mães que viveram a infância em contextos marcados pelo álcool, drogas e violência e que, na vida adulta, eram agressivas com os seus filhos. As autoras discutiram a violência intrafamiliar efetuada por estas mulheres na perspectiva da transmissão intergeracional da conduta abusiva. As experiências traumáticas de perdas de pessoas significativas, a exposição ao alcoolismo, a pobreza e a violência, além da ausência de um cuidador permanente como referência afetiva constituiriam fatores facilitadores da repetição da violência intrafamiliar, agora na segunda geração.

Tondowski et al. (2014) entrevistaram agressores alcoolistas e pessoas que sofreram violência intrafamiliar no contexto do alcoolismo. Durante as entrevistas, os autores confeccionaram genetogramas que foram usados na análise do material empírico. Os resultados apontaram que a violência intrafamiliar e o alcoolismo são fenômenos que se entrelaçam nas gerações sucessivas dos participantes. A transmissão intergeracional acontece por duas vias: a primeira é a linha direta de parentesco, ou seja, de pais/mães para os filhos. A segunda é através do casamento, situação na qual uma mulher que foi filha de alcoolista frequentemente se casa com um alcoolista. Em ambas as vias de transmissão intergeracional, os autores discutem a hipótese de que a repetição dos padrões de conduta acontece em função dos modelos de relacionamentos fornecidos pela família de origem que podem mobilizar emocionalmente as escolhas deste público.

A intergeracionalidade do alcoolismo é uma problemática relevante, uma vez que os filhos de alcoolistas têm maior probabilidade de desenvolverem abuso ou dependência de álcool. Fatores genéticos, culturais, econômico-sociais e psicológicos contribuem para esta condição que marca as histórias familiares (Woodside, 1988). O participante Alfredo, por exemplo, descreveu que, durante a sua infância, desejava ser diferente do pai. Contudo, deparou-se na vida adulta com o fato de ter se tornado, também ele um alcoolista.

Finalmente, concluímos que a violência intrafamiliar e a imprevisibilidade ambiental indicam falhas na provisão ambiental dos filhos de alcoolistas, impactando negativamente na segurança e na confiança na relação parental (Winnicott, 1960/1993b; Winnicott, 1969/1993). Nesse sentido, é possível concluir que a imprevisibilidade da violência intrafamiliar, decorrente do



consumo de álcool abusivo/dependente, é o principal fator que traumatiza emocionalmente os filhos de alcoolistas.

Apesar de Hortência ter convivido com um pai alcoolista, ela parece ter vivido a estabilidade ambiental e a ausência de condutas violentas por parte do pai, o que certamente favoreceu a construção da segurança e da confiança da participante. No caso da pergunta que serve de título para este campo – Papai, quem é você? – imaginamos que Hortência tem a resposta na ponta da língua, enquanto os demais participantes passaram a vida tentando desvendar esse mistério.

Portanto, voltando a pergunta que inaugura esse campo de sentido afetivo-emocional, refletimos que a figura do pai despótico convive com a figura do pai gentil, condição esta que inaugura o sentimento de esperança nos familiares de alcoolistas, visto que há uma confiança de que no futuro o progenitor alcoolista deixará de beber e se tornará uma pessoa confiável, previsível e amável. A partir desta hipótese podemos compreender que a esperança da convivência "com um outro pai" mobiliza subjetivamente os familiares de alcoolistas, incluindo os filhos, a serem pacientes com as falhas paternas.

Destacamos que os relatos dos participantes indicam uma teoria implícita sobre a figura paterna. Na sobriedade é um homem tranquilo, amigável e em alguns casos até amoroso, porém o álcool despertaria um "monstro" interno que somente seria acordado através da embriaguez. Deste modo, objetivando manter a convivência com um "bom pai", os filhos e demais familiares tendem a controlar e/ou impedir o consumo de álcool paterno. Contudo, o controle exercido para mantê-lo sóbrio tende a desgatar as relações familiares, impactando negativamente na qualidade de vida dos envolvidos, além de favorecer a construção de defesas para a sobrevivência psíquica.

### **5.3 Campo 3. Só me resta sobreviver!**

O presente campo de sentido afetivo-emocional comunica a necessidade dos filhos de alcoolistas desenvolverem recursos e/ou defesas para a sobrevivência emocional diante de um ambiente familiar imprevisível. As

entrevistas revelam as experiências dramáticas (Politzer, 1928/1998) destes filhos de alcoolistas que foram resilientes (Silva et al., 2013) diante de relações familiares e contextos de vida intrusivos. Destacamos que a lógica afetivo-emocional que rege a dinâmica deste campo é "defender-se para apenas sobreviver".

Amadurecer antes do tempo foi uma das estratégias frequentemente anunciadas nas entrevistas, quando os participantes narravam as responsabilidades que assumiram na infância e adolescência. Winnicott (1960/1993c) alerta para os perigos do amadurecimento precoce para fazer face às falhas ambientais que pressionam o indivíduo a assumir tarefas que estão acima de seus recursos emocionais.

A corrente psicológica a que me filio considera a maturidade sinônimo de saúde. A criança de dez anos que é saudável é madura para sua idade; o infante sadio de três anos tem a maturidade de um infante de três anos; o adolescente sadio é um adolescente maduro, e não um adulto precoce. O adulto sadio é maduro enquanto adulto, o que significa que já transpôs todos os estágios de imaturidade, isto é, todos os estágios maduros anteriores. O adulto maduro tem a seu dispor todos os estados passados de imaturidade, e pode fazer uso deles por necessidade, por diversão, nas experiências secretas de auto-erotismo ou nos sonhos. (Winnicott, 1960/1993c, p. 129).

Winnicott (1960/1993c) adverte que precocidade não é sinônimo de saúde mental, que a maturidade alcançada deve estar em conformidade com a idade do indivíduo. É possível observar pelas narrativas do presente estudo como os filhos de alcoolistas, durante a infância, adolescência ou início da vida adulta, assumem responsabilidades e/ou tarefas que são usualmente parentais, fato este que contribui para o sofrimento emocional deste público.

Fernando assume as responsabilidades da casa em função de ser "o irmão mais velho" (sic), trabalhando para ajudar com a renda familiar e auxiliando a mãe na criação dos irmãos. Diante da desestruturação financeira da família e perda da casa própria, devido aos gastos do pai com o alcoolismo, Selma passa a liderar os familiares para a compra de uma nova casa, o que possibilitou maior conforto e segurança para todos. A participante viveu experiências angustiantes que a mobilizaram emocionalmente a ponto de desenvolver ansiedade e pânico, atestado o sofrimento decorrente da sobrecarga de responsabilidades, especialmente quando se é jovem.

Dialogando com essa compreensão, podemos observar nos desfechos de algumas NI, que o personagem Gilberto assume tarefas não pertinentes a um filho. Por exemplo, quando se encarrega de resolver conflitos e assume a função de conciliar as figuras parentais a fim de restabelecer a estabilidade do ambiente familiar, processo que envolve um alto custo emocional. Na NI de Vanessa observamos a elaboração narrativa de um Gilberto que, servindo de escudo, impede a violência paterna contra a mãe:

"Mas ela [Maria Amélia] entra em controvérsia e continua insistindo que ele [Osvaldo] deveria ter calma. Seu Osvaldo, fora de si, parte em direção a ela dizendo que era tudo culpa dela. Neste momento, Gilberto entra na frente da mãe para protegê-la. O pai fecha o punho como se fosse esmurrá-la, mas se o fizesse acertaria Gilberto".

Gabriel descreve em sua NI um Gilberto que cuida do pais que estão desamparados, cada um a seu modo: *"Notou o carro mal estacionado e o pai cambaleando na tentativa de sair do carro. Foi ao auxílio do pai enquanto, ao mesmo tempo, tentava acalmar a mãe que começava um tradicional discurso de recriminação"*. Neste desfecho em que o filho assume a função de cuidador/conciliador, podemos imaginar o seu próprio desamparo quando precisa abrir mão do próprio cuidado em benefício do casal parental.

Alessandra se junta às vozes dos demais participantes, em sua NI, caracterizando o personagem do filho de alcoolista como figura parental substituta: *"Ele se deparou com o pai alcoolizado e o ajudou, pois não conseguia nem sair do carro. Depois o colocou para dormir, pois nessa situação ele realmente estava sem condição de estar em si"*. Na NI de Hortência, além do filho auxiliar o pai, ele tenta esconder da mãe a embriaguez do pai: *"Viu seu pai ao volante, sem conseguir abrir a porta do carro. Imediatamente correu com a sua mãe para ajudá-lo a sair. Apoiou o pai cambaleante no braço e dirigiu-se para dentro, tentando ocultar a embriaguez das vistas de sua mãe. Acomodou-o no sofá da sala, deu uma desculpa para a mãe, e correu para o seu quarto (...)"*.

Alfredo elabora um desfecho para a sua NI no qual o filho de alcoolista assume tudo para si, tentando, como os outros participantes, equilibrar os

conflitos: *"O Gilberto já traumatizado pelo frequente embriagar do pai se pôs a intermediar a discussão tentando neutralizar a agressividade do pai e a angústia da mãe: ele tentou absorver toda a situação como se fosse dele".*

Finalmente, na NI de Rosa, observamos um Gilberto que se desdobra para manter o lar estável emocionalmente: *"Vendo o estado de sua mãe, levou ela para a cozinha, tentando deixar ela calma o possível para não começar a discussão, porque toda vez que seu pai estava alcoolizado ficava violento, e sua mãe não aguentava passar por toda esta situação e ficar calada. Gilberto aguentava passar tudo calado, para não aborrecer a sua mãe. Queria sempre manter o lar o mais harmonioso possível, porém nem sempre ele conseguia".* Na mesma NI, Rosa escreve uma conclusão para a vivência dos filhos de alcoolistas: *"Ser filho de alcoólico não é fácil, você fica entre a cruz e a espada, tentando manter o equilíbrio e a harmonia".*

Diante deste amadurecimento precoce que é engendrado pelas constantes falhas ambientais, podemos nos interrogar se haveriam outros recursos e/ou defesas mobilizadas pelos filhos de alcoolistas para sobreviverem emocionalmente?<sup>28</sup>

As narrativas dos participantes nos permitem supor alguns recursos/defesas utilizados pelos filhos de alcoolistas. Como primeira possibilidade, temos a estruturação de um falso *self*<sup>29</sup> que se organiza em torno de uma maturidade emocional aparente, enquanto oculta a imaturidade para dar conta das demandas da realidade. Sabemos com Winnicott (1960/1990b) que esse *self* não se realiza em termos do seu potencial porque está ocupado demais em se defender, em sobreviver.

Winnicott (1960/1990b) situa o desenvolvimento do falso *self* tanto no âmbito da saúde quanto no da psicopatologia. O autor argumenta que um certo

---

<sup>28</sup> Bleger (1963/1984) argumenta que as condutas defensivas têm o objetivo inconsciente de manter o equilíbrio homeostático, garantindo a adaptação e/ou ajustamento de uma pessoa. Para o autor, as condutas defensivas têm uma importante função de sobrevivência para o organismo, contudo, elas tornam-se disfuncionais de acordo com a intensidade e frequência, o que possivelmente implica em sofrimento emocional.

<sup>29</sup> É importante ressaltar que a estruturação de um falso *self* é um fenômeno possível na experiência dos filhos de alcoolistas. Destacamos que não trabalhamos com a hipótese de uma generalização desta defesa e/ou de outras defesas na experiência deste público. Desejamos ilustrar possíveis defesas que sejam mobilizadas nos filhos de alcoolistas em virtude de um ambiente imprevisível e inseguro.

grau de falso *self* é necessário para a convivência social, possibilitando comunicações educadas e polidas entre os seres humanos. Assim, Winnicott elabora níveis de falso *self* que, para dar conta de ambientes cada vez mais invasivos, o indivíduo tende a fortalecer a experiência de um falso *self* com o objetivo inconsciente de proteger o verdadeiro *self*. No caso dos participantes deste estudo, observamos essa última qualidade de experiência, em que a estruturação de uma defesa psíquica dessa magnitude os coloca em posição de cuidadores quando deveriam estar sendo cuidados.

Segundo Winnicott (1960/1990b), a consequência do falso *self* na experiência emocional de uma pessoa é a vivência do sentimento de não ser vivo e real no mundo. O falso *self*, no nível defensivo, inibe a criatividade e a autenticidade existencial, ou seja, o registro existencial brincante (Aiello-Vaisberg, 2012) não pode ser vivido pelo sujeito.

O conceito de um falso *self* tem de ser contrabalançado por uma formulação que poderia, com propriedade, ser denominada de *self* verdadeiro. No estágio inicial o *self* verdadeiro é a posição teórica de onde vem o gesto espontâneo e a ideia pessoal. O gesto espontâneo é o *self* verdadeiro em ação. Somente o *self* verdadeiro pode ser criativo e se sentir real. Enquanto o *self* verdadeiro é sentido como real, a existência do falso *self* resulta em uma sensação de irrealidade e em um sentimento de futilidade. O falso *self*, se bem sucedido em sua função, oculta o *self* verdadeiro ou então descobre um jeito de possibilitar ao *self* verdadeiro começar a existir (Winnicott, 1960/1984, p. 135).

Diante dos pais alcoolistas, os filhos protegem as experiências do verdadeiro *self* através de um falso *self*, de cunho defensivo. Essa estratégia inconsciente possibilita a convivência dos filhos com o progenitor dependente de álcool, de quem ocultam o *self* verdadeiro, protegendo-se. Podemos supor, com Winnicott (1960/1984) e segundo os relatos de nossos participantes, que o verdadeiro *self* fica latente à espera de um ambiente seguro e confiável em que poderá se manifestar.

Diante da constante necessidade de defender-se para preservar o verdadeiro *self* e a esperança de um dia poder ter uma vida autêntica e real, o recurso da fé e das práticas religiosas pode ser utilizado por filhos de alcoolistas. A religião, na concepção de Winnicott (1971/1975a; 1971/1975c), é uma manifestação dos fenômenos e objetos transicionais. Por meio dos cultos, ritos e símbolos as pessoas vivenciam experiências transicionais, nas quais

prevalece a terceira área de experiência: que não é interna, nem externa. A transionalidade, segundo o autor, é um fenômeno presente na vida cotidiana, como por exemplo, nas experiências culturais e por meio dela, o indivíduo pode descansar psicologicamente.

Vanessa frequentava as missas e na hora da comunhão eucarística rezava para que o seu pai não bebesse naquele dia. Experiência semelhante foi narrada por Mariana que, acompanhada da avó, participava das missas e recitava o rosário pedindo pela família. Em ambas as experiências, as práticas religiosas foram manejadas pelos filhos de alcoolistas, objetivando conter as vivências intrusivas e desorganizadoras da convivência com o pai alcoolizado. Compreendemos que o pedido destas participantes a Deus também teria uma função psicológica: uma tentativa inconsciente de manter a integração psíquica diante da potencial ameaça de invasão ambiental recorrendo a um Pai confiável.

Neste ponto, podemos articular uma reflexão sobre o terceiro recurso utilizado por filhos de alcoolistas: trata-se de uma intensificação da convivência destes com pessoas significativas e previsíveis, destacando-se as figuras da mãe, avó e avô. A previsibilidade que advém destas relações favorece a estruturação dos sentimentos de segurança e de confiança que, por sua vez, são imprescindíveis para a saúde mental. Deste modo, apesar do ambiente familiar imprevisível, alguns participantes puderam contar com figuras alternativas de referência, já na infância, que lhes permitiram recuperar o sentimento de segurança e confiança. Outros tiveram de aguardar até a idade adulta, com todos os riscos que isso implica, em termos de possibilidade de resgate de uma vida autêntica e real.

Mariana elege a avó como uma figura reasseguradora, na qual pôde confiar e com quem pôde viver uma experiência de estabilidade emocional e provisão de cuidados básicos. A participante assim descreve a presença da avó em sua vida:

"Primeiramente, minha avó tinha uma cabeça aberta, ela era atenta no que estava acontecendo no mundo. Não era alguém parado no tempo, entende? Tudo na casa dela era bom! A casa era maior, mais arejada, tinha

comida boa, sucos e água fresca. Uma casa limpa, super organizada. Nossa! Estar lá era tudo de bom!! Muito gostoso, mesmo! Eu me sentia bem! (...)".

Fernando descreve um avô preocupado e responsável que construiu uma casa para a família. O participante recordou-se dessas vivências estruturantes do *self*, nas quais ele e os irmãos ajudavam o avô nesta construção, trazendo para ele tijolos e argamassa. Aline narra experiências com uma mãe sensível a suas necessidades, que lhe devolveia o conforto e a segurança comprometidos pelos episódios de alcoolismo do pai.

"Eu e minha mãe temos uma relação ótima! Vejo ela como uma amiga íntima com a qual posso compartilhar segredos e confiar plenamente! Nós nos apoiávamos nos momentos difíceis, principalmente quando o meu pai bebia muito e chegava nos irritando com as brincadeiras chatas. Nessas horas, nos ajudávamos, confortando uma à outra. Esse apoio foi fundamental!"

Apesar da submissão vivida no contexto de alcoolismo na família, os filhos que contavam com pessoas significativas substitutas poderiam ter os seus gestos espontâneos acolhidos e o amadurecimento emocional facilitado. A convivência com estas pessoas fornecia a experiência de *holding*, ou seja, de sustentação emocional capaz de amortecer os impactos da relação imprevisível com o progenitor alcoolista.

O quarto recurso identificado nos relatos dos participantes foi a necessidade de um reagir<sup>30</sup> confrontativo ao ambiente invasivo de modo a conter a experiência de intrusão. Gabriel argumenta que nas discussões com o pai alcoolizado a única opção que lhe restava era "reagir" (sic) ao progenitor:

"O meu jeito de lidar era reagir ao meu pai! Não tinha saída, aquele era o meu jeito: reagindo... Cada irmão aprendeu uma forma e essa foi a minha. Discutia com ele, me colocava com argumentação e não deixava barato! Não permitia que toda aquela violência verbal ficasse apenas em mim, porque eu a distribuía nele."

---

<sup>30</sup> É válido destacar que o termo "reagir" aqui empregado é diferente do reagir winnicottiano, no qual o falso *self* ou qualquer outra defesa podem ser consideradas reações diante de ameaças de invasão ao *self*. Neste caso, estamos nos referindo a uma reação de confrontação que não sendo submissa é uma conduta desesperada que visa preservar o *self*.

O movimento reativo-confrontativo, anunciado na narrativa de Gabriel, pode não se constituir como gesto espontâneo, na medida em que a motivação que conduz a reação é da ordem da defesa. Entretanto, não deixa de ser significativo o meio que Gabriel encontrou para conter a agressividade do pai, combatendo a irracionalidade paterna com a própria racionalidade. Gabriel reage às agressões verbais do pai pela via da argumentação, estratégia que aprimorou ao longo do tempo para vencer o progenitor nas discussões, mas também para se proteger. Contudo, essas reações que se renovam a cada ataque têm um elevado custo emocional já que convoca os recursos intelectuais do filho – o que guarda semelhanças com a defesa pelo falso *self* – para fins defensivos e não criativos. Desse modo, embora a capacidade argumentativa de Gabriel se desenvolvesse, ele próprio estava aprisionado nesse constante reagir, comprometendo a realização em outras áreas da vida.

Outro movimento defensivo sugerido no relato dos participantes é a constante vigilância do clima emocional do lar com o objetivo de evitar qualquer conflito na já conturbada dinâmica familiar. Vanessa, por exemplo, descreve o próprio sofrimento emocional quando algum acontecimento parecia anunciar novos problemas:

"Percebi que alguns dos meus comportamentos e sentimentos foram desenvolvidos na relação com o meu pai. O medo que eu tinha de errar é um bom exemplo! Eu tinha um pavor horroroso de fazer algo errado e gerar mais um problema na minha vida: afinal, já estava sobrecarregada! Para você ter uma ideia, eu tinha medo de namorar qualquer rapaz em função do medo de engravidar durante um namoro. Eu namorava o meu marido e quando, pela primeira vez, ele me beijou, pensei: Meu Deus! Estou grávida!"

Esse movimento defensivo em que o filho se omite, se anula, se esconde para evitar “problemas” que desencadeariam nova crise agressiva no pai pode ser compreendido na perspectiva winnicottiana sobre a instauração do medo de um colapso (Winnicott, 1963/1994). Em ambientes intrusivos os indivíduos constroem defesas para a preservação da continuidade de ser e do verdadeiro *self*; contudo, quando a intrusão é intensa, contínua ou precoce, o



indivíduo passa a temer um colapso que lhe parece iminente porque reativa colapsos, ou ameaças de colapso, vividos anteriormente.

O medo do colapso é um aspecto de importância em alguns de nossos pacientes, mas não em outros. Desta observação, se for correta, pode-se tirar a conclusão de que esse medo se acha relacionado às experiências passadas do indivíduo e aos caprichos ambientais (...). Utilizei intencionalmente a expressão "colapso" por ser bastante vaga e por poder significar diversas coisas. Em geral, neste contexto, a palavra pode ser tomada como significando o fracasso de uma organização de defesa. Mas perguntamos de imediato: uma defesa contra o quê? E isto nos conduz ao significado mais profundo do termo, uma vez que precisamos utilizar a palavra "colapso" para descrever o impensável estado de coisas subjacente à organização defensiva (Winnicott, 1963/1994, p. 70-71).

Vanessa ilustra pelo seu medo de errar, o sentimento de estar vivendo à beira de um colapso, o paterno, sem perceber que evitando o dele, evita também o seu. Esse sofrimento sinaliza uma mobilização defensiva contra uma situação-limite que está prestes a se desfazer, entregando o sujeito a agonias impensáveis. Concluímos este campo de sentido afetivo-emocional com a reflexão de que o ambiente familiar alcoolista, marcado pela instabilidade emocional, negligência e violência mobiliza defesas psíquicas que, embora garantam a sobrevivência psíquica, comprometem o viver criativo e autêntico.

#### **5.4 Campo 4. Desejo ter nas mãos a minha história!**

O presente campo de sentido afetivo-emocional comunica o desejo dos participantes - filhos adultos de alcoolistas - viverem a própria história após uma vida de submissão às demandas do progenitor alcoolista. Projetos pessoais, novas responsabilidades, o direito ao próprio espaço físico de um quarto, apartamento ou casa alugada são elementos valorizados pelos participantes que nos comunicam o valor da privacidade na construção da identidade. Consideramos que, diante de um histórico ambiental no qual a convivência parental foi invasiva e submetedora, os participantes almejam encontrar experiências e espaços que permitam expressões do *self*, o que nos revela uma busca inconsciente pela vida criativa e autêntica (Winnicott, 1971/1975c).

Destacamos que a possível regra afetivo-emocional que rege a dinâmica deste campo de sentidos é: "Agora é a minha vez de viver!". Trata-se de um campo que é constelado através de um movimento integrativo, no qual os filhos de alcoolistas conseguem redescobrir a vida criativa e com sentido, elaborar e/ou ressignificar experiências traumáticas do passado e até mesmo perdoar a figura parental alcoolista pela violência vivida.

Mariana é uma das participantes que comunica dramaticamente (Politzer, 1928/1998) os sentidos constelados por este campo. Convivendo com a família alcoolista, a jovem não tinha mais vontade de escolher as roupas que vestia, deixando o cotidiano acontecer sem muitas intervenções criativas, ou seja, intervenções que expressassem o seu *self* no mundo. Contudo, após a mudança de cidade, em função de um novo emprego, a participante teve a oportunidade de reencontrar-se e experimentar uma espécie de renascimento:

"Se na casa do meu pai me mandassem vestir uma calça amarela ou de qualquer outra cor eu vestia porque lá eu não escolhia as coisas para mim. Aqui é diferente, aqui eu escolho as cores que desejo vestir! Escolho para onde eu vou e o que desejo fazer... Sinto-me livre e viva! Vejo sentido no meu trabalho e nas minhas atividades e desejo viver!"

As experiências subjetivas de liberdade e de vivacidade, como as que Mariana relata, são descritas por Winnicott (1960/1990b) como manifestações do verdadeiro *self* no mundo. A participante acrescenta que, no passado, não gostava de tirar fotos com as pessoas, mas agora que mudou de cidade e descobriu a fotografia como nova experiência em sua vida. As fotos de momentos significativos se tornaram para Mariana relíquias pessoais, talvez porque registrem suas primeiras experiências com a própria espontaneidade.

Vanessa lembra que as datas festivas eram vividas com angústia, pois o pai alcoolizado provocava brigas em casa. As festas de Natal, Ano Novo, Páscoa, Carnaval, aniversários, dentre outras, eram sempre lembradas com tristeza pela participante. Diante da potencialidade de violência intrafamiliar e da imprevisibilidade do ambiente, Vanessa inibia a sua gestualidade espontânea calando a si mesma. Contudo, após o casamento, a participante pôde viver uma outra experiência a qual possibilitou a reelaboração do vivido,

sendo as datas festivas ressignificadas e preenchidas com a personalidade de Vanessa.

Gabriel decidiu alugar um quarto e morar sozinho, pois considerava importante fortalecer a sua privacidade. Michele fez o mesmo movimento e, embora visite frequentemente os pais, percebe que a independência e a privacidade contribuem para a sua saúde mental. No passado, Joana recorria ao devaneio nos momentos de angústia: imaginava uma outra vida na qual seria feliz e amada. Já Selma mantém-se atenta para não reproduzir "padrões de comportamento aprendidos durante a infância e adolescência" (sic) em sua vida conjugal. Em todas essas vivências, observamos filhos de alcoolistas comunicando o desejo de ter nas mãos a própria história, tornando-se protagonistas da própria vida. Mas uma vida na qual o *self* possa se expressar espontaneamente, configurando uma existência criativa.

É através da apercepção criativa, mais do que qualquer outra coisa, que o indivíduo sente que a vida é digna de ser vivida. Em contraste, existe um relacionamento de submissão com a realidade externa, onde o mundo em todos os seus pormenores é reconhecido apenas como algo a que ajustar-se ou a exigir adaptação. A submissão traz consigo um sentido de inutilidade e está associada à ideia de que não vale a pena viver a vida. Muito indivíduos experimentaram suficientemente o viver criativo para reconhecer, de maneira tantalizante, a forma não criativa pela qual estão vivendo, como se estivessem presos à criatividade de outrem, ou de uma máquina. Essa segunda maneira de viver no mundo é identificada como doença, em termos psiquiátricos. De uma ou de outra forma nossa teoria inclui a crença de que viver criativamente constitui um estado saudável, e de que a submissão é uma base doentia para a vida (Winnicott, 1971/1975c, p. 95).

Compreendemos que os filhos de alcoolistas buscam encontrar o viver criativo winnicottiano, no qual o *self* verdadeiro pode se manifestar no mundo. Na experiência de uma vida criativa, novos sentidos são elaborados sobre a experiência parental, configurando uma condição que possibilita ressignificar o vivido. É justamente vivendo a própria história que os filhos de alcoolistas têm a oportunidade de elaborar as experiências intrusivas vividas na convivência parental.

Na conquista de novos espaços e experiências, os filhos de alcoolistas podem "ser" no mundo, ou seja, podem olhar para si mesmos, avaliando necessidades e desejos a serem satisfeitos. Na convivência parental, os filhos estavam constantemente envolvidos na resolução de conflitos familiares,

preocupados e ansiosos para recuperar o equilíbrio emocional da casa. Deste modo, os filhos não tinham espaço para "ser", pois restava-lhes apenas a possibilidade de um "fazer" reativo. A intensa contratransferência mobilizada pelo pai alcoolista convoca os filhos a tomarem atitudes reativas e submissas, pois este pai que ocupa o lugar de "Majestade" não cede espaço para que os filhos possam olhar para as próprias demandas. Portanto, ao saírem de casa para construir o próprio espaço como um quarto, casa ou apartamento, os filhos almejam conquistar um lugar para "ser" no mundo e, não mais reagir a ele. Conforme a reflexão de Winnicott (1971/1975d) sobre a importância do "ser" se constituir antes do "fazer" para que as experiências sejam emocionalmente enriquecedoras: "Após ser – fazer e deixar-se fazer. Mas ser, antes de tudo" (p. 138).

Conforme anteriormente exposto, os familiares de alcoolistas, incluindo os filhos, adaptam-se às demandas do dependente de álcool sem uma previsão de desfecho temporal. Tal condição implica em sofrimento emocional, visto que ela configura uma prisão afetivo-emocional para as pessoas envolvidas. Diante da impossibilidade de um desfecho temporal para esta Preocupação Familiar Primária, os filhos fazem uso de um desfecho geográfico, no qual a distância física coloca limites para o jogo transferencial que se estabelece com o progenitor alcoolista. Assim, o filho consegue expressar o seu verdadeiro *self*, abandonando a experiência psicológica de um falso *self* cuidador, condutas criativas tornam-se mais frequentes e intensas, comunicando a redescoberta da própria vida.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa qualitativa possibilita a investigação de significados humanos em profundidade e, portanto, não trabalha com a ideia de elaboração de conceitos universais, mas historicamente localizados (Flick, 2009; Stake, 2011). Por essa razão, compreendemos que nem toda relação entre filhos e pais alcoolistas seja marcada pela imprevisibilidade ambiental e pela violência intrafamiliar. A narrativa de Hortência, por exemplo, comunica uma experiência de convivência parental marcadamente distinta dos demais participantes, descrevendo o pai como um homem engraçado, afetuoso e não-violento.

Em contrapartida, as narrativas dos demais participantes comunicam um intenso sofrimento emocional na convivência com o progenitor alcoolista, visto que a família de cada um deles vivencia dificuldades de comunicação, divisão de responsabilidades e tarefas, violência intrafamiliar, imprevisibilidade ambiental, ansiedade e medo (Trindade & Costa, 2012; Manguiera & Lopes, 2014). O filho é um dos atores familiares a viver nessa dinâmica de relações interpessoais, sendo que este pode adoecer psicologicamente (Furtado et al., 2002; Pereira et al., 2015) ou desenvolver recursos de enfrentamento para lidar com as experiências invasivas (Silva et al., 2013). No presente estudo, os quatro campos de sentidos afetivo-emocionais criados e encontrados (Winnicott, 1945/2000) comunicam os sentidos da experiência emocional de uma personalidade coletiva: os filhos de alcoolistas que convivem com o sofrimento familiar provocado pelo alcoolismo parental.

Destacamos que, no discurso dos participantes, o imaginário da figura do alcoolista e sua dependência está associada ao imaginário do louco e sua loucura, destacando-se a conduta irracional e a impulsividade incontrolável. Alfredo descreve que o dependente de álcool "não pertence ao mundo dos sãos, podendo apenas conviver com os sãos, mas jamais ser um deles" (sic).

O imaginário social do alcoolista como uma pessoa louca pode ter raízes históricas no Brasil. De acordo com Santos e Verani (2010), no século XIX e no começo do século XX a incipiente psiquiatria nacional trabalhava com conceitos que possivelmente eram advindos deste imaginário, pois, loucura alcoólica e psicose alcoólica eram diagnósticos da época. Neste período

destacaram-se teorias que explicavam o alcoolismo fundamentadas em processos biológicos e individuais, negligenciando processos históricos, psicológicos e econômico-sociais. A culpabilização do alcoolista pela sua condição era frequente no discurso e nas práticas médicas e a internação da pessoa dependente de álcool em manicômios tornou-se prática comum na sociedade brasileira.

O alcoolismo traz sofrimento para a pessoa dependente de álcool e para a sua família, sendo uma conduta que demanda cuidado nos âmbitos social, psicológico, biológico, histórico e cultural (Bleger, 1963 /1984). A compreensão winnicottiana sobre a experiência de filhos de alcoolistas enquanto personalidade coletiva nos permitiu identificar o sofrimento emocional que desencadeia reações defensivas maciças que, por sua vez, comprometem o viver autêntico. Daqui concluímos que deva ser este o ponto de partida para práticas clínicas que incluam o bem estar dos familiares no tratamento de alcoolistas.

É importante ressaltar que o presente estudo apresenta a limitação de ter abordado especificamente filhos adultos de progenitores masculinos alcoolistas. Deste modo, destacamos a relevância de realizarmos novos estudos na temática, trabalhando de modo a focalizar o sofrimento de filhos e/ou em outras personalidades coletivas da família alcoolista como as esposas ou os pais de alcoolistas, igualmente vulneráveis. Finalmente, estudos sobre a dinâmica da família alcoolista poderiam esclarecer o papel de cada um dos atores diante da transferência/contratransferência mobilizada pelo alcoolismo parental, fornecendo subsídios para práticas de promoção de saúde e bem estar.

## REFERÊNCIAS

- Abram, J. (2000). *A Linguagem de Winnicott: Dicionário das palavras e expressões utilizadas por Donald W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Revinter. Trabalho original publicado em 1996.
- Aguiar, N. (2000). Patriarcado, sociedade e patrimonialismo. *Sociedade e Estado*, 15 (2), 303-330.
- Aiello-Fernandes, R., Ambrosio, F.F., & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2012, novembro). O Método Psicanalítico como Abordagem Qualitativa: considerações preliminares. *Anais da X Jornada Apoiar*, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil. Recuperado em <http://serefazer.psc.br/wp-content/uploads/2013/09/aiello-fernandes-ambrosio-e-aiello-vaisberg-APOIAR-2012.pdf>.
- Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2004). *Ser e Fazer: enquadres diferenciados na clínica winnicotiana*. Aparecida (SP): Idéias & Letras.
- Aiello-Vaisberg, T.M.J.; Machado, M.C.L.; Ayouch, T.; Caron, R.; Beaune, D. (2009). Les récits transférentiels comme présentation du vécu clinique: une proposition méthodologique. In Beaune, D. *Psychanalyse, Philosophie, Art: Dialogues*, Paris: L'Harmattan.
- Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2012). Paradoxo e Loucura: A radicalidade do pensamento psicopatológico de D.W.Winnicott. In I. Sucar. & H. Ramos, *Winnicott Ressonâncias* (pp. 231-237). São Paulo: Primavera Editorial.
- Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2014). Psicologia Clínica Social na esteira da Psicohigiene e da Psicologia Institucional. *Anais da XVII Jornada Apoiar*, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil. Recuperado em <http://serefazer.psc.br/wp-content/uploads/2016/06/PSICOLOGIA-CLINICA->

SOCIAL-NA-ESTEIRA-DA-PSICOHIGIENE-E-DA-PSICOLOGIA-  
INSTITUCIONAL.pdf

- Albuquerque, F.M.P., Heimerdinger, V.S., & Rodrigues, E.F. (2016). Implicações do uso de álcool no exercício das funções parentais na perspectiva do filho adolescente. *Revista Contexto & Saúde*, 16 (31), 149-164.
- Baranger, W.; Baranger, M. (1969). La situación analítica como campo dinâmico. In W. Baranger & M. Baranger, *Problemas del Campo Psicoanalítico* (pp. 129-164). Buenos Aires: Ed. Kargieman. (Trabalho original publicado em 1961)
- Beauvoir, S. (1967). *O segundo sexo: a experiência vivida*. Difusão Européia do Livro. (Trabalho original publicado em 1949)
- Beauvoir, S. (1970). *O segundo sexo: fatos e mitos*. Difusão Européia do Livro. (Trabalho original publicado em 1949)
- Benjamin, W. (1996). O narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense. (Trabalho original publicado em 1936)
- Bleger, J. (1984). *Psicologia da Conduta*. Porto Alegre: Artmed. Trabalho original publicado em 1963.
- Bonfatti, S.C. (2017). *Narrativas Interativas de adolescentes institucionalizados sobre o (des)abrigamento*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP.
- Brasil (2002). *Violência intrafamiliar: orientações para a prática em serviço*. Cadernos de Atenção Básica nº 8, Série A – Normas e Manuais Técnicos



nº 131. Secretaria de Políticas da Saúde, Ministério da Saúde: Brasília – DF.

Brasil (2003). *A Política do Ministério da Saúde para a Atenção Integral a usuários de álcool e outras drogas*. Ministério da Saúde: Brasília - DF.

Brasil (2007). *I Levantamento Nacional sobre os padrões de consumo de álcool na população brasileira*. Secretaria Nacional Antidrogas e Gabinete da Segurança Institucional: Brasília - DF.

Brittar, D. B.; Nakano, A.M.S. (2011). Violência intrafamiliar: análise da história de vida de mães agressoras e toxicodependentes no contexto da família de origem. *Texto & Contexto Enfermagem*, 20(1), 17-24.

Brockmeier, J., & Harré, R. (2003). Narrativa: problemas e promessas de um paradigma alternativo. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16 (3), 525-535.

Campos, H. R.; Alverga, A. R. (2001). Trabalho infantil e ideologia: contribuição ao estudo da crença indiscriminada na dignidade do trabalho. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 6(2), 227-233.

Carlini, E.A., Galduróz, J.C.F., Noto, A.R., & Nappo, S.A. (2002). *I Levantamento Domiciliar Sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil: Estudo Envolvendo as 107 Maiores Cidades do País – 2001*. Secretaria Nacional Antidrogas e Gabinete da Segurança Institucional: Brasília – DF.

Carlini, E.A. (2006a). Epidemiologia do Uso de Álcool no Brasil. *Arquivos Médicos ABC*, supl.2, 4-7.

Carlini, E.A., Galduróz, J.C.F., Silva, A.A.B., Noto, A.R., Fonseca, A.M., Carlini, C.M., Oliveira, L.G., Nappo, S.A., Moura, Y.G., & Sanchez, Z.V.M. (2006b). *II Levantamento Domiciliar Sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil: Estudo Envolvendo as 108 Maiores Cidades do País – 2005*. Secretaria Nacional Antidrogas e Gabinete da Segurança Institucional: Brasília – DF.

- Carrad, V.C., Pires, A. S., Paiva, R.L., Chaves, A.C.M., & Filho, M.S. (2008). Álcool e Câncer bucal: Considerações sobre os Mecanismos Relacionados. *Revista Brasileira de Cancerologia*, 54 (1), 49-56.
- Chamoud, J. (2010). Continuidade de ser e agonia primitiva: o bebê winnicottiano e a psicose. *Winnicott e-prints*, 5 (1), 1-12.
- Felicissimo, F.B. (2013). *Habilidades sociais e estigma internalizado em alcoolistas*. (Mestrado em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Juiz de Fora). Recuperado em <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/2321/1/flavianebevilaquafelicissimo.pdf>.
- Figueiredo, L. C. (2009). A psicanálise e a clínica contemporânea. In L.C. Figueiredo. *As diversas faces do cuidar: novos ensaios de psicanálise contemporânea* (pp. 13-22). São Paulo: Escuta.
- Filizola, C.L.A., Pavarini, S.C.L., Perón, C.J., Filho, J.F.P., & Nascimento, M.M.A. (2006). Compreendendo o alcoolismo na família. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, 10 (4), 660-670.
- Flick, U. (2009). *Introdução à Pesquisa Qualitativa* (3ªed). Porto Alegre: Artmed.
- Oliveira, L. (2016, agosto 22). Crise econômica provoca aumento no número de dependentes de álcool. Folha de São Paulo, Caderno Mercado. Recuperado em <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2016/08/1805776-crise-economica-ajuda-a-aumentar-numero-de-dependentes-por-alcool.shtml>.
- Freud, S. (2006). Sobre o narcisismo: uma introdução. In Volume XIV da Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago. Trabalho original publicado em 1914.

- Fulgêncio, L. (2013). Metodologia de pesquisa em psicanálise na universidade. In: C. A. Serralha & F. Scorsolini-Comin. (Org.). *Psicanálise e Universidade: um encontro na pesquisa* (pp. 27-67). Curitiba: CRV.
- Fulgêncio, L. (2015). Apontamentos para uma análise da influência do existencialismo moderno na obra de Winnicott. *Ciência e Cultura*, 67 (1), 36-39.
- Furtado, E. F., Laucht, M., & Schmidt, M. (2002). Estudo longitudinal prospectivo sobre o risco de adoecimento psiquiátrico na infância e alcoolismo paterno. *Revista Psiquiatria Clínica*, 29 (2), 71-80.
- Godoy, A.S. (1995). Introdução à Pesquisa Qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de Empresas*, 35 (2), 57-63.
- Granato, T.M.M., Corbett, E., & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2011). Narrativa interativa e psicanálise. *Psicologia em Estudo*, 16 (1), 157-163.
- Granato, T.M.M., & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2013). Narrativas Interativas sobre o cuidado materno e seus sentidos afetivo-emocionais. *Psicologia Clínica*, 25 (1), 17-35.
- Herrmann, F. (2001). *Andaimos do Real: o método da psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo. (Trabalho original publicado em 1979)
- Herrmann, F. (2004). *Introdução à Teoria dos Campos*. São Paulo / SP: Casa do Psicólogo. (Trabalho original publicado em 2001)
- Hill, E., Gomes, Gauer, G., & Gomes, W.B. (1998). Uma análise semiótico-fenomenológica das mensagens auto-reflexivas de filhos adultos de alcoolistas. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 11(1), 93-115. Disponível em

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79721998000100006](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721998000100006)

Hinrichs, J., DeFife, J., & Westen, D. (2011). Personality subtypes in Adolescent and Adult Children of Alcoholic: a two part study. *The Journal of Nervous and Mental Disease*, 199 (7), 487-498.

Silva Júnior, I.A. (2012). *O ser alcoolista: estudo compreensivo à luz da análise existencial*. (Dissertação de Mestrado em Enfermagem, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal do Ceará). Recuperado de [http://repositorio.ufc.br/ri/bitstream/riufc/5693/1/2012\\_dis\\_iasilvajunior.pdf](http://repositorio.ufc.br/ri/bitstream/riufc/5693/1/2012_dis_iasilvajunior.pdf)

Kay, J., Tasman, A., & Lieberman, J.A. (2002). *Psiquiatria: Ciência Comportamental e Fundamentos Clínicos*. São Paulo: Ed. Manole.

Loparic, Z. (1995). Winnicott e o Pensamento Pós-Metafísico. *Psicologia USP*, 6 (2), 39-61.

Lopes, A.P.A.T., Marcon, S.S., & Deceraso, M.N. (2015). Abuso de bebida alcoólica e sua relação no contexto familiar. *Estudos de Psicologia*, 20(1), 22-30.

Maciel, M.J.N., & Yoshida, E.M.P. (2006). Avaliação de alexitimia, neuroticismo e depressão em dependentes de álcool. *Avaliação Psicológica*, 5(1), 43-54.

Malbergier, A., & Cardoso, L. R. D. (2011). Personalidade e dependência de drogas. In Neto, M.R.L.; Cordás, T.A. *Transtornos de Personalidade* (pp. 143 – 154). Porto Alegre: Artmed.

Mangueira, S. O., & Lopes, M.V.O. (2014). Família disfuncional do contexto do alcoolismo: análise de conceito. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 67 (1), 149 – 154.

- Maslow, A. H. (1962). *Introdução à Psicologia do Ser*. Rio de Janeiro: Editora Eldorado.
- Medronho R.A., Bloch, K.V., Luiz, R.R., & Wernick, G.L. (2009). *Epidemiologia*. São Paulo: Atheneu.
- Mezan, R. (2014). *O Tronco e os Ramos: Estudos de história da psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Narvaz, M. G., & Koller, S. H. (2006). Mulheres vítimas de violência doméstica: compreendendo subjetividades assujeitadas. *Psico*, 37 (1), 7-13.
- Oliveira, J.B., Lima, M.C.P., Simão, M.O., Cavariani, M.B., Tucci, A.M., & Kerr-Corrêa, F. (2009). Violência entre parceiros íntimos e álcool: prevalência e fatores associados. *Revista Panamericana Salud Publica*, 26 (6), 494-501.
- Pereira, V.C.L.S., Pimentel, L.F., Espínola, L.L., Azevedo, E.B., & Filha, M.O.F. (2015). Sofrimento psíquico em adolescentes que vivenciam alteração da dinâmica familiar em consequência do alcoolismo. *Revista de Enfermagem da UERJ*, 23 (6), 838-844.
- Politzer, G. (1998). *Crítica dos Fundamentos da Psicologia: a Psicologia e a Psicanálise*. (3ª ed). Piracicaba, SP: Editora Unimep. (Trabalho original publicado em 1928)
- Portugal, F.B., Corrêa, A.P.M., & Siqueira, M.M. (2010). Alcoolismo e comorbidade em um programa de assistência aos dependentes de álcool. *Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas*, 6 (1), 1-13.
- Portugal, F. B., Campos, M. R., Carvalho, J. R., Flor, L. S., Schramm, J. M. A., & Costa, M. F. S. (2015). Carga de doença no Brasil: um olhar sobre o álcool e a cirrose não-viral. *Ciência & Saúde Coletiva*, 20 (2), 491-501.

- Reinaldo, A.M.S., & Pillon, S.C. (2008). Repercussões do alcoolismo nas relações familiares: estudo de caso. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 16, 1-7.
- Santos, A.M., Silva, M.R.S., & Silva, P.A. (2012). O cotidiano dos filhos que convivem com a mãe alcoólista. *Ciência, Cuidado e Saúde*, 11 (4), 697-703.
- Santos, F.S.D.; Verani, A.C. (2010). Alcoolismo e medicina psiquiátrica no Brasil do início do século XX. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 17 (2), 401-420.
- Santos, R.A., Portugal, F.B., Feliz, J.D., Santos, P.M.O., & Siqueira, M.M. (2012). Avaliação Epidemiológica de Pacientes com Câncer no Trato Aerodigestivo Superior: Relevância dos Fatores de Risco Álcool e Tabaco. *Revista Brasileira de Cancerologia*, 58 (1), 21-29.
- Schuckit, M. (2001). *Abuso de Álcool e Drogas: uma orientação clínica ao diagnóstico e ao tratamento*. Porto Alegre: Artmed.
- Silva, A., & Enes, A. (2013). Síndrome de Wernicke-Korsakoff: revisão literária da sua base neuroanatômica. *Arquivos de Medicina*, 27 (3), 121-127.
- Silva, C.M.P., Hildebrandt, L.M., Stumm, E.M.F., Leite, M.T., & Piovesan, S.M.S. (2011). A convivência do familiar com a pessoa alcoólista no espaço doméstico. *Revista Contexto & Saúde*, 10 (20), 43-50.
- Silva, P.A., Silva, M.R.S., & Vaz, M.R.C. (2013). Características pessoais de filhos de alcoólistas: um estudo na perspectiva da resiliência. *Avances en Enfermería*, 31 (2), 92-100.
- Souza, J., & Carvalho, A.M.P. (2005). Repercussões do ambiente familiar alcoólista para o desenvolvimento da criança: relato de caso. *Pediatria Moderna*, 46 (3), 114-119.

- Souza, J. (2008). *Filhos de alcoolista: afetividade e conflito nas relações familiares*. (Doutorado em Enfermagem Psiquiátrica, Programa de Pós-Graduação da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo). Recuperado em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/22/22131/tde-29042008-104407/pt-br.php>
- Souza, J., & Carvalho, A.M.P. (2012). Filhos Adultos de Pais Alcoolistas e seu Relacionamento na Família de Origem. *Saúde & Transformação Social*, 3 (2), 43-51.
- Stake, R.E. (2011). *Pesquisa Qualitativa: estudando como as coisas funcionam*. Porto Alegre: Editora Penso.
- Stipp, M.A.C., Assis, L.S., Leite, J.L., Andrade, M.P., Cunha, N.M., & Simões, R.D. (2007). O consumo de álcool e as doenças cardiovasculares – uma análise sob o olhar da Enfermagem. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, 11 (4), 581-585.
- Teixeira, E.P., Hoepers, N.J., Correa, S.M., Dagostin, V.S., & Soratto, M.T. (2015). O enfrentamento da família diante do alcoolismo. *Revista Saúde e Comunicação*, 11 (3), 1-14.
- Tondowski, C. S.; Feijó, M.R.; Silva, E. A.; Gebara, C.F.P.; Sanchez, Z. M.; Noto, A.R. (2014). Padrões intergeracionais de violência familiar associada ao abuso de bebidas alcoólicas: um estudo baseado em genetogramas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 27 (4), 806-814.
- Trindade, E.M.V., & Costa, L.F. (2012). Considerações sobre a Resiliência de Adolescentes Filhos de Alcoolistas no Contexto Familiar. *Comunicação em Ciências da Saúde*, 24 (2), 179-188.

- Zanoti-Jeronymo, D.V., & Carvalho, A.M.P. (2005). Alcoolismo parental e suas repercussões sobre crianças e adolescentes: uma revisão bibliográfica. *Revista Eletrônica Saúde Mental e Drogas*, 1 (2), 1-15.
- Winnicott, D.W. (1975a). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In D.W. Winnicott, *O Brincar & a Realidade* (pp. 10-47). Rio de Janeiro: Editora Imago. (Trabalho original publicado em 1971)
- Winnicott, D.W. (1975b). O Brincar: uma exposição teórica. In D.W. Winnicott, *O Brincar & a Realidade* (pp. 65-87). Rio de Janeiro: Editora Imago. (Trabalho original publicado em 1971)
- Winnicott, D.W. (1975c). O Brincar: a atividade criativa e a busca do *self*. In D.W. Winnicott, *O Brincar & a Realidade* (pp. 88-107). Rio de Janeiro: Editora Imago. (Trabalho original publicado em 1971)
- Winnicott, D.W. (1975d). A criatividade e suas origens. In D.W. Winnicott, *O Brincar & a Realidade* (pp. 108-138). Rio de Janeiro: Editora Imago. (Trabalho original publicado em 1971)
- Winnicott, D.W. (1984). *Consultas terapêuticas em psiquiatria infantil*. Rio de Janeiro: Editora Imago. (Trabalho original publicado em 1971)
- Winnicott, D.W. (1990a). Teoria do relacionamento paterno-infantil. In D.W. Winnicott, *O ambiente e os processos de maturação* (pp. 45-68). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1960)
- Winnicott, D.W. (1990b). Distorção do ego em termos de verdadeiro e falso *self*. In D.W. Winnicott, *O Ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (pp. 128-139). Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 1960)
- Winnicott, D. W. (1990a). Provisão para a criança na saúde e na crise. In D.W. Winnicott, *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a*



*teoria do desenvolvimento emocional* (pp. 62-69). Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 1962)

Winnicott, D.W. (1990b). A integração do ego no desenvolvimento da criança. In D.W. Winnicott, *O ambiente e os processos de maturação* (pp.102-135). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1962)

Winnicott, D. W. (1990c). Os objetivos do tratamento psicanalítico. In D. W. Winnicott, *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (pp. 152-155). Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 1962)

Winnicott, D. W. (1993). Fatores de integração e desintegração na vida familiar. In D.W.Winnicott, *A família e o desenvolvimento individual* (pp. 59-72). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1958)

Winnicott, D. W. (1993a). Crescimento e desenvolvimento na fase imatura. In D.W.Winnicott, *A família e o desenvolvimento individual* (pp. 29-42). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1960)

Winnicott, D.W. (1993b). Segurança. In D.W.Winnicott, *Conversando com os pais* (pp. 101-107). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1960)

Winnicott, D. W. (1993c). Família e maturidade emocional. In D.W. Winnicott, *A família e o desenvolvimento individual* (pp. 129-138). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1960)

Winnicott, D.W. (1993). A construção da confiança. In D.W.Winnicott, *Conversando com os pais* (pp. 139-152). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1969)

- Winnicott, D.W. (1994). O medo do colapso. In D.W. Winnicott, *Explorações Psicanalíticas* (pp. 70-76). Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 1963)
- Winnicott, D.W. (2000). O desenvolvimento emocional primitivo. In D.W. Winnicott, *Da pediatria a psicanálise: obras escolhidas* (pp. 219-231). Rio de Janeiro: Editora Imago. (Trabalho original publicado em 1945)
- Winnicott, D. W. (2000). Preocupação materna primária. In D. W. Winnicott, *Da Pediatria à Psicanálise* (pp. 399-405). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1956)
- Whitbourne, S.K., & Halgin, R.P. (2015). *Psicopatologia: perspectivas clínicas dos transtornos psicológicos*. Porto Alegre: Artmed.
- Woodside, M. (1988). Children of Alcoholics: Helping a Vulnerable Group. *Public Health Reports*, 103 (6), 643-648.

## **ANEXOS**

## **ANEXO 1: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

Você está sendo convidado a participar da pesquisa intitulada “Uma compreensão clínico-social sobre o sofrimento de filhos de alcoolistas”, a ser realizada pelo psicólogo Antonio Richard Carias, CRP 06/138707, como parte de seus estudos de Mestrado na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, sob orientação da Profa. Dra. Tânia Mara Marques Granato.

A presente pesquisa científica busca produzir conhecimento sobre a experiência emocional de filhos de alcoolistas em seu convívio com pai e/ou mãe dependente de álcool. Esperamos que este estudo possa beneficiar os indivíduos e grupos envolvidos direta ou indiretamente na atenção psicológica a filhos de alcoolistas, bem como a suas famílias. Esclarecemos a você, prezado participante, que a coleta de dados será realizada por meio de entrevistas em grupo ou individuais na sede dos Grupos Familiares ALANON do Brasil, na rua Antônio de Godói, 20, - 5º andar - em horário e local previamente agendados. Nesta etapa, você será convidado a completar, por escrito ou de forma oral, uma história fictícia, denominada Narrativa Interativa (NI), que foi elaborada pelo pesquisador e que versa sobre a temática da experiência de filhos de alcoolistas. Deste modo, na análise dos dados, buscar-se-á compreender a percepção dos filhos adultos de alcoolistas frente às relações parentais, sendo seus dados pessoais ou qualquer informação que o identifique retirados da pesquisa, com o objetivo de garantir o sigilo e o anonimato.

Prezado participante, esclarecemos também que a sua participação como filho adulto de alcoolista é totalmente voluntária. Portanto, não haverá nenhum tipo de remuneração por seu consentimento, nem prejuízo, caso se recuse a participar ou queira retirar o seu consentimento, o que poderá ocorrer em qualquer etapa da pesquisa.

Informamos que este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) é impresso em duas vias, ficando uma com o pesquisador e outra com você. Diante de qualquer dúvida, solicitamos que entre em contato conosco para os esclarecimentos necessários. É importante mencionar que o projeto de pesquisa em questão foi analisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da PUC-Campinas, localizado a Rodovia D.

Pedro I, Km 136, Parque das Universidades, Campinas-SP. Para quaisquer esclarecimentos éticos, o Comitê poderá ser consultado através do telefone (19) 3343-6777 ou pelo e-mail [comitedeetica@puc-campinas.edu.br](mailto:comitedeetica@puc-campinas.edu.br), sendo seu horário de funcionamento de Segunda à Sexta-feira das 08h00 às 17h00.

Conforme anteriormente exposto, para maiores esclarecimentos com relação à sua participação, favor entrar em contato com o pesquisador através do telefone celular (19) 99605-6988 ou pelo endereço de e-mail [tonerichard20@gmail.com](mailto:tonerichard20@gmail.com)

Eu,

---

\_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_, declaro que concordo em participar da pesquisa “Uma compreensão clínico-social sobre o sofrimento de filhos de alcoolistas” a ser conduzida pelo psicólogo Antonio Richard Carias.

São Paulo (SP), ..... de.....de 2017.

.....  
Assinatura do Participante

.....  
Assinatura do Pesquisador

**ANEXO 2: FORMULÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO****UMA COMPREENSÃO CLÍNICO-SOCIAL SOBRE O SOFRIMENTO DE FILHOS DE ALCOOLISTAS**

Nome: ..... Idade: .....  
Endereço: ..... Cidade: .....  
CEP: ..... Fone: ..... Celular: .....  
Estado civil: ..... Naturalidade: .....  
Escolaridade: ..... Profissão: .....  
Filhos: .....  
Cônjuge: ..... Idade: .....  
Estado civil: ..... Naturalidade: .....  
Escolaridade: ..... Profissão: .....  
Tempo de união: .....

Residência: ( ) Própria ( ) Alugada ( ) Cedida

Renda mensal:

- ( ) Nenhuma renda
- ( ) Até 1 salário mínimo (até R\$ 937,00)
- ( ) De 1 a 3 salários mínimos (de R\$ 937,00 até R\$ 2.811,00)
- ( ) De 3 a 6 salários mínimos (de R\$ 2.811,00 até R\$ 5.622,00)
- ( ) De 6 a 9 salários mínimos (de R\$ 5.622,00 até R\$ 8.433,00)
- ( ) De 9 a 12 salários mínimos (de R\$ 8.433,00 até R\$ 11.244,00)
- ( ) De 12 a 15 salários mínimos (de R\$ 11.244,00 até R\$ 14.055,00)
- ( ) Mais de 15 salários mínimos (mais de R\$ 14.055,00)

Pesquisador: .....

....., ..... de..... de 2018.